

O Guia das Garotas Para Caça e Pesca

Melissa Bank



MELISSA BANK

"This is the kind of book that can pull you out of a reading drought ...
as enjoyable as a night in watching *Sex and the City*" **TIME OUT**

the girls'
guide
to
hunting
and
fishing



THE NUMBER ONE BESTSELLER

Uma Arte

Tradução de Horácio Costa

A arte de perder não tarda aprender;
tantas coisas parecem feitas com o molde
da perda que o perdê-las não traz desastre.

Perca algo a cada dia. Aceita o susto
de perder chaves, e a hora passada embalde.
A arte de perder não tarda aprender.

Pratica perder mais rápido mil coisas mais:
lugares, nomes, onde pensaste de férias
ir. Nenhuma perda trará desastre.

Perdi o relógio de minha mãe. A última,
ou a penúltima, de minhas casas queridas
foi-se. Não tarda aprender, a arte de perder.

Perdi duas cidades, eram deliciosas. E,
pior, alguns reinos que tive, dois rios, um
continente. Sinto sua falta, nenhum desastre.

- Mesmo perder-te a ti (a voz que ria, um ente
amado), mentir não posso. É evidente:
a arte de perder muito não tarda aprender,
embora a perda - escreva tudo! - lembre desastre

“One Art”, from The Complete Poems 1927-1979, Elizabeth Bishop

‘Deixe-me falar a respeito dos homens que conheço’

Quando se trata do jogo amoroso, Jane ainda está aprendendo a jogar. Quando adolescente, ela tentou compreender os relacionamentos ao observar seu irmão mais velho apaixonar e desapaixionar-se e, agora, mais velha, mas nem por isso sábia, ela embarca em seus próprios romances.

Há o namorado com a irritantemente bela ex; o espirituoso e mundano Homem Mais Velho; o sujeito com aversão por compromisso que a chama de ‘docinho’ mas nunca usa seu nome.

Um bocado de peixes no mar – mas como você encontra um homem que vale à pena ser fogado? Quando ela finalmente recorre ao ‘Como Conhecer e Casar-se com o Sr. Certo’, um hilário e fora de moda guia para caçar e agarrar o homem de seus sonhos, Jane descobre que com amor, vida e homens, uma garota não precisa de regras...

Principiantes Avançados

“Embora o lar seja o lugar onde você pode relaxar e ser você mesma, isto não significa que pode tirar vantagem do amor e afeição que os outros membros de sua família têm por você.”

- Datilografia do Século Vinte, D.D.Lessenberry, T.James Crawford e Lawrence W.Erickson

A primeira namorada séria de meu irmão era oito anos mais velha – vinte e oito para seus vinte. Seu nome era Julia Cathcart, e Henry apresentou-a a nós no começo de Junho. Eles viajaram de Manhattan até nossa casa de campo em Loveladies, na praia de New Jersey. Quando o pequeno conversível, seu xodó, parou na entrada, ela estava atrás do volante. Minha mãe e eu observávamos da janela da cozinha. Eu disse, “Ele a deixa dirigir o carro.”

Meu irmão e sua namorada estavam vestidos iguais, largas camisas brancas metidas em jeans, exceto que ela tinha um suéter de caxemira preta sobre os ombros. Ela possuía olhos escuros, malares altos e uma linda pele, pálida, com um grande colorido nas bochechas, como uma criança com febre. Seu cabelo estava preso num rabo de cavalo frouxo com um pedaço de fita, e usava pequenos brincos de pérola.

Eu achei que talvez ela parecesse mais velha que Henry, mas era Henry quem parecia mais velho que Henry. Parado ali, parecia um homem. Deixara a barba crescer, para começar, e usava um novo óculos de sol de aros finos que o faziam parecer mais com um bon-vivant do que com um filósofo especialista entre colegas. Seu cabelo estava comprido e, embora não estivesse queimado pelo sol, era a cor ruivo-castanha de um setter irlandês. Ele me deu um beijo na bochecha, como se sempre tivesse feito isto. Então festejou nosso Airedale, Atlas, enquanto sua namorada e mamãe se cumprimentavam. Elas apertaram-se os dedos, refinadas, sorrindo como se já gostassem uma da outra e apenas esperassem por detalhes para preencher os por quês.

Julia virou-se para mim e disse, “Você deve ser Janie.”

“A maioria das pessoas me chamam de Jane agora,” respondi, soando ainda mais jovem.

“Jane,” ela disse, provavelmente da maneira que um adulto faria tentando levar uma criança à sério.

Henry descarregou o carro e pegou tudo que haviam trazido, malas grandes e pequenas, uma sacola e uma mochila. Quando estava para entrar, sua namorada disse, “Você trouxe o vinho, Hank?”

Quem quer que fosse Hank, ele trouxera.

Exceto pelos quartos e pela varanda telada, nossa casa era apenas um enorme espaço para todos os propósitos, e Henry estava lhe dando a excursão piada: “Esta é a sala de estar,” disse, gesticulando para o sofá; fez uma pausa, gesticulou novamente e continuou, “Esta é a sala íntima.”

Na varanda, ela esticou as pernas – Audrey Hepburn relaxando após a aula de dança. Julia bebericou seu chá gelado e perguntou como Loveladies recebeu este nome. Nós não sabíamos, mas Henry disse, “Deriva do nome índio do fundador.”

Julia sorriu e perguntou à mamãe há quanto tempo vínhamos para cá.

“Este é nosso primeiro ano,” mamãe respondeu.

Meu pai estava fora, jogando tênis, e sem a presença dele, eu me senti livre para acrescentar um subversivo, “Nós costumávamos ir para Nantucket.”

“Nantucket é adorável,” disse Julia.

“É adorável,” mamãe concordou, mas continuou a citar lugares desinteressantes a favor de New Jersey, baseados na proximidade com nossa casa na Filadélfia.

Em nosso último debate à respeito de New Jersey versus Nantucket, eu argumentei, forçosamente penso, que Camden nem mesmo ficava perto. Quase acrescentei que o depósito de lixo ficava praticamente a distância de uma caminhada, mas papai interrompeu. Eu sabia que ele estava zangado, mas papai manteve a voz calma: poderíamos ir à praia durante o ano todo, ele respondeu, e aquilo ajudaria a manter nossa família unida.

“Não por muito tempo,” respondi, tencionando acrescentar leviandade. Mas papai fitou-me com seus olhos estreitados, como se não tivesse certeza de que eu era sua filha afinal.

Mamãe sorriu para mim e disse que a casa ficava bem na água! Eu seria capaz de sair pela porta e nadar! Só então eu compreendi que eles já haviam escolhido uma casa; fizeram uma oferta.

“É no oceano?” perguntei.

“Perto,” ela disse, tentando manter o entusiasmo.

“A baía,” falei para mim mesma.

“Tem uma vista espetacular da baía,” ela respondeu, mas não, nossa casa ficava numa lagoa, um canal. “Como Veneza,” ela disse, como se isto significasse algo para mim.

Agora, Julia perguntou se nadávamos ali, e mamãe disse, “Absolutamente.” Eu não queria chover ácido no desfile de mamãe, mas a lagoa tinha óleo flutuando na superfície e o fundo era esgoto.

Fiquei surpresa com o fato de Henry permanecer sentado conosco na varanda por tanto tempo, enquanto mamãe mudava o tópico para o verão, tocando em questões tão controversas como milho em espiga (Silver Queen era o melhor), mosquitos (irritante) e tênis (bom exercício).

Finalmente, Henry levantou-se. Ele saiu para fora como se estivesse numa missão. Deveria estar indo checar minhas armadilhas de caranguejo ou ver se havíamos trazido as bicicletas; ele podia fazer o que quisesse.

Meu pai era do mesmo jeito: uma casa cheia de convidados, e o dever de minha mãe era providenciar comida, bebida, divertimento e conversa, enquanto o de papai era tirar uma soneca ou ler.

Enquanto Mãe recebe e Namorada é hospedada, Irmã Mais Nova levanta-se. Quando surge uma pausa nas gentilezas, eu faço minha boca mover-se num sorriso: Adoraria ficar e conversar, mas tenho que ir injetar um pouco de heroína agora.

Para o jantar, temos caranguejos que peguei do cais. Mamãe cobriu a mesa com jornais, e todos estão com impressões nos braços. Como surpresa, ela serviu Silver Queens pré-estação e pequenos nuggets de mingau. Meu irmão comeu como uma pessoa normal, ao invés de no estilo-datilógrafo; normalmente, ele chegaria ao fim de uma carreira na espiga e ding.

Em resposta às perguntas de minha mãe, Julia nos contou a respeito de seu irmão em San Francisco e irmã em Paris; ambos “compareceriam” ao baile de “gala” anual da mãe, em Southampton. Julia escolhia suas palavras cuidadosamente e usava algumas

que nunca ouvi serem ditas – ela soava para mim como se estivesse se candidatando a um emprego como dicionário. Mamãe fitou-me: não sorria afetadamente.

Por mais devagar que Julia falasse, ela abria seus caranguejos duas vezes mais rápido do que qualquer um, e eu lhe perguntei como fazia aquilo. Ela mostrou-me a chave ao lado da barriga e como puxá-la para que a casca saísse completamente. Henry inclinou-se para observar também.

Papai perguntou sobre a editora onde ela e Henry trabalhavam. Julia descreveu o chefe deles como um refinado editor e verdadeiro cavalheiro. Meu irmão exibia um riso-sorriso quando disse, “Toda manhã, quando estamos abrindo a correspondência, o sr. McBride surge com óculos de sol e diz, ‘Temos algumas rosquinhas, babies?’”

Eu mesma conheci este refinado editor e verdadeiro cavalheiro quando fui visitar Henry; e repeti agora que o sr. McBride havia dito que meu irmão “Aaron” era insubstituível.

Papai disse, “Hank Aaron,” quase que para si mesmo.

“O sr. McBride deve ser perdoado,” disse Julia, “sendo um aficcionado por baseball e octogenário.”

Eu pensei, ‘Refinados octogenários e aficcionados comparecerão ao baile de gala.’ E então, fiz minha pergunta: “Eles sabem sobre vocês dois no trabalho?”

Papai olha para mim; e eu devolvo-lhe o olhar. ‘Por que tudo que eu quero saber é errado?’ Henry muda de assunto: foi promovido de estagiário para assistente. Eu pude perceber que ele esperava que meus pais ficassem satisfeitos, e vi imediatamente que papai, pelo menos, não estava. Era difícil de dizer quanto à mamãe; ela usava a máscara na família. A questão, percebi, era a faculdade. Henry ainda não havia decidido se começaria Columbia no outono.

Ele já havia se transferido quatro vezes, ou cinco contando as duas vezes para Brown. As razões que ele dera para cada transferência sempre foram sensatas e lógicas, como “seleção de cursos melhor.” Imaginei as razões que ele não deu.

Antes de dormir, mamãe disse que Julia ficaria comigo – minha deixa. Guiei-a pelo corredor até meu quarto, que fora completamente tomado por uma cama beliche; cabiam quatro pessoas, percebi, deixando apenas uma confortável.

“Um beliche,” disse ela, como se estivesse encantada. “Como num acampamento.”

‘Uma cela,’ pensei, ‘como uma prisão.’

Perguntei-lhe qual cama queria; ela escolheu a de baixo, o que significava a de cima para mim. Trouxe toalhas limpas e deixei-a sozinha para despir-se; então bati em minha porta e ela disse, “Entre.”

Ela já estava debaixo dos cobertores, então apaguei a luz. Subi em minha cama e varri a areia de meus lençóis. Dissemos boa-noite. Alguns minutos depois, porém uma porta bateu e eu tive que explicar que os batentes das portas naquela casa não se fixavam; as portas abririam e bateriam a noite toda. Então “boa-noite” – “boa noite” novamente. Fechei meus olhos e tentei fingir que estava em Nantucket.

A casa que alugávamos todo ano possuía um sótão – uma varanda quadrada no telhado, onde as esposas dos capitães do mar supostamente observavam os navios de seus maridos. À noite, ouvíamos os estalidos e gemidos. Certa vez, eu pensei ter ouvido passos ressoando naquela varanda. Podiam-se sentir os fantasmas naquela casa, assustando-a do melhor jeito.

Se haviam quaisquer fantasmas nesta casa, eles não estavam se lamentando à respeito de maridos perdidos no mar, mas batendo portas sobre questões modernas e triviais como não serem convidados para esquiar na água.

Eu não conseguia dormir com Julia ali, e sabia que ela também não. Ficamos acordadas no escuro, ouvindo uma à outra. O silêncio entre nós parecia tão intenso quanto hostil, como uma competição de olhares fixos. Mas Julia só estava esperando que eu dormisse para que pudesse ir para o quarto de meu irmão. Ouvi seus pés descalços sobre o piso de madeira e a porta de Henry abrir e fechar cuidadosamente.

Papai e Henry foram ver barcos à vela para comprar, embora eu suspeitasse que fossem para conversar sobre Columbia. Mamãe, Julia e eu fomos caminhar na praia. Caminhei atrás delas, entrando e saindo da água, procurando por conchas. Mamãe descrevia a exposição que visitamos da última vez em que estivemos em Nova York – pratos, cristais e prataria usados pela realeza – e Julia também havia visto, à propósito.

O museu era como a casa de uma mulher velha e rica que não queria que a visitássemos; todo mundo sussurrava e pisava de leve, como se tentassem fingir que não estavam realmente ali. O livro de visitas solicitava comentários e mamãe, que nunca perdia a chance de cumprimentar alguém, escrevera o quão finamente a exposição havia sido organizada. Eu escrevi, “Tediado quase até a morte.” Experimentei isto novamente ao ouvi-las conversando sobre as louças. Elas adoraram os mesmos pratos pelas mesmas razões com o mesmo entusiasmo, e eu pensei, ‘Henry está saindo com mamãe.’

Quando contei isto a Henry, ele falou, “Minha irmã Freudiana.”

Julia estava fazendo minhas tarefas na cozinha, arrumando a mesa e ajudando sua alma gêmea a preparar o jantar. Eu estava sentada na cama de Henry enquanto ele arrumava as malas para voltar para Nova York. Ele sempre fazia alguma outra coisa enquanto conversávamos – mudava a estação do rádio, folheava uma revista, afinava seu violão. Ele não precisava olhar para mim; sabia que eu estaria lá, com minha próxima pergunta.

“Você deveria ler Freud,” disse ele, e aproximou-se de sua prateleira de livros para ver se havia algum Freud à mão. Não tinha, mas continuou dizendo que grande escritor foi Freud, como se fosse sobre isso o que eu queria conversar em nosso único momento à sós durante o fim de semana todo.

Lembrei-me de agradecê-lo pelo último livro que me mandara do trabalho, um filósofo norueguês, e ele disse, “Você leu?”

“Sim,” respondi. “Levei cerca de um mês lendo-o numa tarde.”

Ele virou-se para mim e disse, “Você sabia que seu QI sobe e desce cerca de cinquenta pontos a cada conversa?”

Eu não sabia se aquilo era um cumprimento ou um insulto, mas não gostei do modo como olhava para mim – como se eu estivesse a uma grande distância de sua nova vida. Falei, “Ninguém gosta que lhe digam isso na cara.” Então, me senti mal. “De qualquer forma,” continuei, “ $E=MC^2$.”

Henry sorriu e abriu uma gaveta. Ele me contou que tinha ido assistir uma palestra norueguesa. “Imagine tentar compreender aquela filosofia com o sotaque mais pesado que já ouviu,” disse. “Agora, acrescente um lábio leporino.”

Mas todos estavam fingindo entender a palestra, ele continuou, e imitou sérios rascunhos de anotações. Então, interrompeu-se – avistara Freud na prateleira inferior. Folheou o livro, procurando pela passagem que queria que eu ouvisse e a encontrou.

“Okay, Freud diz: ‘Apresentar os jovens à vida com tão falsa orientação psicológica à respeito de sexo é como alguém equipar pessoas para iniciar uma expedição polar com

roupas de verão e mapas dos lagos italianos.” Sacudiu a cabeça. “E é uma nota de rodapé,” disse. “Rodapé.”

Falei, “Você se parece com Commodore Peary, com sua barba.”

Ele tocou o rosto, distraidamente, do modo como homens barbados o fazem. Então me passou o livro – Civilização e seu Descontentamento.

“Então,” digo, “Julia fala sobre pratos refinados quando estão sozinhos?”

Ele responde para eu ir com calma com Julia; ela estava nervosa sobre conhecer mamãe e papai. “Tente pensar nisto sobre o ponto de vista dela.”

Decidi que faria isso mais tarde. Henry tirou uma camisa lilás do armário. “Quer isto?” Jogou-a para mim. “Comprei numa loja barata em Berkeley,” disse, referindo-se a seu último estágio como interno num laboratório de modificação de comportamento, onde ele treinava cães pastores para não pastorearem.

“Acho que o vi mais quando você morava lá,” falei. Ele respondeu que viria à praia novamente, com Julia, dali há algumas semanas. “Posso não reconhecê-lo até lá,” eu disse. “Você provavelmente aparecerá de terno e gravata.”

“Sobre o que está falando?”

“Você parece mais velho,” respondi.

“Eu sou mais velho.”

“Três meses não deveriam fazer toda essa diferença,” falei. “Sua personalidade inteira mudou.”

Finalmente, ele parou e me fitou.

“Você é Hank, agora,” falei. “Você traz uma garrafa de vinho para mamãe e papai.”

Então, ele sentou-se na cama comigo. “Devo estar crescendo,” ele disse. “Provavelmente, não estou, mas vamos dizer que sim. Isso é razão para ficar zangada comigo?”

Olhei para a camisa lilás em meu colo. Havia uma mancha enorme de tinta no bolso. Então, Julia nos chamou para o jantar.

“Vamos,” disse ele.

Jantar: conversa sobre grandes livros que todos leram ou planejavam ler, exceto eu. Julia lera apenas um de um famoso autor sobre a qual eu nunca ouvi falar e proclamara-o “extraordinário”. Pensei, ‘Você lê demais.’ Durante as despedidas, pude notar o quanto meus pais gostaram dela, e não somente por consideração a Henry; Julia era a amável, útil e articulada filha que mereciam.

Na viagem de volta para casa, eu pensei em Julia. Calculei o que uma diferença de oito anos significaria para mim – um garoto de seis anos de idade – e pensei em meu vizinho. Falei, “É como se fosse eu saindo com Willy Schwam.”

Mamãe fingiu não ter ouvido. Pude perceber o sorriso na voz de papai quando ele disse que o mais importante era que Willy e eu fôssemos felizes.

“Eu estava em dúvida, no começo,” respondi. “Pensei que seria apenas outra babá para ele. Mas então, certa noite –”

Mamãe interrompeu, “Acho que vou ficar doente.”

Eu nunca conversei seriamente com nenhum dos dois, papai ou mamãe, à respeito de amor, separado do sexo. O mais perto que chegamos foi falar sobre drogas, da qual eu não estava interessada.

No último dia de escola, percebi que não havia feito planos para o verão. Ao invés de ansiar por Nantucket em Agosto, eu estaria em casa no subúrbio e na praia em New Jersey, apenas receando a escola em Setembro.

Eu disse adeus a amigos que partiriam para selvagens aventuras e turnês adolescentes, para acampamentos com nomes indígenas e Israel. Trocamos endereços e, a cada vez que eu escrevia o meu, sentia o iminente tédio dos dias de verão por vir. Quando um amigo me perguntou o que eu faria em casa, me descobri dizendo, “Acho que vou arranjar um emprego.”

Contei aos meus pais durante o jantar. Mamãe disse, “Pensei que você teria aulas de arte e aperfeiçoaria seu tênis.”

“Poderia conseguir um emprego de meio período,” falei.

“Talvez você pudesse trabalhar no escritório de seu pai novamente,” ela disse, fitando-o.

Eu gostei de ver papai em ação, o chefe da Neurologia em seu guarda-pó branco, enquanto ele apertava as mãos de seus pacientes e os guiava para dentro de seu consultório. Mas falei, “Preciso de novas experiências, mamãe.”

“Que tal um estágio,” ela sugeriu, “em algo na qual estiver interessada?”

Lembrei-a de que não possuía quaisquer interesses.

“Você gosta de desenhar,” disse ela.

Eu lhes disse que estava pensando em ser garçonne.

“Pratique, limpando a mesa,” disse papai.

Verifiquei a seção de classificados do jornal, mas todo emprego parecia requerer experiência. De qualquer forma, liguei à minha maneira, usando as palavras que li nos anúncios: “Sou uma auto-orientada nos detalhes iniciante.” Sem sorte, no entanto. Sucumbi às aulas de arte e tênis, natação com minha amiga Linda e às idas nas missões com minha mãe.

As noites eram silenciosas. Jantar, e então eu ia para meu quarto onde escrevia cartas para meus amigos ou rabiscava. Eu desenhava pessoas reunidas em grupos, como se estivessem posando para uma fotografia que iria para um álbum.

Papai lia suas revistas de capa verde, Neurologia e Ataque, em seu estúdio. Mamãe lia o jornal na sala do café da manhã. Ela o chamaria, perguntando se gostaria de um pedaço de fruta, e eu desceria e voltaria para levar um pêssego, ameixa ou nectarina. Antes de ir para a cama, levaria Atlas para um passeio enquanto fumava um cigarro proibido.

Na maioria das noites, eu passava por Oliver Biddle, um senhor de meia-idade que ainda morava com os pais – meu próprio aviso de advertência pessoal – passeando com um schnauzer miniatura. Ele era o típico suburbano de roupas largas, do tipo que um avô usaria para jogar golfe, dando baforadas num cigarro. Ouvi rumores de que era retardado ou um gênio, mas não acreditei em nenhuma das hipóteses. Oliver Biddle era quem você se tornaria se não conseguisse encontrar alguém para amar exceto os pais.

Eu dizia, “Olá, Oliver,” e então, para seu schnauzer, “Noite, Pepper.”

Oliver correspondia ao olá, mas sempre após uma pausa, como se a cada vez estivesse decidindo se respondia ou não. No momento em que ele o fazia, eu estava há pelo menos alguns passos de distância e dizia, “Boa noite,” como se tivéssemos passado a noite juntos.

Julia e Henry haviam saído cedo na sexta e já estavam na praia, quando chegamos. Ela fez o jantar e parecia mais relaxada. Henry dificilmente pareceu ter envelhecido afinal. Após a sobremesa, convidaram-me para ir com eles ao centro de artes para ver um filme russo com legendas em inglês.

Eu disse, “Não gosto de ler durante os filmes,” e desde que Julia rira, tornou-se uma piada, e me fez sentir que eu era irreprimivelmente espirituosa. Então fui com eles. Foi o filme mais desolador que já vi; todo mundo morria do coração, de fome ou de ambos. Em casa, Julia jogou-se no sofá num desespero eslavo e disse, “Por favor, sirvam-me vodka.”

Eles não se beijaram ou seguraram-se as mãos na minha frente, embora uma vez durante o lanche, Henry tenha tipo que esfregado meu pé debaixo da mesa pensando que eu era Julia. Inclinei-me para ele e sussurrei, “Você realmente me acende.”

Eu era uma adolescente afinal, uma expert na arte da mortificação.

Na praia, deixamos nossas sandálias e chinelos no caminho com os outros sapatos, e estendemos as toalhas na areia, de frente para o oceano. Henry permaneceu em pé por um minuto, olhando ao redor, e então pulou na água.

O mar estava tempestuoso e enquanto as ondas subiam, podia-se ver claramente as águas-vivas e algas-marinhas verdes saltando. Bem onde estávamos, ramos de algas-marinhas haviam secado ao sol e estavam quase pretas. O vento soprava tão forte que as algas chicoteavam soltas e rolavam até a praia como grama. Olhei ao redor para as pessoas na praia. Um grupo de mulheres, da idade de minha mãe, usava biquínis e braceletes de ouro e já estavam profundamente bronzeadas. As realmente magras pareciam mesquinhas. Uma pequena comunidade havia arrumado as cadeiras perto de nossas toalhas. Um homem servia algo claro de uma garrafa térmica em copos de plástico esticados, enquanto uma mulher passava um saco de limas fatiadas.

Julia usava um largo vestido de praia branco e um grande chapéu de palha, e cobrira-se de protetor solar, embora permanecesse sob a sombra de um guarda-sol. Estava lendo, como de costume.

“Você realmente parece gostar de seu trabalho,” falei.

“Talvez você vá gostar,” ela respondeu.

“Não vou.”

“Como sabe?”

“Sem ouvido musical,” eu disse.

Apoiei-me sobre os cotovelos, observando Henry no mar. A água ainda estava se aquecendo, e ele era o único ali, por enquanto. Ele esperou pela onda na posição de mergulho, seu corpo de frente para nós, mas com a cabeça virada para onde as ondas se formavam. Então nadou arduamente, pegando a onda e seguindo-a até o fim da praia. Eu adorei o modo como ele pareceu no último segundo de seu trajeto – o cabelo jogado para trás, repartido em zigue-zague, seu rosto pura alegria. Às vezes, ele realmente ria alto. Quando se levantou, olhou em nossa direção, mas não conseguia enxergar sem seus óculos.

Juntei-me a ele na água. Estava fria, mas permaneci com ele e mergulhei quando ele o fez. Coloquei-me a seu lado e Henry estendeu meus braços à minha frente. Ele vinha tentando me ensinar bodysurf durante anos. “Agora espere por sua onda.” Olhou para trás. “Nade com empenho,” disse, de repente. “Agora!”

Mas eu perdi aquela onda, e a seguinte. Então Julia surgiu. Os dois nadaram além de onde as ondas quebravam, e eu saí. Sobre minha toalha, observei-os flutuarem com a vaga da onda que acabara de se formar. Então ele mergulhou e levantou a mão acima da

água, como a barbatana de um tubarão, e foi atrás dela. Vi seus braços agitarem-se enquanto ela era puxada para baixo.

No momento seguinte em que olhei, ela estava vindo em minha direção. Antes que ela colocasse o vestido, pude dar uma boa olhada em seu corpo. Ela vestia um maiô de peça única, preto, e era ainda mais magra do que suspeitei, com peitos menores do que o meu. Naquele ano, de repente, ao que pareceu, lá estavam meus peitos, e mamãe e eu tivemos que ir ao Lord & Taylor para comprar sutiãs maiores. Os garotos prestavam mais atenção em mim agora, e aquilo me deixava nervosa. Meus seios pareciam querer dizer algo a meu respeito que eu não queria que fosse dito. Meu calcanhar de Aquiles, eles me colocavam em constante perigo de humilhação.

Minha teoria era de que se você tinha seios, os garotos iriam querer ter sexo com você, o que não era exatamente um grande cumprimento, desde que queriam ter sexo de qualquer maneira. Ao passo que, se você tivesse um rosto bonito, como Julia, os garotos se apaixonariam, o que parecia acontecer quase contra a vontade deles. Então, o sexo que você teria, seria com amor.

Eu contei a teoria à minha amiga, Linda, que queria ser uma cientista social e estava sempre aparecendo com teorias ela própria. Concluí que seios estavam para sexo assim como travesseiros estavam para sono. “Os caras podem achar que querem um travesseiro, mas irão dormir muito bem mesmo se estiverem sem um.”

Ela disse, “Os caras vão dormir em qualquer lugar se estiverem realmente cansados.”

Naquela noite, quando Julia subiu em sua cama no beliche, eu lhe disse que poderia ir ao quarto de Henry agora se quisesse; ela não precisava esperar para que eu dormisse. Falei, “Acho que sou muito mais velha do que você pensa.”

Ela parou e pareceu estar escolhendo as palavras. Eu quis que ela soubesse que não precisava fazer isto também, mas não conseguia pensar num modo de dizer sem insultá-la. Ela admitiu que, na realidade, não conhecia ninguém de minha idade.

“Fico tentando me lembrar de como eu era aos quatorze,” ela disse. “A não ser pelos livros, acho que tudo com que me importava era meu cavalo, Cinders.”

Eu a imaginei num daqueles chapéus de veludo preto com pequenos laços no topo. Falei, “O que aconteceu à Cinders?”

“Garotos?” Ela sorriu para mim. Então dissemos boa noite e ela foi para o quarto de meu irmão.

No meio da noite, a caminho do banheiro, eu notei que a porta dele tinha aberto sozinha. Antes de fechá-la, eu os vi em sua cama de solteiro, dormindo num abraço frouxo, os braços dele envolvendo-lhe as costas nuas.

Alguns fins de semana mais tarde, o céu estava branco e o ar úmido; a previsão era de chuva, mas mamãe continuava olhando para o céu, dizendo que o céu com certeza iria clarear. À tarde, Julia sentara-se à mesa, fazendo anotações num manuscrito do trabalho. Assim que terminava uma página, ela as passava a Henry para que as lesse. “Junte-se a nós, Jane,” disse ela.

Estava um pouco receosa de fazê-lo; achava que poderia revelar que eu não era tão esperta quanto Julia pensara que eu fosse. Mas tomei a cadeira ao lado de Henry e li sua pilha descartada. Gostei das páginas que li, sobre uma garota cujos pais estavam se divorciando; era mais real do que eu esperava. Quando levantei os olhos, meus pais observavam a nós três e sorriam.

Eu disse a Julia o quanto gostei do livro e isso a deixou, de fato, muito entusiasmada. Na maior parte, ela editava livros para crianças, mas tinha começado a publicar alguns para a minha faixa etária, à qual ela chamava JA, ou jovens adultos.

Uma vez que meus pais estavam fora do alcance de minha voz, eu admiti que dificilmente ia na biblioteca e, quando o fazia, pedia à bibliotecária livros que ela achava serem impróprios para minha idade.

Disse a Julia que romances para minha faixa etária sempre pareciam ser sobre o que sua vida deveria ser ao invés do que era. Mesmo com as revistas. “Até os anúncios são falsos,” respondi. “Como eles mostrando um garoto pegando uma garota para um encontro, com um buquê de margaridas atrás das costas. Ninguém de minha idade vai a encontros. A palavra ‘encontro’ nem mesmo consta de meu vocabulário.”

Julia estava tão interessada que fiquei tentada a contar-lhe sobre A Casa, a choupana abandonada perto dos trilhos do trem, para onde os garotos iam para se divertir e aprontar. Eu fui lá apenas uma vez, quando um garoto da qual gostava, casualmente mencionara que estaria lá. Quando eu apareci, ele falou, “Ei.” Fumei um cigarro e tentei agir como se pertencesse ao lugar. Ele se aproximou e sentou comigo num sofá rasgado, me passando um cachimbo. Eu sacudi a cabeça e sorri, como se já estivesse realmente alta. Então ele se inclinou sobre mim, como eu queria. Mas ele sussurrou, “Você está com tesão?” – o oposto de um doce nada.

Eles tinham outros lugares para ir – Julia possuía amigos em Amagansett e Fire Island – e no fim de semana em que eles foram para Martha’s Vineyard, eu trouxe Linda à praia. Nós dormíamos na cama de baixo. Quando lhe contei que Julia se esgueirava para o quarto de Henry, ela me perguntou se eu achava que eles faziam sexo lá. Ouvi a voz de papai vindo do quarto de meus pais e me perguntei se eles poderiam ouvir.

“Você consegue fazer sexo sem fazer qualquer barulho?” sussurrei.

“Quem sabe?” retrucou.

Pensei nas palavras que Julia usava e imitei-a respirando pesadamente, dizendo, “Refinado. Extraordinário. Você não é octogenário, Hank.”

Ambas rimos, mas logo depois, tentando dormir, eu me senti terrível.

Na praia, Linda tornou-se a cientista social e disse, “No topo da hierarquia social está o homem loiro, na cadeira branca mais alta. O trono simbólico.”

“Acredito que o termo comum ‘salva-vidas’ significa seu desejo de copular,” continuei, “v.t. proteger a perpetuação das espécies.”

“Note que ele pinta seu nariz de branco,” ela disse. “Não diferente dos chefes de várias subtribos do Saara.”

O salva-vidas levantou-se e soprou o apito.

“Chamado do acasalamento,” falei.

Meus pais adoraram Linda. Naquela noite, quando dissemos que estávamos indo ver a lua sobre o mar, eles disseram, “Ótimo,” em uníssono, embora fosse tarde.

Assim que saímos pela porta, eu me imito dizendo, “Estamos indo roubar uma loja de bebidas alcoólicas!”, e meus pais respondendo, “Ótimo!”

Na praia, uma multidão enorme está sentada ao redor de uma fogueira, e minha corajosa amiga se aproxima e senta no círculo. Eu resolvo segui-la.

Havia um barril, mas quando alguém perguntou se gostaríamos de uma cerveja, Linda respondeu, “Bem que gostaríamos.” Não entendi o que ela quis dizer até que uma garrafa comunitária foi passada para ela e Linda a passou direto para mim, dizendo, “Lembre-se dos três D’s de Desintoxicação: não, não, não.”

Passei a garrafa, como se estivesse exercendo um heróico autocontrole.

Ela pergunta, “Você ainda tem flashbacks?”

“Acho que sempre terei,” respondo.

“Lembre-se,” ela continua, “nunca diga ‘sempre’.”

“Eu realmente aprecio seu apoio.”

“Ajuda a me manter forte,” diz ela.

“Todo dia é um presente.”

Os pais de Linda estão levando-a para a Disney World, contra sua vontade, mas ela veio à praia uma última vez. Foi o fim de semana em que vimos uma casa surgir sobre a lagoa, no lote desocupado que nos dava a vista da baía. Acordei ao som de batidas de martelo e música rock. Linda ainda estava dormindo. Fui até a varanda, onde meu pai encontrava-se em suas roupas de tênis, calções e uma camisa pólo brancas sem meias, como se a visão dos operários o tivesse aborrecido demais para continuar se vestindo.

A estrutura da casa já estava em pé – vigas de madeira laranja, novinhas em folha, escondendo a vista que eles em breve bloqueariam completamente. Coloquei um braço nas costas de papai, do mesmo modo que ele fazia comigo quando eu estava aborrecida. “Seremos capazes de olhar direto em suas janelas,” falei, brilhantemente. “Será ótimo.”

Ele beijou o topo de minha cabeça. Mamãe disse, “Julie e Henry já deverão estar por aqui quando vocês voltarem do tênis.”

“Julia,” disse ele. O problema com nomes de mamãe era uma piada particular entre eles, como uma velha canção, e ele disse o refrão, “Qual é o nome do encanador, Lon?”

“Pete McDaniel?” ela respondeu, sorrindo.

“Dan McGavin,” disse ele, sacudindo a cabeça. Fiquei aliviada por ouvir papai rir, embora pensasse que eles estivessem fartos de novas piadas.

Julia e Henry apareceram na praia depois do almoço. Quando apresentei Linda, a expressão de meu irmão lembrou-me do quanto ela era bonita e, por um segundo, desejei não tê-la trazido. Ela era tão boa em cavalgar ondas quanto Henry e eles permaneceram no mar por um longo tempo.

Eu entrei na água e sai. Julia sentara-se sob o guarda-sol, tricotando um suéter. Era lindo – com gola e de cor creme, e das outras vezes em que a vi trabalhando nele, eu me perguntei se seríamos tão chegadas a ponto de ela tricotar um para mim. Mas agora, eu estava preocupada com o fato de que tricotar pudesse fazê-la parecer velha demais para Henry. Minhas avós tricotavam.

Ela e Henry saíram para ver se meu pai havia comprado o barco que estivera examinando. Depois que se foram, Linda usou sua voz de cientista social e disse, “Uma forma de construção do ninho, sinais de tricô prontos para acasalamento.”

“Por favor, não diga isso,” respondi. “Eu gosto dela.”

Papai havia comprado o barco e, de volta a casa, Henry perguntou se Linda e eu gostaríamos de experimentar. Ele velejara antes, em Nantucket, mas Julia era uma

marinheira melhor por um milhão de nós. Ela se movia no barco como se tivesse velejado a vida toda, e provavelmente velejara.

Tivemos que ancorar fora do lago. Ela nos disse para segui-la e então, quando gritou, “Hard a-lee,” Henry imitou-a e riu. Lembrei-me de papai caçoando de minha mãe, exceto que Julia pareceu não gostar e isso não fez Henry parar. Foi quase doloroso não rir com meu irmão, mas não o fiz, e nem Linda.

Antes do jantar, enquanto Linda tomava banho fora e Julia dentro, Henry e eu sentamos na varanda, esperando pela nossa vez. A casa do outro lado do lago tinha paredes agora, e não conseguíamos ver o pôr-do-sol na baía. Ainda assim, era o fim do dia, o único momento ali que me lembrava de Nantucket. As luzes eram quentes e rosadas, e faziam as árvores e a água parecerem suaves – era como ver tudo através de uma recordação terna.

Eu perguntei a Henry se eles se divertiram em Martha’s Vineyard. Ele disse, “Foi legal.” Ele me contou que ficaram num albergue, como se isso explicasse algo, e eu esperei para ouvir o que significava.

Então ele disse que decidira entrar para Columbia no outono. Falou de um modo importante, e eu me perguntei se ele pensava que começar na faculdade significaria romper com Julia. Talvez ele já estivesse se vendo no campus, e pensando que ela não se encaixaria. Eu falei, “Você ainda estará em Nova York.”

Ele assentiu. Meu pai ficou feliz, é claro. Ele provavelmente não se tranquilizaria por um tempo, afinal; talvez não até que, de fato, visse Henry numa toga e chapéu de formatura.

No fim de semana do Dia do Trabalho, Henry e Julia foram a Southampton, para a grande festa da mãe dela. Meus pais tinham uma festa para ir também e, naquela noite, levando Atlas para passear, eu ouvi festas em ambos os lados do lago.

Acho que Oliver Biddle e eu provavelmente éramos os únicos que não haviam sido convidados para nenhuma. Para me animar, eu disse a Atlas, “É só você e eu, Pepper.”

Vovó veio no domingo. Estava chovendo, o que afetava sua artrite e a deixava mais excêntrica ainda do que o normal. Ela fazia perguntas como, ‘Louise, por que está vestindo esses shorts?’ Papai se recolhera ao quarto para uma soneca. Quando ela fez sua pergunta padrão, “Lembra-se do corte de cabelo que você fez em Paris naquela primavera?”, referindo-se ao primeiro ano de minha mãe no estrangeiro, vinte e cinco primaveras atrás, mamãe fingiu um bocejo e disse que estava indo tirar um cochilo.

Assim que vovó e eu ficamos sozinhas, eu disse, “Acho que mamãe gosta do cabelo do jeito que está agora.”

“Parecia melhor antes,” disse vovó.

“Como se sentiria se gostasse de seu cabelo curto, e sua mãe ficasse dizendo que parecia melhor comprido?” perguntei.

“Usaria comprido se pudesse,” ela respondeu. Então se virou para mim, “Você deveria escovar os cabelos, Jane,” disse. “Ficaria bonita se tentasse.”

Eu nem mesmo fingi um bocejo, apenas fui para o quarto de meus pais. Eles estavam lendo na cama, e enfiei-me no meio. “Ela está obcecada com aquele corte de cabelo de Paris,” respondi. “Como se parecia afinal?”

“Não tenho idéia,” disse mamãe.

“Ela é obcecada por cabelo, ponto final,” eu falei, embora meus pais parecessem estar lendo ao invés de ouvindo. Disse-lhes que vovó parecia acreditar que as janelas da alma eram cabelos ao invés de olhos.

Mamãe deu risada. Perto da mãe dela, ficava com minha idade.

Papai disse, “Cabelos são o telhado da alma.”

Antes do jantar, vovó lia o jornal, reprovando e queixando-se para ninguém em particular de que o mundo estava indo para o inferno. Tudo estava errado, nada era do modo como costumava ser.

“O que a senhora acha que era tão bom a respeito dos bons e velhos tempos?”, perguntei exasperada. Mas percebi o quanto minha voz soou rude e não gostei. Falei, “Do que sente falta, eu quero dizer?”

Enquanto ela pensava, eu esperei para assinalar meu ponto de vista: que tudo era muito melhor agora do que costumava ser; eu citaria os direitos civis e os movimentos feministas.

“O garoto que acendia as lâmpadas da rua à noite,” respondeu ela, finalmente. “Ele carregava um banquinho consigo.”

E então, eu compreendi – era como sentir falta de Nantucket, e coloquei minha mão sobre a dela. Ocorreu-me que tudo era mais complicado do que pensei.

Estávamos terminando a sobremesa quando Henry e Julia apareceram. Imediatamente, mamãe agiu como se estivéssemos fazendo uma grande surpresa para vovó – Vejam! Aqui está Henry! Ele nem mesmo pareceu notar. Ele deixou que mamãe apresentasse Julia, que tentava sorrir e não estava tendo muito sucesso.

Talvez vovó pudesse ver que Julia era mais velha, ou desaprovasse qualquer namorada que Henry trouxesse em casa; ela lhe deu um grande abraço – como se Henry ainda fosse um garotinho e pertencesse a nós – e para Julia, um gelado “Como vai?”

Henry sentou-se no lugar mais afastado de Julia. Ele não a fitou e, alguns minutos mais tarde, foi para o quarto. Eu esperei um instante que ele voltasse e, quando não o fez, fui atrás dele.

“O que está fazendo?” perguntei.

Ele não respondeu. Estava segurando sua guitarra, mas apenas movendo os dedos sobre os acordes que não tocava.

“Julia está lá sozinha,” falei. “Com vovó.”

“Ela pode se cuidar sozinha,” respondeu.

“Ela não deveria ter que se cuidar sozinha,” eu disse, e voltei para a cozinha.

Vovó havia começado a lavar os pratos. Eu disse que faria aquilo, mas ela apenas afastou-se um pouco. Comecei a enxaguá-los e entregá-los para que vovó os colocasse na máquina de lavar pratos. Ela ficava me devolvendo para que os enxaguasse novamente. “Você não está os lavando apropriadamente,” disse.

“Estou apenas enxaguando,” respondi. “A máquina de lavar deveria lavá-los. É por isso que se chama máquina de lavar pratos.”

Papai me deu um olhar severo. Eu estava prestes a abandonar meu posto na pia, mas permaneci no mesmo lugar, pelo bem de Julia. Eu era seu escudo.

Imaginei que estávamos em Paris, na época da guerra, e meu serviço era distrair a armada nazista para que Julia, uma mulher judia que estávamos escondendo, pudesse escapar; eu era a sua única chance. Foram meus pais quem escaparam, para o quarto, embora nem mesmo fosse dez da noite.

Julia estava somente esperando para ir ao quarto de Henry e conversarem. Mas eu sabia que vovó ficaria acordada, assim como nós. Quando sugeri uma caminhada à Julia, vovó protestou, mas fomos assim mesmo.

Na entrada da garagem, Julia disse, “Eu adoraria um drinque.”

Eu lhe disse que sabia de um lugar onde poderíamos ir.

“Apenas uma suposição,” disse ela. “Mas eu não acho que seus pais vão querer que eu a leve num bar.”

“É verdade,” respondi. “Mas não é só um bar, entretanto.”

Voltei correndo para dentro e pedi a Henry as chaves do conversível. Falei, “Julia e eu vamos sair para beber e encontrar homens.”

Ele apenas apontou para as chaves em sua escrivaninha.

Havia parado de chover, e Julia abaixou a capota do carro, o que me deu a impressão de que estávamos embarcando na Grande Aventura de Julia e Jane. Ao fitá-la, percebi o leve sorriso que surgiu em sua boca. Ela puxou um lenço de seda do compartimento porta-luvas e envolveu o cabelo, prendendo-o ao redor do pescoço, no estilo estrela de cinema. Eu me perguntei como ela fazia aquilo, e decidi que lhe pediria para mostrar em outra hora, quando não estivesse aborrecida.

Quando chegamos ao restaurante, eu puxei meu maço de cigarros e ela perguntou se podia pegar um. Mas pareceu sentir-se culpada, como se fosse culpa dela que eu estivesse fumando em primeiro lugar. Depois que ela pediu um copo de vinho e estava bebendo, eu lhe perguntei o que havia acontecido.

“Gostaria de saber,” disse ela. “Foi uma festa enorme,” continuou. Todo mundo estava lá, toda sua família e amigos de longa data. “Hank pareceu não gostar de ninguém, entretanto.”

Ela disse que talvez tivesse sido duro para ele conhecer sua família. “Minha família não é como a sua,” disse; todos eram divorciados pelo menos uma vez, e havia meio-irmãos, irmãs e tudo mais. Disse que seus pais haviam se divorciado e então casado um com o outro novamente, o que me fez recordar de Henry transferindo-se duas vezes para Brown. “Eles sempre estão a ponto de romper ou voltar a ficarem juntos.”

“Sempre foi assim?”

“A primeira vez que minha mãe partiu, eu era bem mais jovem do que você,” ela respondeu. “Havíamos acabado de nos mudar para Connecticut, para essa bela casa. Havia uma piscina toda pintada de preto, e lâmpadas penduradas de um modo que as árvores refletiam na água. Quando meus pais davam festas, eu observava da janela de meu quarto. Era como se os convidados estivessem nadando numa floresta debaixo da água.”

“Parece lindo,” respondi.

“Mágico.” Ela olhou para meus cigarros, perguntando se eu me importaria se pegasse outro, e eu assenti. ‘Vá em frente.’

“Era Setembro quando mamãe foi embora. À noite, papai costumava ir até a piscina e nadar em voltas, mesmo que estivesse frio. A piscina estava coberta de folhas, mas ele nadava bem no meio delas. Assim que saía, havia uma trilha aberta no meio da piscina, e eu podia ver o reflexo dos galhos na água.”

Então, ela ficou quieta. Não estava chorando, mas manteve os olhos cobertos com a mão como se estivesse. Achei que ela estava aborrecida a respeito dos pais novamente, além de Henry. Então eu lhe disse todas as coisas boas que meu irmão havia dito a seu respeito, cada cumprimento que pude lembrar e cada comentário que pudesse ser interpretado como um cumprimento. Então listei todos os seus traços positivos e coisas que a vi fazer bem.

“Não funciona assim,” disse ela, e eu esperei que me contasse como funcionava. Talvez tenha percebido isso porque continuou: “Às vezes, você é amada por suas fraquezas. O que não pode fazer às vezes é mais convincente do que o que você pode.”

Por um segundo, senti esperança por mim mesma. Mas amar pelas fraquezas parecia uma fraqueza por si só. “Acho que Henry a ama,” falei, e então percebi que não sabia. “Como não poderia?”

Ela pareceu cansada. Eu contei-lhe a verdade, que ele era diferente com ela, comparado às outras namoradas que trouxera para casa. Com elas, ele agia como se apenas acontecesse de estarem lá. Assim que eu falei isto, no entanto, lembrei dele não sentando com ela durante a sobremesa. Era como ele se comportara com as namoradas antes.

Ela olhou direto para mim. “Ele não diz que me ama.”

Julia parecia estar perguntando se Henry havia me dito que a amava – o que me fez sentir ainda pior por ela. “Você alguma vez lhe disse?” perguntei com meu tom de voz de conselho. Eu estava agindo como se soubesse de algo, quando não sabia – talvez como se conhecesse Henry bem o suficiente para contar a ela o que fazer a seu respeito.

Mas seu rosto suavizara e parecia novo outra vez, e ela estava assentindo, como se talvez eu tivesse acertado. Tentei voltar atrás e falar sobre o que eu sabia. Contei-lhe sobre uma garota que ele trouxera para casa, de Cornell; eu tinha perguntado a Henry se ela era sua namorada e ele respondeu, “Quando você define algo, você a limita.”

Julia sorriu como se estivesse sentindo pena por essa outra garota. Tudo que eu disse pareceu assegurá-la agora de que seus problemas com Henry eram pequenos e eu receei que não fossem. Finalmente, eu falei, “Se não der certo com Henry, há sempre Cinders.”

Ela riu e disse que Cinders havia morrido há anos.

“Bem,” continuei, “existem muitos outros cavalos.”

Quando voltamos para casa, somente a luz do vestíbulo estava acesa, e Julia disse, “Vou conversar com Henry um pouco.”

“Boa sorte,” respondi, - assim que falei, vovó surgiu no vestíbulo e então Julia foi forçada a permanecer na terra dos beliches sem homens conosco.

Eu acordei tarde. Vovó já tinha ido embora. “Ela não quis acordá-la,” disse mamãe. “Teve uma festa para ir, na Filadélfia.”

“Ela é uma louca por festas,” respondi.

Mamãe sorriu. “Gostaria que você tivesse visto o quanto ela estava bonita.”

Aquilo me fez recordar de vovó dizendo que eu poderia ficar bonita se tentasse. Eu não contei a mamãe, mas ainda me sentia traída por seu espírito de perdão. Perguntei, “A beleza não é um acidente, mamãe?”

“Ela se veste tão bem, entretanto,” disse mamãe, e começou a descrever a saia de pregas, saltos altos e luvas brancas que sua mãe estivera usando. Deixei-a terminar e então perguntei onde Henry e Julia estavam. “Eles acabaram de sair para jogar tênis,” ela respondeu. “Por que não pega sua raquete e se junta a eles?”

Fiquei surpresa pelo fato de eles estarem jogando tênis ao invés de conversar sobre seus problemas. Mas talvez eles já tivessem conversado. Talvez tudo estivesse bem agora. No caso de estar, coloquei minha raquete no cesto da bicicleta e pedalei até as quadras.

Eles ainda estavam se aquecendo e não me viram. Julia usava um vestido de tênis e parecia arrumada e bronzeada. Henry vestia calções e camiseta regata, que supostamente não deviam ser usados em quadra.

“Vamos jogar,” disse meu irmão.

Julia rodopiou sua raquete e eu a ouvi dizer, “Pesado ou leve?”

“Pesado,” disse ele como se fosse uma piada. Então eles me viram e Henry perguntou, “Você quer jogar?” Respondi que queria assistir.

Era o saque de Julia. Ela possuía ótima forma – eu podia ver anos de lições em cada golpe. Henry aprendera como jogar sozinho e estava apenas devolvendo a bola do modo como podia – backhand, forehand ou no meio se tivesse que jogar, não importava. As jogadas dele eram tão impossíveis de devolver quanto perdidas – uma bola atravessara a cerca e tinha ido direto para dentro do lago.

Ele perdeu o primeiro jogo e ela aproximou-se da rede.

“O quê?” disse ele.

“Trocamos de lado,” ela respondeu.

“Okay.”

Assim que passaram um pelo outro, Henry deu um tapinha com a raquete no traseiro dela, apenas de leve, mas não pareceu carinhoso.

Ele nunca aprendera a segurar duas bolas de uma vez, então colocou uma atrás dele, a seus pés. Ele possuía um saque hilariante – dobrava os joelhos e inclinava a raquete ao mesmo tempo. Mas o saque foi forte e Julia teve dificuldade em devolver a bola. Ele venceu aquele jogo e caminhou até a rede, sem recolher as bolas para ela.

“Não trocamos de lado,” disse ela.

“Eu achei que você acabou de dizer que sim.”

“Em jogos estranhos,” ela retrucou.

As regras não eram novidade para Henry e eu o encarei. Eu não sabia o que ele estava fazendo, mas não queria assistir. Falei, “Vocês, caras, parecem bem aí.”

Julia perguntou se eu queria entrar no seu lugar, mas agradeci de qualquer forma e subi em minha bicicleta. Em casa, papai estava lendo um livro que Julia lhe dera.

“É bom?” perguntei.

“Muito bom,” disse ele.

Ele perguntou como foi o jogo de tênis e eu lhe disse que Julia era uma ótima jogadora. “Como Henry se saiu?” Eu imitei o saque de Henry e meu pai riu.

Então, eu falei, “Algo está errado entre eles.”

“Isso acontece,” disse ele.

Papai não estava me dispensando; estava dizendo que os problemas deles não pertenciam a nós. Olhei na direção do lago, para a nova casa. Estava quase terminada. Havia sido erguida com incrível rapidez – com cuspe e fita adesiva, disse papai – era enorme e lembrava-me a casa de uma pessoa rica num desenho animado de Walt Disney, com colunas e um teto elaborado que descia como um escorregador de água. Eu a chamei de Palácio Splash.

Deixou-me triste, observá-la, e disse isto a papai. “Você acha que algum dia voltaremos a Nantucket como uma família?”

“Eu não sei, amor,” ele respondeu.

Então papai perguntou o que eu sentia falta com relação a Nantucket. Foi diferente do modo como ele normalmente conversava comigo; se eu tivesse um problema, ele tentaria me ajudar a resolvê-lo. Mas lembrei de nosso último debate a respeito de Nantucket, e não tinha certeza se era seguro dizer como eu realmente me sentia.

Mesmo assim, eu tentei lhe contar. Senti coisas que não consegui expressar – elas tinham a ver com a luz do sol se infiltrando através das velhas e enormes árvores

frondosas, e a neblina sobre as pedras arredondadas à noite – e dei nome às coisas que pude: os concertos de música aos quais íamos em Straight Wharf, os filmes mudos na igreja, o museu enorme nos dias chuvosos. Porém, enquanto falava, eu percebi que não tínhamos feito estas coisas no último verão que passamos lá. Fiquei preocupada com o fato de que, talvez, o que eu mais sentia falta, nunca teria novamente; em Nantucket ou qualquer outro lugar.

“O que mais?” ele perguntou, e sua voz era tão gentil que senti vontade de chorar, e então chorei. Ele me deu seu lenço, que cheirava a tabaco do cachimbo que guardava num saquinho em seu bolso traseiro. “O que mais?”, perguntou novamente.

Eu lhe contei que sentia falta de observar as estrelas do Observatório Maria Mitchell e pescar no Lago Hummock. Quando eu disse, “As aulas de natação na praia infantil,” ele riu porque eu costumava me queixar delas amargamente. Em reconhecimento à minha coragem, ele me levava para jantar ao fim de cada verão, apenas nós dois. Ele perguntou se eu lembrava de nosso primeiro jantar, no Vincent’s, e eu assenti. Ele disse que eu levei o cartão que me certificava como principiante avançada e o mostrei ao garçom. Devolvi seu lenço.

Então, ele disse, “Quer sair para almoçar comigo agora?”

E nós fomos.

Então eu não consegui dizer adeus a Julia. Sobre a mesa de correspondência, eu encontrei um pacote que ela enviara para mamãe. O cartão era uma aquarela de um barco à vela. Embora o bilhete começasse com “Querida Louise,” eu o li para ver se havia algo sobre Henry. Ou eu. Mas ela apenas escrevera sobre velejar e a praia, e o quanto gostara de nos conhecer – até o P.S.: “O anexo é para Jane.”

Estava embrulhado como um presente – pequeno demais para ser o suéter que eu esperara – mas fiquei emocionada. Ela havia me dado uma cópia de ‘O Grande Gatsby’ e escrevera uma única frase na primeira página: “Isto parece impróprio para sua idade.”

Eu sabia que Julia e Henry tinham rompido, mas achei que talvez eles voltassem a ficar juntos, como os pais dela. Esperava que ela viesse à praia com Henry, fazendo uma surpresa. Por via das dúvidas, trouxe meu melhor desenho para lhe mostrar.

Mas Henry chegou sozinho. Ele havia se barbeado. Dava para ver a leve sombra de palidez onde sua barba estivera. Fora isso, seu rosto era o mesmo de sempre. Ainda assim, demorei a me acostumar. Ninguém mencionou Julia.

Voltei para meu quarto e olhei o desenho novamente, criticamente, como se o fato de Julia não aparecer provasse que não era bom. Era como todos os meus outros desenhos – somente pessoas reunidas em pé. Eu nunca seria capaz de ilustrar um livro infantil, decidi, a não ser que houvesse um sobre perda de tempo.

Estava calor na praia. Verão Índico. Henry contou-me que começaria a escrever um romance.

“Talvez Julia possa ajudar,” eu falei. “Ela edita livros infantis.”

Eu percebi o quanto ele ficou magoado e pedi desculpas. Mas eu lhe disse que gostava de Julia e queria saber por que eles haviam rompido.

Ele não respondeu de imediato. Então me contou a respeito do baile de gala em Southampton. A casa era enorme, disse, e bem junto da praia. Havia pelo menos uns

cem convidados – talvez duzentos – e uma banda foi contratada para a festa. Disse que Julia provavelmente havia lhe dito para vestir um terno escuro, mas ele esqueceu ou pensou que não era importante. Eles tiveram que emprestar um para ele. Henry imitou o pai dela dizendo, “Tudo que Blaine tem a fazer é embarcar na onda.”

Henry pareceu antipatizar com o pai dela em especial. Descreveu o terno emprestado em detalhes – as mangas eram curtas demais, e era largo – mas todos lhe disseram como ficara maravilhoso. Outros homens estavam vestindo smoking.

Todos estavam bebendo um bocado, disse, e ele bebeu também. Julia continuou apresentando-o às pessoas, mas Henry respondeu que não conseguiria lembrar seus nomes, e eles não pareciam querer conversar com ele de qualquer forma. Fez piadas – sobre o porquê se transferira para tantas faculdades, por exemplo – mas ninguém riu. Quando Julia convidou-o para dançar, ele disse que não deveria se dançar jazz. Mas ele apenas não sabia como.

Havia um bocado de pessoas que Julia não via há um longo tempo. Todos queriam conversar com ela. E dançar. Então, lá se foi ela.

Ele foi ao bar e ficou lá por um tempo. Mas estava no caminho das pessoas que iam pegar seus drinques. Afastou-se para um canto da multidão e apenas ficou observando. De repente, parecia que ele estava bêbado, dentro de um terno que não servia, numa festa onde não conhecia ninguém e estava sozinho.

Eu sei como me sentia em festas. A pior coisa era ser flagrada sozinha; aquilo parecia provar que não valia a pena conversar com você. Percebi que devia ter sido bem mais difícil para ele, porque Julia viu.

Contudo, ele parecia culpá-la por tudo. Não em palavras – não havia nada que eu pudesse apontar ou perguntar a respeito. Pude perceber o quanto foi difícil para ele me contar, e tentei ser gentil quando disse, “Mas foi somente uma festa ruim.”

Ele não respondeu. Comecei a dizer, ‘Você não a ama?’ mas lembrei de Julia me dizendo, ‘Ele não diz que me ama.’ Ao invés disso, falei, “Achei que você realmente gostasse dela.”

“Eu gostei,” disse Henry. “Julia é ótima.”

“Eu a amei,” respondi.

Ele assentiu. Então disse, “Havia muita diferença de idade.” Soou para mim como ‘seleção de cursos melhores’, e fitei-o para confirmar mas ele fingiu não ver.

No jantar, ele comeu seu milho no estilo datilógrafo e contou-nos histórias engraçadas sobre Nova York. Saíra com uma dançarina do meio-oeste. Ele disse que quando ela chegara a Nova York pela primeira vez, os traficantes ao redor da Washington Square haviam dito, “Paradas soltas, paradas soltas,” e ela dissera, “Obrigada.”

Depois do jantar, ele ficou na varanda, conversando com papai sobre os cursos que estava pegando e quais créditos iria transferir das outras faculdades. Disse que iria graduar-se em Columbia, e papai disse, “Bom.”

Mamãe e eu estávamos limpando os pratos, e ela sorriu quando ouviu isto. Foi flagrada em nossa reunião conjunta. Era uma comemoração. E quando me perguntou, “O que há de errado?” era, em parte, uma reprimenda.

Naquela noite, sozinha com todas aquelas camas vazias, eu não conseguia dormir. Levantei-me e saí para o cais, de pijama. Terminei Gatsby e olhei para o lago,

esperando ver uma luz verde. Mas nenhum deles estava com as luzes acesas. Apenas uma casa tinha luzes, e a luz era apenas o azul de um aparelho de TV.

Eu tentei compreender o que Henry havia me dito. Mas fiquei preocupada com isso também. Outras pessoas poderiam não tentar compreendê-lo com tanto empenho quanto eu. Eu sempre ficaria ao seu lado, não importa o que aconteça. Meus pais também. Tudo que ele realmente tinha que fazer conosco era aparecer.

Mais havia sido esperado dele como namorado de Julia naquela festa. Mais seria esperado dele em qualquer lugar. Eu não sabia o que havia acontecido entre ele e Julia. Fiquei assustada ao pensar que meu irmão falhara em amar alguém.

Eu mesma não tinha idéia de como fazê-lo.

A Casa Flutuante

“Insistir em jogar um jogo para a qual, após um justo espaço de tempo, você não possui nenhuma aptidão natural é frustrante para você e aborrecido para todos, exceto para os oponentes mais complacentes.”

- O Livro de Etiqueta de Amy Vanderbilt: Um Guia para uma Vida Afável

É a manhã de nosso vôo. Jamie serve seu café e o meu sobre a mesa de jantar e volta para a cama comigo. Esta tarde estaremos em St. Croix, como convidados da ex-namorada de Jamie e seu novo marido. Agora, eu me sento e, sem me dar o vá em frente, falo, “Querido, de repente estou com uma sensação estranha à respeito dessa viagem.”

Ele olha para mim. Tento pensar em como dizer isso. “Eu não conheço essas pessoas.”

“Você estará comigo,” diz ele.

Jamie possui uma bela voz, profunda e particular, e me detém por um momento. Então, eu digo, “Apenas que parece embaraçoso. Sair de férias com a ex-namorada de seu namorado.”

Ele me diz que não pensa em Bella desse modo, ela é apenas uma velha amiga agora. Eu pergunto, “Como se parece sua velha amiga Bella?”

Ele ri e me puxa para um beijo. “Era faculdade,” ele responde, pronunciando ‘faculdade’ do modo como eu agora pronuncio ‘colegial’.

Enquanto ele toma sua ducha, eu observo-o através das partes claras, os oceanos, de sua cortina de chuveiro do mapa-múndi.

Quando ele sai, diz, “Confie em mim.”

De Nova York para San Juan, Jamie dorme. Eu tiro seu boné de baseball e toco seu cabelo, que desce por trás de suas orelhas e dá a volta. Ele está vestindo uma camiseta branca, jeans velhos e tênis. Ele é alto e magro, todo pernas, como um potro. Jamie é meu primeiro namorado de verdade. Estamos juntos há três meses.

Para mim, começou na noite em que ele me disse que não poderia dormir com uma mulher a menos que realmente a amasse.

“Sou monogâmico por natureza,” disse.

Eu respondi, “Igualmente.”

Pousamos em St. Croix e descemos do avião para um minúsculo aeroporto. Vejo um homem segurando um cartaz que diz JANE E JAMES, e penso, ‘Eles mandaram um carro para nós?’

Mas Jamie ri e diz, “Lá estão eles.”

Bella é expressivamente deslumbrante – grandes olhos escuros, longos cabelos e uma suave pele bronzeada. Ela diz, “James,” que soa como ‘gems’ e o beija – cheek, cheek.

O homem, que achei que era o motorista, apresenta-se como Yves, o marido de Bella e quando me beija, eu penso, ‘Céus, que lábios macios ele tem.’

Bella toma minhas mãos nas suas, como se estivesse esperando há um longo tempo para me conhecer. Diz, “Janie,” meu apelido de infância, e fico tão desconcertada por sua cordialidade que digo, “Belly.”

Por um momento, espero que ninguém tenha ouvido, mas guiando-nos até seu jipe, Yves sussurra para mim, “É Bella.”

A viagem até a casa é toda vento. Jamie inclina-se para frente, no espaço entre os bancos dianteiros, para conversar com Bella. Quando paramos na entrada, ela pula do jipe para destrancar o portão. Antes, porém, ela aproxima-se majestosamente de uma placa na parede, A CASA FLUTUANTE. Jamie aperta minha mão. Eu começo uma piada a respeito de ter conhecido apenas casas genéricas, mas o jipe sacode para frente e entra no pátio cercado.

A casa é fresca e espaçosa, com pisos de cerâmica branca na varanda e, de cada janela, pode-se ver o mar caribenho azul-esverdeado. Bella nos mostra a vista de nosso quarto. Quando ela fala, sua voz é uma orgia de acentos.

“Meu padraço é o arr-qui-teto,” ela nos conta. “Ele desenhou as janelas de modo que possamos sentir a água. Vocês verão, a casa é refrescante.” Suas vogais e consoantes são todas fechadas – tentar compreendê-la é como pescar peixes dos trevos e cabras do mar.

Yves nos prepara drinques, rum e o que quisermos, e leva a bandeja para a varanda. Abaixo, o pátio é comprido e íngreme, margeado por árvores floridas ao longo do deque.

Bella diz a Jamie, “Alessandra manda todo seu amor.”

Enquanto Yves me pergunta sobre o vôo, a neve, o bracelete que estou usando, eu ouço por acaso Belly falando com ‘Gems’ a respeito de amigos chegados que ele nunca mencionou e viviam ao redor do mundo. Ocorre-me que todos os meus amigos mais chegados moram na área entre três estados.

“Podemos nadar lá?” Jamie pergunta a ela.

“Claro,” ela responde.

Jamie vira-se para mim e diz, “Vamos nadar,” como se tivesse onze anos, o que eu adoro. Colocamos nossos trajes de banho, ambos brancos como larvas, e então vamos para a água.

Assim que mergulho, começo a sentir que tudo vai ficar bem, maravilhoso, perfeito. A água é turquesa e suave e, Jamie e eu, de alguma forma somos nós novamente. Então levanto os olhos e vejo Yves e Bella no parapeito da varanda, de mãos dadas. Quando acenam para nós é como ver uma fotografia viva. Digo isto a Jamie e ele fala que ando lendo romances sul-americanos demais, muito realismo mágico.

“Não foi o que eu quis dizer,” respondi.

“O que então?”

“Tem algo a ver com fotorrealismo,” digo.

“Pintura”, diz ele.

Percebo que tudo que eu quero dizer é que eles parecem estar posando, mas continuo, trazendo as cores do gramado que conduz à varanda, os mosaicos em espiral dos pilares, qualquer coisa que me impeça de soar como se estivesse criticando seus amigos.

Para o jantar, temos lagostas locais e comemos na varanda. Bella e Yves conversam entre si, quase que inteiramente em francês. No começo, Jamie insere

dispersas frases em francês, como se estivesse brincando, mas Yves diz, “Você fala muito bem,” e logo Jamie o faz, com uma facilidade que me surpreende.

Eu não tenho falado francês desde a oitava série, quando fiquei sabendo à respeito de uma sadia família francesa morando no terceiro andar de um prédio de apartamentos perto da estação de trem. Lembro que às vezes eles tomavam o elevador, às vezes as escadas.

“Visitamos os pais de Yves no Natal,” Bella diz, em inglês, tocando o rosto de Yves com as costas da mão. “Eles são ótimos.” Para mim, ela diz, “Como estão suas lagostas?”

“Ótimas,” eu digo, percebendo só depois que a parodiei, um mau hábito meu; sou como um daqueles animais que imitam seus predadores para sobreviver.

Na cama, Jamie diz, “O que achou de Bella?”

Uma voz me diz para falar, “Ótima,” e eu obedeço.

Ele sorri. “Achei que você gostaria dela.”

“Eu mesma já saí com várias manequins,” digo.

“Querida,” ele fala, e me recorda que Bella é uma boa amiga sua. Eu deveria lhe dar uma chance. Ali no escuro, eu movimento os lábios, ‘Você está certo, sinto muito.’

No momento em que vou falar isto, ele já dormiu.

Estamos dirigindo pelas montanhas à beira-mar. Estou sentada com Yves, na frente. Fico vendo animais que se parecem com ratos de rabos grossos correndo pela estrada. Ele me diz que são mangustos.

“Foram importados na virada do século, da Índia,” diz, “para matar as cobras. E o fizeram. Mataram as cobras, e hoje...” Ele tira a mão do volante e faz um gesto para que eu termine a história.

“E hoje,” continuo, “a ilha está infestada de mangustos.”

Ele sorri e me diz que os garotos os caçam por cinquenta centavos o rabo. Estacionamos quando a estrada termina. Agora eu vejo o quanto é árido, os pontos desertos; o que eu achei que fossem árvores eram cactos. Yves havia preparado um lanche para piquenique. A cerveja e o sol me fizeram dormir e acordei com Yves esfregando loção em minhas costas.

“Você está queimando,” ele diz.

Jamie está na água. Eu me levanto para juntar-me à ele, mas então Bella sobe à tona. Eles estão rindo. Há, há, há, ho, ho, ho.

Após uma chuva, estamos nos trocando para o jantar.

“Sabe,” eu começo, “acho que seria mais fácil se eu falasse francês.”

“Você provavelmente poderia,” diz Jamie. “Se se permitisse.”

“Perdão?”

“É como Shakespeare – depois de certo ponto, apenas surge para você.”

Durante o jantar, eu tento fazer surgir. Bella fala e eu traduzo: ‘Gems, seu tolinho, você quer tocar meus seios, não é mesmo?’

Jamie se foi quando acordo. O céu está branco. Na varanda, Yves levanta-se quando me vê e pega uma xícara de café para mim. Pergunto onde está Jamie. Yves diz, “Talvez eles tenham saído para uma caminhada.”

Eu vou nadar. Tomo um banho. Leio.

“O dia não está bom,” ele diz. E sugere uma ida à cidade.

Eu observo Yves enquanto dirige. Ele possui belos pés-de-galinha. Percebo o quanto é afável, feminino sem afetação, como um garoto criado por suas irmãs mais velhas. Ele faz perguntas à respeito de meu trabalho na indústria editorial. Conto que sou uma editora assistente, na realidade apenas uma secretária, mas tenho que ler manuscritos não solicitados. Ele me diz que está escrevendo um romance. Pergunto sobre o que é, e ele diz, “A arte humana,” ou “A parte humana” – não consigo ouvi-lo com o vento – mas ele olha para mim como se ambos nos entendêssemos, e eu concordo como se assim fosse.

Em Christiansted, Yves guia-me através dos pátios de velhas fortalezas e ao longo do cais. Ele aponta um dedo, brevemente, quando caminha; como Marcel Marceau. Ele me leva até uma enorme loja, isenta de taxas, que vende perfumes, porcelana, cristais e relógios. Borrifa perfume em mim, cheira e dá o veredicto – “Doce”, “Picante”, “Fresco” – antes de eu cheirar. Quando já usamos meus pulsos e braços inteiros, ele escolhe um e compra para mim.

Lá fora está chovendo. Ele coloca o braço ao meu redor e me carrega até um restaurante no cais. A garçonete, loura e sulista, pergunta-lhe, “Onde estiveram?”

“Descansando,” ele responde.

Antes de partirmos, ele aproxima-se e conversa com ela.

Quando chegamos em casa, Bella vira a cabeça lentamente e fita Yves. Ele diz, “Almoçamos na cidade.” Bella pergunta em francês.

Jamie pergunta se eu quero ir nadar.

“Então,” eu pergunto, assim que nos encontramos na água, “onde foram essa manhã?”

“Foi só uma caminhada,” diz.

“Oh,” falo. “Vi algumas fortalezas antigas.”

Percebo que estamos parecendo estranhos que aconteceram de estar no mesmo hotel. Mas ele está esperando que eu termine, então continuo, “Elas eram enormes.”

Naquela noite, todos voltamos a Christiansted. Bella pára em frente ao restaurante com a garçonete sulista, mas Yves sugere outro, e vamos para um bar com mesas no cais. Jamie conta-lhes sobre o restaurante que gostaria de abrir e então do roteiro que planeja escrever, e Bella ouve, inclinando-se para frente, observando seu rosto.

“Então, o que vocês fazem?” pergunto, após meu segundo drinque.

Bella diz, “Ficaremos aqui só até meu padrasto vender a casa.”

“Como está Alberto?” Jamie pergunta a Bella.

Eu viro-me para Yves, “O que você faz?” Bella para de falar e vira-se para escutar.

“O que eu faço?” responde Yves. “Tiro fotos. Escrevo romances. Toco piano.”

“Eu não vi um piano,” digo.

Ele me diz que europeus são diferentes de americanos – não são tão determinados a respeito de carreiras. “A coisa mais importante é viver com liberdade.”

“Viva livre ou morra, eu acho,” digo.

De volta para casa, eu fumo um cigarro na varanda, antes de ir para a cama. Yves aparece. “Jane?” diz ele, e beija meu rosto tão lentamente que é como se seus lábios derretessem sobre minha pele. “Boa noite.”

No quarto, eu pergunto a Jamie, “O que está acontecendo?”

“O que quer dizer?” Ele está quase adormecido.

“Bem, algo está acontecendo.” Ele não responde. Eu me questiono se é porque ele não sabe.

No chuveiro, eu falo, “Estava apenas notando como não fazemos mais sexo.” Jamie olha para mim como se eu estivesse completamente vestida. “Por que você e Bella romperam afinal?”

Ele não responde de imediato. “Ela dormiu com outra pessoa.”

“Oh.”

“Ela queria me fazer ciúmes.”

“É isto que ela está fazendo agora?”

“Por que ela iria querer me fazer ciúme?”

Eu o olho fixamente. “Eu quis dizer Yves.”

“Sobre o que está falando?” pergunta ele, e sai do chuveiro.

Eu desligo a água e sigo-o, embora ainda esteja com xampu no cabelo. Enrolo-me numa toalha e observo-o esfregar um pedaço do espelho embaçado para se barbear. Estou tremendo um pouco quando digo, “Eu quero que você pare essa coisa com Bella.”

Ele me diz que eu entendi tudo errado, ela precisava conversar com ele sobre os problemas com Yves.

“Que tal se ela conversar com Yves à respeito de seus problemas com Yves?” falo.

Ele se vira e diz, “Ela não confia nele.”

“Então por que se casou com ele?”

“É triste,” Jamie diz, e não estamos mais discutindo, estamos conversando sobre um casal menos afortunado do que nós, e eu acredito e confio nele, e deixo minha toalha cair e puxo-o em minha direção. Eu beijo seu pescoço, peito e boca.

Ouvimos uma batida e Bella diz, “Teremos uma quadra em quinze minutos.”

“Okay,” grita Jamie de volta. Para mim, ele diz, “Mais tarde.”

Jogamos tênis num hotel próximo, e antes que alguém diga qualquer coisa, eu insisto em ser a parceira de Yves. Somos todos jogadores fortes, então não importa muito quem joga com quem, mas eu observo o rosto dela quando falo. Ela me olha e eu sorrio, olá.

Eu cumprimento Yves em suas jogadas. Ele elogia as minhas. Temos conferências. Temos estratégias. Temos sinais. Do outro lado da quadra, Bella começa a cometer duplas faltas. Depois do tênis, caminhamos pela piscina, e Bella ajoelha-se como se fosse respingar água no rosto, mas ela molha Jamie ao invés disso. Ele faz o mesmo. Aquilo se estende até Jamie jogar Bella na piscina.

O salva-vidas sopra seu apito. Bella sobe as escadas, os cabelos molhados grudando em sua cabeça como um capacete. Claro que se pode ver os seios dela através da camisa branca ensopada.

“Agora, olhe o que você fez,” diz ela para Jamie.

No meio da noite, eu acordo com a boca de Jamie sobre a minha. Procuro pela luz do abajur, como é de nosso costume, mas ele puxa meu braço de volta ao redor dele.

Assim que Jamie adormece, eu vou até a sala de estar. Acendo um cigarro e ligo para meu irmão, que me apresentou a Jamie. Henry atende no primeiro toque e diz, “Ei,” como se estivesse esperando por meu telefonema.

Conto-lhe sobre a casa e a vista, os mangustos. Estou falando apenas para mantê-lo no telefone, e ele sabe disso. Finalmente, conto-lhe sobre Jamie atirando Bella na piscina.

Henry diz, “Tenho certeza de que Jamie o fez de modo totalmente inconsciente.”

“Eu não acho que seja possível,” respondo.

“Isso é você,” diz Henry suavemente, mas com autoridade. Ficamos em silêncio por um longo tempo.

“Bem,” eu digo. “Acho que devo voltar para guardar o quarto.”

“Jamie nunca faria nada,” diz Henry.

“Acho que ele gostaria, no entanto,” respondo.

“Você realmente não pode culpá-lo por isso,” fala Henry. Ele diz que o melhor homem que eu encontrar se sentirá atraído por outras mulheres.

Ouçõ isto como outro fato à qual estou velha demais para desconhecer. Mais provas do quanto estou despreparada para amar alguém.

Lavando os pratos do café da manhã, Bella inclina-se para Jamie. Em nosso quarto, eu digo, “Acho que me sentiria mais confortável se Bella não ficasse sempre tocando você.”

“É uma coisa européia,” ele diz.

“Uma coisa européia,” digo.

Mais tarde naquele dia, eu digo a Yves que gostaria de comprar um perfume para uma amiga. Ele me leva até a cidade, mas a loja está fechada.

Ao invés disso, vamos ao bar com mesas no cais. Tento lhe fazer perguntas, mas vejo que esse não é o modo como devo conversar com Yves.

“Você é tão jovem,” ele diz, “mesmo para sua idade.” Seu tom é charmoso e somente meio avuncular enquanto descreve-me para mim.

Eu começo a contar a estória que sempre conto, à respeito de minha amorosa família e os princípios com que cresci, mas me surpreendo ao dizer, “Eu tinha medo de sexo antes de Jamie.” Estou a ponto de contar-lhe mais, mas ele toca meu pulso, fazendo uma suave espiral.

Eu quero que ele o faça e, o que me faz afastar o pulso, não é medo do sexo ou amor por Jamie, mas o comedimento que a auto-honradez exige.

Após o jantar, eu me ofereço para lavar os pratos. Yves limpa. Ele senta-se numa banqueta, observando-me raspar os pratos sobre o lixo. Posso sentir seus olhos em mim.

“Poderia parar de me encarar, por favor?” digo.

Eu ouço a voz de Bella: “Onde estão as cartas?” diz. “Vamos jogar um pouco de pôquer.”

Yves arruma o bar na varanda. Bella conta nossas apostas para pôquer de mentira, azeitonas e palitos de dente plásticos em forma de espada. Eu digo a Yves que meus avós me ensinaram a jogar pôquer quando era pequena.

“Acho que aprendi a jogar a versão shtetl, porém,” falo.

“Vamos jogar,” diz Bella.

“Não sou muito boa em cartas,” digo.

“Pôquer, na verdade, não é um jogo de cartas,” diz Jamie. “É um jogo de administração de dinheiro.”

Todos apostam uma azeitona no centro da mesa. “Rodada de sete cartas, maior – menor?” pergunta Bella. Ela distribui duas cartas, uma com a face para baixo e outra para cima, para cada um.

“Alguém poderia me dizer as regras desse jogo de administração de dinheiro?” falo.

Yves diz, “Serve um par, dois pares, três de um naipe –” Ele pára e olha sua mão. “Straight, flush –”

“Apostas de valete,” diz Bella.

“É um jogo de raciocínio,” diz Jamie, apostando uma azeitona.

O jogo muda com cada carteador, e eu desisto de tentar aprender. Ao invés disso, decido ser A Grande Perdedora, um playboy num ascot, pulando de trens para escapar de credores. Desafio todos, não com azeitonas, mas espadas. Na vez de Yves, ele mostra surpresa com o que estou apostando, mas eu sussurro, “Nada,” sobre as cartas que não consegue ver, e dou-lhe um senhorita-sorte-não-está-sorrindo-para-mim.

O clima ficara quente. Era menos como o fim da primavera e mais como a metade do verão. Bella troca de roupa e veste um vestido preto sem mangas que parece uma camisola. Yves, eternamente reabastecendo nossos drinques, carrega suas cartas de e para o bar, às vezes no bolso de sua camisa.

A pequena coleção de pilhagens de Jamie está crescendo, principalmente porque sempre que Bella dobra a aposta, aninha-se e joga sua rodada com ele. Fico me dizendo que posso parar assim que perder tudo e, para este fim, eu começo a comer minhas azeitonas.

Bella vira-se para mim e diz, “Você está entediada com o jogo.”

“Eu?” pergunto.

“Podemos mudar,” ela diz, embaralhando as cartas. “Gostaria de mudar?”

“Claro.”

“Bem, strip pôquer então,” ela diz. “Empate de cinco cartas, sem maior-menor.” E distribui as cartas.

“Olhe,” digo, “não precisam mudar o jogo por minha causa.”

“Não,” diz ela. “Você está certa. O jogo não estava interessante.”

Yves pega meu copo. Eu olho para Jamie, ‘Oi, Jamie, sou eu, Jane.’ Ele olha para mim mas não sabe, por si mesmo, o que seu olhar diz.

Eu tento me lembrar do conselho que ouvi para momentos de crise: De minha mãe, para garotos descontrolados (Nos chame e iremos buscá-la); de meu professor de ginástica do ginásio, para prevenir um estupro (Abaixe-se de quatro e coma grama).

Nas primeiras partidas, eu dobro sem apostar. Yves ganha, Jamie ganha e Yves novamente. Então consigo três ases. Aposto e ganho. Yves me passa o relógio de Jamie; Jamie me passa a camisa de Yves, que é listrada de branco e amarelo e é de algodão tão fino que brilha. E Boom-Boom meio que se levanta e contorce-se para fora de sua camisola, por baixo da qual não usa nada.

Eu quase posso ouvir a voz na cabeça de Jamie, ao ritmo de seu coração acelerado: Não olhe, não olhe.

Eu esperava que os seios de Bella fossem redondos e perfeitos como nas revistas, mas eles eram apenas regulares, não muito diferentes dos meus.

Yves reabastece nossos drinques. Jamie fita as cartas que já jogou. Bella lança-lhe um olhar e, de repente, vejo o quanto ela está zangada. Quando Yves começa a distribuir a rodada seguinte, ela empurra suas cartas.

Ele reúne todas as nossas cartas, embaralha e começa uma nova distribuição, deixando-a de fora. Ela se levanta e caminha, instável, como se estivesse de saltos altos, para dentro da casa.

Fico esperando que Yves a siga, mas ele não o faz. Eu esqueço que não sei como jogar o jogo, e permaneço apostando e perdendo até não ter mais nada a não ser roupas de verdade para apostar. Então, eu digo, “Estou fora.”

“Não pode desistir uma vez que alguém está nu,” diz Yves. “Eu tenho um full house.” Ele vira minhas cartas. “Um par de dez.”

“Você não acha que deveria ter me dito as regras?” pergunto.

Yves dá de ombros. “É apenas um jogo.”

Eu tenciono dizer, ‘Não é um jogo,’ mas termino dizendo, “Eu não sou um jogo.”

“Yves –” diz Jamie, num tom de voz que não reconheço – pode ser a voz de um homem começando uma briga com outro homem.

Bella interrompe. “Acho que nossos convidados estão cansados,” diz, do outro lado da porta telada. A casa está às escuras e consigo divisar apenas seu robe. Mesmo quando ela abre a porta corrediça e sai, Yves não se move. Ela fica em pé ao seu lado, junto à mesa, e então junta os palitos numa pilha.

“Estamos todos cansados,” ela diz.

“Aqui está o que eu quero saber,” eu digo a ela. Estou tão nervosa que minha voz sai estrangulada. “É um bocado óbvio que você quis dormir com Jamie para deixar Yves com ciúmes,” digo. “Certo? Quero dizer, mesmo eu posso entender isso.”

O olhar dela é tão frio que eu quase paro.

“Mas então, Yves vai atrás de mim – esta é a parte que não entendo,” continuo. Posso sentir que ninguém quer que eu fale. É como um combustível. “Quero dizer, por que você gostaria de assistir isto?”

Jamie sacode a cabeça. Yves parece irritado.

Bella pisca e eu me dou conta, ela não sabe. E eu, subitamente, me imagino no lugar dela, ouvindo estas perguntas colocadas por uma estranha.

De volta ao nosso quarto, eu me sento na cadeira junto à janela, enquanto Jamie despe-se e escova os dentes. Ele aproxima-se de mim por trás, inclina-se e beija meu pescoço.

Eu não sei o que fazer, então falo. “Você desejou que eu não tivesse dito nada?”

“Acho que Bella tem sentido um bocado de dor.” Momentos mais tarde, ele acrescenta, “Não acho que tudo tenha que ser sempre dito e soletrado.”

Há uma qualidade instrutiva em seu tom que eu não havia notado antes. Ele beija o topo de minha cabeça. “Venha para a cama,” ele diz. Permaneço onde estou.

O ar está mais fresco agora, com a manhã próxima. O céu está ficando claro. Nessa hora, você acredita que só de olhar para as estrelas irá apagá-las.

Eu penso a respeito de Jamie fingindo que estava apenas sendo um bom amigo para Bella, e que ela não estava tentando seduzi-lo, o que era minha ilusão. Vou para a cama, de calcinha.

Jamie ainda está acordado e tentando arduamente dormir, a cabeça sob o travesseiro, bloqueando o barulho e as luzes.

À tarde, quando acordo, o Belladrama parece ter terminado. Os três encontram-se na varanda, tomando o café da manhã. O sol está desaparecendo, faiscando na água, e há salada de frutas e suco.

“Oi, babe,” diz Jamie.

“Oi,” falo para a mesa em geral. Sirvo-me de uma tigela de frutas e caminho ao redor da mesa até a cadeira vazia, ao lado de Jamie, que me procura como se fossemos um casal feliz em ótimas férias.

“Como foi o sono?” pergunta Yves, colocando uma xícara de café na minha frente.

“Okay,” eu respondo.

Yves diz, “Para seu último dia, estamos pensando em alugar um barco.”

“Gosta de velejar?” pergunta Bella. Eu não respondo de imediato.

“Henry é um grande marinheiro,” diz Jamie, driblando o silêncio. Acrescenta, “O irmão de Jane. Não me lembro se você já o encontrou,” diz a Bella. “Henry Rosenal. Cara alto, óculos. Ele se parece com Jane, só que não é bonito.”

Todos estão olhando para mim; tenho um novo papel ali na mesa redonda – Aquela que Deve Ser Apaziguada.

“Em Columbia,” ela diz. “Jogamos tênis com ele e Ramona na quadra, com todos os ratos.”

“Certo,” diz Jamie.

“Ele tinha um saque engraçado,” ela diz, sorrindo para mim.

Aqui estamos no Dia Seis de nossa visita, tendo o Dia Um de conversa. Não há evidências de que alguém, exceto eu, lembre-se da Noite Cinco. Estão todos usando rostos de pôquer.

“Não conheci Jane até o último verão,” diz Jamie. “Quando contei a Henry que realmente gostei dela, ele olhou para mim com uma expressão de ‘Mantenha suas mãos longe de minha irmã.’”

Yves ri. Bella sorri. Eu como seus morangos, framboesas, uvas e bananas. Jamie vira-se para mim e sugere que somente nós dois alugemos um barco. Diz, “Não temos passado muito tempo sozinhos.”

“É verdade,” respondo.

Yves entra para telefonar sobre o barco. Jamie empilha os pratos numa bandeja e leva-os para dentro. Eu o escuto, enxaguando-os para a máquina de lavar. O que deixa Bella e eu sozinhas.

Fitando a água, ela diz, “Tenho me comportado mal. Sinto muito por isso.” Eu levanto a cabeça, não aceitando nem rejeitando suas desculpas. “Mas a culpa não é de James,” ela continua. “Não deve puni-lo pelo modo como eu agi.”

“No momento,” respondo, “estou tentando não punir ‘você’ pela maneira como ‘ele’ agiu.”

Ela arqueia as sobrancelhas, como se dissesse, ‘Você é mais interessante do que pensei.’ “Mas ele não fez nada. E é ele quem você precisa perdoar. Ele é quem importa – não eu.”

“Todos importam,” respondo.

“Está tornando as coisas mais difíceis do que devem ser,” ela diz.

“E eu deveria perdô-lo porque seria mais fácil?”

“Você não precisa de uma razão para perdoar,” responde Bella. “Se quer continuar com alguém, é o que faz.”

Eu me pergunto se ela sabe mais ou menos do que eu. Digo, “Bem, eu a perdôo, Bella.” E assim que digo isto, eu o faço.

Yves nos deixa no cais e aponta uma placa do Cap’n Toby Cruzeiros Diários, onde encontramos um machão louro, barbado, peso-pesado e mal encarado.

Jamie diz, “Você é Cap’n Toby?”

“Tom, na verdade,” ele diz. “James?” e ambos se cumprimentam.

Eu não sei por que, mas gosto instantaneamente desse rato de praia com cabelo queimado de sol e rosto bronzeado. Ele é como um monitor e nós somos os campistas. “Ó de bordo,” digo.

Ele ri e estende o enorme braço moreno de pêlos louros para me ajudar a entrar no pequeno barco. Diz, “Bem vinda à bordo.”

“Obrigada, Cap’n,” respondo.

Ele nos leva até uma imensa e maravilhosa embarcação, e sua visão me atordoa. Vejo o nome do barco, ‘Amor Verdadeiro’, e penso naquele de ‘Núpcias de Escândalo.’ Digo a mim mesma, “Yar”, com meu melhor sotaque de Katharine Hepburn. Depois que Tom descarrega o equipamento de mergulho, refrigerador e coletes salva-vidas no deque, ele pergunta se Jamie sabe velejar.

“Não de verdade,” responde.

‘Você provavelmente poderia se permitisse,’ penso. ‘É como Shakespeare – depois de certo ponto, apenas surge para você.’

Jamie diz, “Só velejei em pranchas.”

‘É um jogo de administração de vento,’ penso. “Sinto muito,” digo a Tom. “Marinheira de primeira viagem.”

“Consegue velejar sozinho?” pergunta Jamie.

“Não há problema,” diz Tom, e não há mesmo. Ele movimenta-se pelo barco como o especialista que é, e zarpamos. Tom solta as velas, às vezes manejando o timão com um pé. Jamie passa protetor solar em seus braços, pernas e peito, e o oferece para mim.

“Não, obrigada,” respondo.

Deixo os dois se fazerem as perguntas de praxe – de onde somos, de onde ele é, onde estamos ficando, por que ele ficou.

Vou para frente do barco e permaneço contra o vento. De fato, sinto-me bem, tanto por ter o vento em meu rosto quanto por ver a Casa Flutuante às minhas costas. Quando chegamos perto de Buck Island, Tom solta a âncora e pega máscaras, snorkels e pés-de-pato. Eu digo que nunca mergulhei antes. Ele diz que vou adorar e pega minha máscara, na qual cospe. Então a enxágua na água do mar.

“Cap’n,” digo, “eu não consigo acreditar que você acabou de cuspir em minha máscara.”

Ele ri. “É apenas como se limpa, companheira.” Então ele me pergunta se queremos fumar um baseado.

“Você vai cuspir nele?” pergunto.

“Já o fiz.” Meu próprio companheiro me dá uma olhada.

“Melhor não,” respondo.

Desço pela escada até a pálida água esverdeada e mergulho. Fico deslumbrada pelos corais e a areia, então vejo meu primeiro peixe. Com listras amarelas e brancas! Então vejo um cardume de peixes azuis. E laranjas. Eles me deixam nadar direto para eles. Estou me divertindo tanto que eu rio embaixo da água, dançando com minhas barbatanas. Sou Flipper. Estou no mundo submarino de Jane Costeau. Estou caçando tesouros. Defendendo-me de tubarões. Sou Bond. Jane Bond.

Mas não é fácil para eu respirar através do snorkel, e sinto claustrofobia com a máscara; subo à superfície para tirá-los. Então, vejo Jamie com sua máscara e me mostro e rio enquanto ele se aproxima. Ele tira a máscara e sugere explorarmos a ilha. Saímos da água, agora desajeitados em nossos pés enormes.

“Isso não foi o máximo?” pergunto.

Ele diz, “Foi legal,” mas em seu tom eu acho que ouço a conversa que estamos prestes a ter, então paro de me sentir tão animada. Na praia, ele pergunta, “Que diabos você estava fazendo com aquele cara?”

Estou aturdida. “Sobre o que está falando?”

“Flertando com aquele cara,” ele diz.

“Cap’n Tom?” pergunto.

“Não acredito em você.”

“Eu é que não acredito em você,” respondo. Mas sinto-me um peixe palhaço com aqueles pés-de-pato, e tenho que tirá-los antes de continuar. “Somos apenas amigos,” falo, zombando dele. “Além do mais, não acho que tudo tenha que ser dito e soletrado.”

“Okay,” ele diz. “Eu entendi.”

“Ótimo,” continuo. “Agora, multiplique como se sente vezes seis dias e cinco noites.”

“Então você está me dando o troco,” diz Jamie.

“Não, eu não estava. Não estava flertando com aquele cara. Apenas gostei dele.”

Damos uma longa caminhada. Ambos estamos fumegando, o que parece completamente errado com o céu azul e a água esmeralda. Passamos por outro casal de mãos dadas. “Ei,” eles dizem, como se fôssemos quatro ervilhas numa vagem. Jamie diz um sombrio “Oi” por nós dois.

Então voltamos ao ponto de partida na praia, de frente para o barco. Jamie afunda na areia e eu afundo ao seu lado.

Ele se vira para mim. “Sinto muito,” diz.

É difícil para ele se desculpar e, normalmente eu só diria, ‘Não fale mais nada’ ou ‘Sem problema’ ou ‘Não foi nada.’ Mas agora, eu falo, “Diga-me pelo quê sente muito, Jamie.”

“Sinto muito por não tê-la ouvido,” ele diz. “Sinto muito por tê-la feito passar por isso.”

“Você me deixou desamparada,” digo, e minha voz falha.

“Eu sei,” ele responde, e eu posso ouvir que ele sabe e realmente sente muito.

Assusta-me a rapidez com que eu passo de detestá-lo para amá-lo, e me pergunto se é assim para todo mundo. Entrando na água, ele me pergunta se eu acho que Cap’n Tom está fumando um baseado agora.

“Provavelmente,” respondo.

“E você acha que vamos emborcar e nos afogar?”

“Sim,” falo. “Nadaremos com os peixes.”

Fingindo ser um, ele aproxima-se de mim, sacudindo os dedos como barbatanas. Ele me dá pequenos beijos de peixe. Então colocamos as máscaras, mergulhamos e saltamos.

Meu Velho

“A única maneira de uma mulher, assim como um homem, conhecer a si mesmo como pessoa é por seu próprio trabalho criativo.”

- Betty Friedan, A Mística Feminina

“Exiba-se em sua cama, no espelho, na parede, num sinal, mulher, até saber em cada parte de seu ser: somos destinadas a dar prazer, excitar e satisfazer o macho da espécie. Mulheres de verdade sabem disso.”

- J, A Mulher Sensual

“Olhe para frente quando caminhar,” dizia minha tia-avó Rita, no verão que passei com ela em Manhattan. “Incline o queixo,” disse, tocando o seu levemente.

Eu tinha dezesseis anos, e a ouvia porque ela era linda. Era alta para uma mulher, mas com ossos pequenos, mirrada, com longos cabelos brancos que usava num coque.

Era minha última noite com ela, e estávamos indo ao teatro. Eu já estava vestida em minha blusa indiana e conjunto de saia, e espreitei a porta do banheiro, observando-a passar uma sombra de batom vermelho que, ela disse, Coco Chanel tinha inventado. Ela me notou então e virou-se, os olhos detendo-se em meus Dr. Scholl, as sandálias de madeira que foram moda em minha época de ginásio, no subúrbio.

Tia Rita ficava rabugenta sempre que o tempo ficava úmido ou chovia, como minha avó, sua irmã.

Seguindo-a até seu quarto, ouvi minhas sandálias estalando no assoalho de madeira polida. Ela sacudiu a cabeça.

“São tudo que eu tenho,” falei.

Ela me deu um par de sapatilhas azul-marinho. Parecia algo que uma aeromoça usaria, e eram de tamanho pequeno demais, mas me espremi dentro deles. Meus pés começaram a doer antes mesmo de deixarmos o apartamento.

“Assim está melhor,” disse minha tia.

Durante o primeiro ato, ela sentou-se completamente imóvel e quieta, cativada. No intervalo, foi ao toalete para tomar sua pílula. Ela nunca tomava comprimidos em público. Eu deveria esperá-la no saguão. Meus pés latejavam e eu transferia o peso, dando descanso para um pé e então para outro.

Esquadrinhei a multidão, pensando em placares: Estas São as Pessoas Que Frequentam o Teatro em Manhattan.

Uma senhora sorriu para mim, falou com o marido e ele virou-se para olhar em minha direção também. Então outra mulher fez o mesmo. Eu realmente não sabia com o que estava parecendo ainda, e meu rosto corou com a possibilidade de estar mais bonita aqui do que em casa. Então percebi que estavam olhando para algo atrás de mim, e me virei para olhar.

Você notaria suas pernas e braços primeiro, longas e bronzeadas, então os olhos, malares e lábios, perfeitos, como nas revistas. Ela usava um mini-vestido de seda rosa-escuro com alças finas como fios. Ele era mais velho, um homem grande, alto e largo, de cabelos louros e pele curtida. Não era exatamente bonito, mas sua aparência era arrebatadora. Ele estava provocando-a, e ela disse algo como ‘okay’ e flexionou o

braço. Eu vi e ouvi, vagamente, ele apertar o bíceps da mulher e assobiar. Ela riu e ele manteve a mão ali, ao redor do belo braço.

Quando avistei minha tia, acenei. Ela havia passado uma nova camada de batom vermelho e parecia emocionada por me ver. Aquele era seu rosto de festa. Eu sabia porque ela me contou. “Quando sair,” ela aconselhara, “tente parecer cativada.” Não era culpa dela; eu supliquei por suas dicas.

Ela me deu um cigarro, acendeu o meu e então o dela. Enquanto tia Rita catalogava os defeitos do primeiro ato, eu mantive um olho sobre o casal famoso, tentando aprender algo. Titia perguntou minha opinião à respeito da peça.

“Bom,” respondi.

“‘Bom’?” disse ela. “Crianças são boas. Cães são bons. Isso é teatro, Jane.”

“Um,” falei, e no momento em que estava adorando e dando um último olhar ao casal, o homem me surpreendeu. Vir-me-ei rápido, mas o vi dizer algo à namorada e avançar em nossa direção.

“Oh,” falei, e ouvi a voz do homem, como um rosnado, bem ao meu lado.

“Rita,” disse ele. Ela lhe deu os dois beijos de bochecha no ar padrão, mas ele disse, “Não,” e beijou minha tia nos lábios.

Quando ela me apresentou, eu estava surpresa demais para falar. Afinal de contas, ela era velha o bastante para ser mãe dele.

Seu nome era Archie Knox e minha tia gostava dele. Aquilo era raro. No táxi, à caminho de casa, perguntei se ele era famoso.

“Mais famoso do que um editor deveria ser,” titia respondeu. “Os melhores são invisíveis.” Ela mesma era uma romancista.

“Aposto que a namorada dele é famosa,” falei. “Uma escritora, talvez. Ou uma atriz. Alguém.”

“Não,” disse ela. “Se ela fosse, ele a teria trazido e nos apresentado.”

“Archie Knox beijou você,” respondi.

Ela apertou minha mão e perguntou, “Divertiu-se?”

Quando chegamos em casa, levamos nossas doses de brandy até seu pequeno terraço. Havia um maior abaixo e, assim que nos sentamos, um casal surgiu e partilhou um cigarro. A mulher permaneceu de pé, encostada contra a parede, de braços cruzados.

“Quem mora ali?” perguntei.

“Nina Solomon,” respondeu minha tia. “Ela faz documentários. Seu marido é o pintor Ben Solomon. Se você ficasse um pouquinho mais poderíamos ir até sua galeria. E há uma festa de livros à qual poderia levá-la amanhã à noite.” Ela sacudiu o copo de brandy. “Mas pessoas literárias são tão enfadonhas hoje em dia. Eu gostaria que existissem mais Archie Knoxes.”

Eu queria saber mais sobre ele mas não podia perguntar por completo. “Como pessoas literárias costumavam ser?”

“Eles eram fígados,” disse. “Enormes fígados.”

Imaginei o órgão marrom-púrpura e presumi que ela quis dizer contumazes bebedores. Titia disse, “Agora tudo que fazem é falar.”

Após meu ano como caloura na faculdade, passei um longo fim de semana com minha tia em Martha’s Vineyard. Numa tarde nublada, ela me levou às piscinas de lama. Descemos até a praia e, quando nos aproximamos do lugar, vi que todos estavam

nus, corpos enlameados com várias tonalidades cinzentas, dependendo da secura. Fitei minha tia.

Ela disse, “Um desfile de estátuas,” e eu podia dizer, pelo modo como falou – escutando-se – que estava testando a frase para um romance.

Não me senti jovem com ela agora, mas um bocado provinciana. Quando chegamos ao poço de lama, ela disse, “Você vai à frente,” e não hesitei. Tirei meu maiô, entreguei-o a ela e me atirei.

Logo depois, ela esfregou um pouco de lama em minhas costas e untou o rosto. “Você tem meus seios,” disse, como se eu tivesse feito alguma façanha.

Eu lhe pedi para falar mais a respeito de Archie Knox. Ela me fitou como se não tivesse certeza de que valesse à pena falar coisas para mim. Então disse, “Ele costumava ser bastante selvagem. Em seus dias de martíni.”

“Selvagem como?” perguntei.

“Mulheres,” respondeu. “As mulheres apenas o amavam.” Ela me contou que havia uma história sobre uma mulher bem jovem que cometera suicídio. Esperei que continuasse, mas ela não o fez. Estava quieta. Então se iluminou. “E cães,” disse.

“Cães?” falei.

“Os cães seguiam-no por toda parte.”

“Ele era uma espécie de campeão de boxe,” ela contou, na noite em que saímos para celebrar minha graduação. “Estava sempre socando o nariz de alguém.”

“Macho,” falei.

“Não,” disse ela. “Era a claridade de expressão que o atraía.”

Eu estava com vinte e cinco anos quando vi Archie Knox novamente. Foi numa festa em Central Park West, à qual compareci como a convidada do convidado de um convidado. Eu era uma assistente editorial da H_ na época, e a pessoa mais jovem da festa. Cumprimentei-o com um gesto do outro lado da sala e, quando ele veio em minha direção, vi que seus cabelos tinham ficado brancos.

“O que está bebendo?” ele me perguntou.

“Scotch e soda,” respondi.

Momentos mais tarde, ele retornou e me entregou um copo de leite. “Alguém tem que tomar conta de você,” disse e desapareceu.

Meu amigo da H_ foi embora. Fiquei sozinha, tentando parecer cativada, até que poucos restaram. Archie aproximou-se, pegou meu cotovelo e disse, “Vamos arranjar algo para você comer.”

Eu presumi que ele soubesse quem eu era, mas quando mencionei minha tia, ele disse, “Maldição.”

Durante o jantar, perguntei-lhe à respeito da K_, onde ele era o gerente editorial. Ele não quis falar sobre isso.

Archie contou-me que titia era a mais bela mulher viva, mesmo aos 80 anos. Ele tocou meu queixo e moveu minha cabeça de um lado para o outro, estudando meu perfil. Então sorriu e disse, “Nenhuma semelhança em absoluto.”

Encontrei-me com Archie, para jantar num restaurante francês, antes do teatro. Depois que o garçom anotou nossos pedidos, eu mencionei que meu namorado,

Jamie, estava provavelmente em Paris agora. Jamie havia estado na Europa por um mês, tentando descobrir o que fazer da vida – que era o que estava fazendo de sua vida.

“Quem é esse cara Jamie?” perguntou Archie.

“Eu lhe disse,” respondi, e peguei um lápis do copo. Comecei a rabiscar a toalha de mesa de papel.

“Ele a faz feliz?”

“Claro,” respondi.

Ele me disse que eu não sabia o que era a verdadeira felicidade. “Você tem que se encolher para ajustar-se a essa vidinha dele.”

Eu larguei o lápis. “Você não sabe do que está falando.”

Ele disse que eu havia sido feita para algo maior. “Você é velha o suficiente para saber melhor.”

“Você não acha que é um pouco velho para mim?” perguntei.

“Não,” ele respondeu. Nossos drinks chegaram e ele tomou seu clube soda num único e longo gole, seu pomo de Adão subindo e descendo. Colocou dinheiro e as entradas do teatro sobre a mesa e levantou-se. Disse, “Acho que você é jovem demais para mim.” Então saiu.

Ele não se desculpou ou mesmo mencionou o incidente, quando telefonou para me convidar para jantar. Ele morava num edifício de pedra no West Village, dois andares inteiros para si. Pedi por um tour. Cada quarto lembrou-me de um gabinete – escuridão, madeira pesada e couro, um pouco gasto, livros e manuscritos por toda parte. Apenas seu gabinete era organizado. Era simples, apenas uma máquina de escrever antiga sobre uma mesa de mogno.

Eu o segui ao longo do corredor. “Quarto de hóspedes,” ele disse, e eu esquadrinhei o local. Havia uma estante cheia de troféus de boxe – estatuetas de ouro e prata com seus pequenos duques.

Duas portas adiante, ele disse, “Presumo que você prefere pular o quarto principal.”

“Correto,” respondi.

“Com licença,” ele disse, abriu a porta e fingiu falar com alguém lá dentro. “Voltarei logo, querida,” gritou e fez uma pausa como se estivesse ouvindo a resposta. “Não seja boba,” disse. “Estou apenas alimentando uma criança faminta.”

Na cozinha, ele cortou uma laranja e desculpou-se por não ter vinho para me oferecer. Eu estava notando todos os bibelôs no peitoril de sua janela – um rinoceronte de cerâmica, um ovo de mármore, uma bola de vidro com Nebraska nevando. Eram como os presentes que eu dei a Jamie, e estava me perguntando quem dera aquilo a Archie, quando ele disse, “Não mantenho nenhuma bebida alcoólica em casa.” Ele me ofereceu um copo de antiácido. “Não tenho bebido há dois anos.”

Eu quase disse, ‘Você deve estar um bocado sedento,’ quando vi o modo como ele estava me olhando. E ele me olhou daquele modo por um longo tempo, para que eu soubesse da importância de suas palavras.

No Caffè Vivaldi, Archie perguntou se eu conhecia a definição de inferno de Dante. Beberiquei meu cappuccino. “Dê-me um minuto,” respondi.

“Proximidade sem intimidade,” ele disse.

“Ouça, Dante.” Eu ia lembrá-lo de Jamie, mas ao invés disso, falei, “Eu apenas não me sinto desse modo a seu respeito.”

“Poupe-me da juvenália.”

Archie e eu estávamos jantando num restaurante, em Midtown, quando uma editora da H_ aproximou-se de nossa mesa.

“Olá, todos,” disse.

Mais tarde, eu comentei, “Agora todos vão pensar que estamos tendo um caso.”

“Bem,” disse Archie, “nós os enganamos.”

Em meu aniversário, Archie me deu seu romance; seu primeiro, disse, e único. Era quase tão velho quanto eu. O livro era sobre um garoto crescendo com a mãe em Nebraska, e eu o li de uma só vez, sentada sobre um cobertor no chão de meu minúsculo apartamento. Quando terminei, liguei para minha melhor amiga, Sophie.

Ela disse, “Eu não me importaria se ele fosse Hemingway.”

“Você diz isso porque ele é alcoólatra. Porque tem o dobro de minha idade.”

Ela lembrou-me de que ele possuía mais do que o dobro de minha idade. “Mas não,” continuou. “Digo isso porque ele é maior do que a vida.”

Jamie deixou uma mensagem em minha secretária eletrônica, dizendo o quanto sentia minha falta e que estava adiando seu retorno para a outra semana ou conseqüente. Liguei para Archie. “Você quer ir ao cinema?”

“Não,” disse ele. “Está bem.”

O único filme que ele quis assistir foi ‘Paixões em Fúria’, na casa de espetáculos da 8th Street. Depois, enquanto caminhávamos, ele me contou que quando Bogart estava morrendo, Lauren Bacall dormira com Frank Sinatra. “Nunca faça isso comigo, okay, querida?”

“Eu nem mesmo gosto de Frank Sinatra,” respondi.

Então, de volta à casa dele, Archie tocou um disco de Sinatra. “Não me diga que não acha bonito,” disse.

Respondi, “Você está me assustando.”

Num táxi, de um clube de jazz para casa, ele disse, “Você age como se eu quisesse apenas dormir com você.” Continuou, “Quero tudo com você.” Foi quando o toquei pela primeira vez. Deslizei meus dedos sobre sua manga e toquei seu antebraço. Ele pegou minha outra mão. “Mas se você só quiser dormir comigo, tudo bem, também.”

O táxi parou em frente ao meu apartamento.

“Ligue-me, se mudar de idéia,” disse ele. Eu assenti e saí.

Ele se inclinou por sobre a janela do táxi. “Ligue-me a qualquer hora do dia ou da noite.”

Lá em cima, Jamie dormia em minha cama.

Eu havia me esquecido de tudo que havia de bom à respeito de Jamie, especialmente o principal. Seus dedos passearam tão leves quanto fumaça em minha pele, e meu corpo cedeu de imediato, antes mesmo que eu pudesse dizer a mim mesma, ‘Você não pode ser culpada pelo que faz durante o sono.’

Tomamos o café da manhã na lanchonete da esquina.

“Então,” Jamie disse. “O que você tem feito?”

“Nada,” respondo. Começo a tossir. “Pensando um bocado.”

Ele assentiu, colocando um pouco de geléia em sua torrada.

“Tenho pensado que não deveríamos continuar assim.”

“Assim como?” perguntou ele. “Tenho estado fora há dois meses.”

“Sinto-me como se eu tivesse que encolher para ajustar-me à nossa vida juntos.”

“Bem, corte essa merda,” disse ele, e sorriu. “Senti sua falta.”

“Olhe,” falei. “Eu acho que há outra pessoa.”

“Jesus,” ele respondeu, e sua voz ficou um pouco mesquinha de exasperação. “Não existe ninguém.”

“Existe,” respondi.

Aquilo o fez se endireitar. Foi a primeira vez que isso aconteceu durante um longo tempo, e admito que fiquei contente por ver.

Liguei para Archie, mas o telefone tocou e tocou. Peguei seu romance e li novamente. Ainda estava segurando-o quando acordei.

Pela manhã, fui até lá. Bati em sua porta, esperei e bati novamente.

A porta abriu. “Bem,” disse Archie.

Seus cabelos projetavam-se de modo engraçado e, embora estivesse sorrindo, ele não parecia contente por me ver. Perguntei-me se ele já tinha uma convidada.

“Entre,” disse ele.

A casa pareceu enorme, sombria e formal. Sentamos-nos na grande mesa de mogno da sala de jantar. Eu lhe contei sobre encontrar Jamie em meu apartamento e rompermos na manhã seguinte.

Ele disse, “Já era hora,” e aproximou-se. Fiquei de pé, abracei-o e nos beijamos, mas não foi o que eu esperava.

Ele acendeu cigarros para nós dois e recostou-se. Estava quieto, assim como eu; estava pensando, assim como eu. Ficamos ali, deitados no escuro.

“O quê?” falei.

Ele não respondeu por um longo tempo, tão longo que pensei que não o faria. Então, finalmente, ele disse, “Tudo.”

Mesmo agora, lembrar do tom de sua voz me faz corrigir cada palavra que digo.

À tarde, ele trabalhava no andar de cima em seu gabinete, e eu editava manuscritos sobre a enorme mesa de mogno, onde poderia afligir-me com uma sentença por uma hora.

Ele desceu para reabastecer-se de chá gelado e olhou para mim. “O que foi?” perguntou.

Parado atrás de mim, ele leu. Tirou a caneta de minha mão, riscou – uma palavra, uma frase ou a página inteira. “Aí está,” disse.

Tomara-lhe cerca de trinta segundos, e ele estava sempre certo.

Toda vez, Archie ficava perplexo. Toda vez, ele me dizia que acontecera para ele somente uma vez, anos atrás, quando estava cego de bêbado. Acendia nossos cigarros e ficava deitado, fitando o teto.

“Não é você, babe,” disse ele, certa noite.

Eu assenti, como se consolada. O pensamento nunca havia me ocorrido.

Ele me levou a um jantar festivo literati e apresentou-me como ‘A Estrela Ascendente da H_.’ Eu estava tímida, então falei demais.

Os homens sorriram indulgentemente. As mulheres foram infalivelmente amáveis. Quando estávamos nos despindo para dormir, eu disse, “Eles acham que sou um bimbo.”

“Bimbo soa masculino,” ele disse. “Bimba.”

“Isso me incomoda,” respondi.

“Querida,” ele falou. “Eles apenas estão com inveja.”

“Apenas inveja.”

“Correto,” disse. “Nós somos o único casal feliz que eu conheço.”

Ele não conseguia acreditar que eu perdi todos os grandes filmes antigos.

“Sua geração inteira está culturalmente falida,” disse. Ele decidiu tentar me educar. Após assistir ao ‘Thin Man’ original, ele disse, “Você é como Nora e eu sou como Nick. Somos como Bogart e Bacall. Hepburn e Tracy.”

Eu disse, “Mais como sr. Wilson e Dennis, o Pimentinha.”

Convidamos Sophie para jantar. Archie lhe contou sobre me perseguir, a festa no Central Park West, a editora e o domingo em que bati em sua porta.

“Finalmente,” ele disse, “Jane cede. Subimos. Eu tiro minhas roupas. Tiro as dela –“

“Vocês querem café?” perguntei.

“Não, obrigada,” respondeu Sophie.

Archie fitou-me. “Ela está um pouco nervosa e diz, ‘Podemos conversar?’ ‘Claro,’ eu digo. ‘Sem problema.’ Pego cigarros. Nos deitamos lá, fumando e conversando. Claro, não consigo me concentrar –“

“Sobremesa?”

Sophie disse, “Pra mim não.”

“Então,” continuou Archie, “estou esperando que ela termine seu cigarro.” E ele baixou a voz. “Estou prestes a desistir quando ela me dá esse pequeno aceno, e senta-se para apagar o cigarro.” Ele fez uma pausa. “E ela joga uma cinza acesa em meu peito!”

Eu o fitei: ‘Sobre o que está falando? Isso foi a outra noite toda.’

Ele estava observando Sophie rir. Disse, “Ela começa um incêndio nos pêlos de meu peito! As gazelas saltam e então há um estouro de elefantes...”

Sophie ainda estava rindo quando olhou para mim, e sua expressão dizia, ‘Okay, agora eu entendi.’

Eu acumulo piadas e anedotas para contar a ele. Pratico-as em minha mente. “Como foi o dentista?” ele perguntou.

“Sabe o que ele me disse?” respondi. “Eu deveria estar escovando minhas gengivas! Já ouviu algo assim?” Faço uma pausa. “Minha cabeleireira provavelmente vai me dizer que devo escovar meu pescoço!”

Ele riu, quase contra a vontade. “Você é tão estranha,” disse.

Numa festa editorial, eu por acaso escutei-o dizer, "... então Jane acusa-me de ser um anti-semita."

Eu estava atrás dele, no bar. Peguei meu copo de vinho do bartender e permaneci onde estava. Archie disse, "Eu a recordo de que minha ex-esposa é judia, e Jane diz, 'O que isto prova? Todo misógino que conheço é casado.'"

O homem com quem ele estava conversando disse, "Muito esperta."

Dentro do táxi, eu pergunto, "Sobre o que era aquele negócio anti-semita? E a outra noite com Sophie. Sabe, eu não quero ser apenas alguma personagem inventada em suas anedotas."

"Apenas ser," disse ele.

"O que justiça tem a ver com qualquer coisa?" pergunto.

"Bons editores não dividem infinitivos," Archie respondeu.

"Você está corrigindo minha gramática agora?"

"Sim," ele respondeu. "Estou ajudando-a a melhorar. E espero o mesmo de você."

Eu falei, "E se eu não quiser ser melhor?"

"Então, você será apenas uma petulante, divisora de infinitivos bisbilhoteira."

Eu desisti de meu apartamento e mudei-me.

Tive que contar a minha família então. Meus pais ficaram muito quietos. Meu irmão disse, "Você não consegue encontrar crianças de sua própria idade para brincar?"

Minha tia estava muito velha até então, e não a via fazia um longo tempo. Depois que lhe contei a respeito de Archie, ela fechou os olhos, e pensei que talvez tivesse adormecido. Finalmente, ela disse, "Uma mulher jovem faz muito por um homem mais velho."

"Não é assim," falei. Queria convencê-la. "Pensamos parecido," respondi.

"Oh, minha querida," disse ela. "Um homem pensa com o pênis."

O médico assegurou Archie de que tudo ficaria bem assim que tivessem sua taxa de açúcar no sangue sob controle. Eram boas notícias. Ele voltou para casa com um aparelho, O Picador, nós chamávamos.

Ele nunca gostou que eu o visse injetar sua insulina, mas com O Picador, ele era diferente. Era nosso projeto. Ele apertava o botão, a agulha saía e picava seu dedo. Eu pegava seu dedo, esfregava o sangue no papel tratado e colocava-o na máquina. Enquanto esperávamos pela leitura, eu tentava adivinhar qual seria a doçura de seu sangue.

Em casa, ele estava lendo um romance, deitado no sofá de couro da saleta íntima, com um copo de chá gelado e uma tigela colossal de azeitonas sobre a mesa de canto. Ligou a TV na PBS.

Gritou, "Está passando 'Os Mestres Americanos' – é Irving Berlin." Eu não me mexi.

Ele reabasteceu seu chá gelado e disse, "O que há com você?"

"Nada."

Eu ouvi o som de seus chinelos arrastando-se de volta à sala de estar. Na cama, ele disse, “Eu não sei quem é você, mas quero Jane de volta.” E começou a me beijar. “O que fez com minha Jane?”

Eu ri.

“Ah, bem,” disse ele. “Cada porto numa tempestade.”

Ele exigiu resultados de sua taxa de açúcar, e o médico ajustou sua dose de insulina. Esperamos pela grande mudança. Ele ainda deveria estar monitorando seu sangue. Não sei quando ele parou. Encontrei O Picador no fundo da despensa, atrás de seu suprimento de seringas.

Passamos os finais de semana em sua casa de campo, em Berkshires. Na primeira vez em que vi seu carro, um Lincoln Continental branco, eu não consegui acreditar. Falei, “Foi gentileza de seu pai emprestar-lhe o carro.”

“É bem confortável,” disse ele, fazendo sua voz soar estalada e velha.

Era como viajar numa sala de estar.

Sua casa de campo possuía um século de idade. As paredes haviam se inclinado e declinado, a cozinha possuía um piso de tabuleiro de xadrez, e cada janela descortinava-se para uma campina. Fazíamos nossas refeições do lado de fora.

À noite, visitávamos seus amigos ou tocávamos Billie Holiday no antigo toca-discos, e dançávamos.

Ele foi a um especialista, no Massachussets General, e lhe foi dito que não poderia esperar que seu corpo funcionasse bem enquanto continuasse a fumar. Paramos.

Bebemos suco de frutas. Fizemos exercícios de respiração. Quando ele queria um cigarro, tirava um cochilo. Eu chorava.

Ele se sentia melhor, dizia. Sem mais manchas na frente dos olhos. Seus pés não formigavam. Mas aquelas foram as únicas mudanças.

“Eu não a culparia se você me deixasse,” ele disse.

“Não,” respondi.

“Se os papéis fossem inversos,” disse, “eu a abandonaria.”

Dirigindo para a casa de campo, ele falou sobre a primeira garota com quem dormira. Disse, “Quando eu estava chegando, tive que me impedir de dizer ‘Case comigo, case comigo, case comigo.’”

Durante o café da manhã, ele me contou que sua ex-mulher, Frances Gould, era a mulher mais esperta que já conhecera. Ele a conheceu durante a graduação em Yale. Ela tinha a custódia de sua filha, Elizabeth, e ele telefonava-lhes aos domingos.

Archie referia-se à Frances como “a mãe de Elizabeth” – como em “Receio que a mãe de Elizabeth ainda esteja apaixonada por mim.”

Na mercearia, uma mulher de bochechas enormes aproximou-se de nós, e eu a reconheci como a beldade da primeira vez em que vi Archie.

“Corky,” disse ele, e se beijaram. “Esta é Jane.”

Eles conversaram sobre as filhas. Corky estava tendo problemas com as meninas na escola, mas os garotos adoravam-na. Corky disse, “Nunca entendi as mulheres.”

Enquanto desempacotávamos as compras, Archie me contou que Corky fora sua amante, intermitentemente, durante doze anos. Foi uma grande festa, ele disse, levava qualquer um para casa, mas atraía zero para a cama. “Era a coisa mais triste,” falou.

“Triste,” respondi.

Archie fitou-me. “Ela foi maltratada quando criança.”

“Oh,” falei. Observei-o pensando em Corky.

Ele disse, “Ela foi certa vez a mulher mais magnífica da terra para se olhar.”

“Então,” respondi, “o que o faz pensar que eu quero ouvir sobre isso?”

“O quê?”

“Todas essas mulheres,” falei.

“Estou lhe contando coisas a respeito de minha vida,” ele disse.

“E qual é a finalidade?”

Archie me disse que vivera por cinquenta e quatro anos antes de me conhecer, e aqueles 54 anos transformaram-no no homem que era. O homem que eu amava. Eu não deveria invejá-lo por aquelas experiências, e não havia razão para que eu sentisse ciúmes de qualquer mulher.

Eu falei que achei ter entendido. “Bom,” ele respondeu.

“Deixe-me contar a respeito dos homens que conheci,” eu disse.

Na noite em que saímos para jantar na casa de minha tia estava chovendo, e eu me perguntei se o tempo ainda a afetaria. Ela me parecia agora ainda mais vil e amável do que jamais fora. Ela atendeu a porta pessoalmente e pareceu nervosa numa blusa de gala branca e solta. Archie beijou sua testa.

Ela estava usando batom, mas não o contornara. Eu disse, “Nos dê licença,” e peguei seu cotovelo.

No banheiro, quando destampeei o batom, ela disse, “Posso fazer isso.” Fitou-me através do espelho. “Você mesma poderia usar um pouco de cor.”

Respondi que não usava maquiagem.

“É um erro,” disse ela.

Assim que nos sentamos na sala de estar, a enfermeira trouxe três taças de champanhe numa bandeja, e eu fitei Archie enquanto ele se servia. Ele evitou meus olhos e agarrou-se à haste da taça. Ergueu o copo e girou-o na mão.

“Jane não vai me deixar beber,” Archie disse a minha tia.

Ela disse que sua enfermeira era ainda pior. Durante o jantar, minha tia falou, “Jane costumava me pedir para contar histórias a seu respeito.”

Quando ele perguntou, “O que você contou a ela?”, me senti doente embora não soubesse dizer por quê.

Ela respondeu, “Eu não lhe contei que bêbado cruel você pode ser.”

Na noite em que soube que ela morreu, Archie e eu ficamos deitados no sofá por um longo tempo, no escuro. Ele penteou meus cabelos com os dedos. Quando encontrava um nó, dava um pequeno puxão. Eu queria me sentir pior do que já sentia então tentei pensar no melhor momento que tive com ela, mas não conseguia recordar de nada.

Eu ia perguntar a Archie por sua lembrança dela, mas, quando me virei, seu rosto parecia estranho no escuro. “O quê?” perguntei.

“Sua família vai vir,” ele disse.

Archie me pediu para que os convidasse para um lanche mas eu disse que eles provavelmente não teriam tempo antes da cerimônia religiosa, e foi o que minha mãe disse. “Vamos tentar,” ela respondeu.

Archie comprou, de qualquer forma, pães e acompanhamentos e arrumou a mesa com lírios. Durante toda a manhã, ele ficou olhando para o relógio como se estivesse a postos. Quando ouvimos a campainha, Archie levantou-se, mas deixou que eu atendesse a porta. Era apenas meu irmão. Henry beijou meu rosto e disse, “Papai apenas disse para nos encontrarmos no lugar.”

Vi papai e mamãe no carro, e saí pela porta com Henry, que me deu uma cotovelada e disse, “Belos achados.”

Enfiei a cabeça através da janela do carro e beijei papai. “Oi, papa,” falei, e ele respondeu, “Oi, amor.”

“Sinto muito por termos nos atrasado tanto,” disse mamãe, inclinando-se à frente para deixar Henry entrar no banco de trás. Eu quis ir com eles.

Talvez meu pai soubesse porque disse, “Nos encontraremos lá.”

“Okay,” respondi. Observei o carro dobrar a esquina e me virei para entrar. Archie estava parado na porta, olhando.

Muita gente veio ao funeral, quase tanto quanto ao cemitério. A maioria eram pessoas velhas, e Archie parecia conhecer todos.

Não houve chance para conversar até depois do funeral. Estávamos todos parados junto ao Lincoln. Começara a chover, e eu sabia que papai queria voltar para a Filadélfia, mas as pessoas que Archie conhecia continuavam interrompendo para falar com ele.

Finalmente, papai disse, “Temos que voltar.”

Archie disse, “Esperávamos que ficassem para jantar.”

“Belo carro,” Henry murmurou para mim.

“Da próxima vez,” disse mamãe, e Archie beijou seu rosto.

Um sujeito de capa preta estava direcionando os carros, e Archie entrou no dele. Eu beijei todos, mas não queria ir. O homem sinalizou para o Lincoln e Archie inclinou-se sobre o banco do passageiro, batendo na janela. Sua voz estava abafada quando disse, “Vamos, querida.”

“Ei,” o sujeito de capa gritou para mim, “diga a seu pai para sair.”

Meus pais fingiram não ter ouvido. Henry me fitou. E sorriu.

No caminho de volta do cemitério, eu continuei vendo Archie como o velho que meu irmão viu. Então olhei pela janela. Archie sabia que fora mal mas notava-se que estava tentando se assegurar de que fizera tudo que pôde.

Quando passamos pela West Side Highway, as pistas se estreitaram. Atrás de um caminhão, havia uma seta brilhante mas ela estava quebrada.

“É como um hífen,” falei.

Archie sorriu para mim. “Perigo,” disse. “Palavras compostas à frente.”

Naquela noite, ele me contou a respeito da namorada que havia cometido suicídio. Eu sabia que ele estava me contando a verdade, e que era a pior coisa que já tinha lhe acontecido. Foi diferente de qualquer outra história.

Ele não aperfeiçoou os detalhes ou manteve suspense. Quando terminou, disse, “Por favor, nunca conte isto a ninguém.”

“Não,” respondi. “Não vou.”

Eu o escutei falando ao telefone, em seu gabinete, e sua voz era baixa e íntima. Depois que desligou, ele encontrou-me na cozinha. “A mãe de Elizabeth está na cidade,” disse. “Ela quer conhecê-la.”

“Que bom,” respondi.

Ele me ignorou. “Sabe o que ela disse quando lhe contei que planejava me casar com você? ‘Bem, meu velho querido, acho que o amor é a verdadeira suspensão da descrença.’”

“Eu ouvi como você falou com ela,” eu disse.

“Jesus,” ele respondeu. Então contou que não olhava para outra mulher desde que me conheceu. E sua voz mudou. “O que é mais do que posso dizer de você.”

“Sobre o quê está falando?” perguntei.

“A noite em que você encontrou Jamie em seu apartamento,” ele respondeu. “Sua foda final.”

Fiquei ali, imóvel.

“Foi o que pensei,” disse ele.

Ele não falava comigo. Dormia no quarto de hóspedes e, quando eu acordava, já tinha saído. No trabalho, eu era uma zumbi.

Liguei para Sophie. “Dê um tempo ao sujeito,” ela respondeu, e lembrou-me de que eu sentia ciúmes de mulheres que ele não via há trinta anos.

“É diferente,” falei. “Eu penso no sexo que ele costumava ter.”

Ela disse, “É o mesmo para ele.”

Trouxe camarões, pão e um buquê de flores para casa. A sala estava às escuras. “Querido?” gritei. E pensei, ‘Ele está lá em cima com a mãe de Elizabeth.’ Ainda carregando os camarões e as flores, subi as escadas. A porta do quarto estava fechada e a abri lentamente. O quarto estava escuro. Vazio.

Vi a luz vinda de seu gabinete. Senti cheiro de fumaça de cigarro. Ele estava sentado em sua mesa, vestindo camiseta, luvas de boxe, meias e chinelos. Ele não se virou.

“Querido?” falei; então eu vi o martíni. Não conseguia respirar direito.

Fitei o copo até que tudo o mais ficasse borrado. Era somente o copo e eu. O copo era grande e elegante, bem talhado.

Uma voz disse, ‘Ninguém bebe num copo como esse em casa. Talvez ele só a tenha tirado para olhar. Pode estar só recordando. Deve estar apenas flertando. Você não sabe.’ Ele girou a cadeira, e eu vi em seus olhos.

Ele fitou-me de esguelha, e era sua voz e não ele quando disse, “O que está olhando?”

Uma semana depois, eu empacotei minhas coisas. Fui até seu gabinete. Ele não se virou. “Você é quem fez algo errado,” disse Archie. “E está me punindo por isso.”

“Olhe,” respondi, e minha voz era tênue e falsa. “A razão de eu estar partindo é por causa da bebedeira.”

“Jesus,” ele disse. “A razão é por causa de?”

Percebi que estava esperando a permissão dele para partir.

Ele me ligava, às vezes, tarde. Eu ouvia o álcool em sua voz. Não conseguia ouvir de imediato, mas estava sempre lá. Depois de um tempo, não respondi mais aos telefonemas. Deixei que minha secretária eletrônica atendesse.

Certa vez, no meio da noite, eu respondi. Ele me disse que estava se matando, e eu peguei um táxi até lá. A porta estava destrancada e todas as luzes acesas. Archie estava em seu gabinete. “Bem, olá,” disse. E sorriu.

Eu falei que ele não parecia estar prestes a se matar.

“Eu estava sendo figurativo.” Continuou, “Ouça isto,” pegou a página de um manuscrito e leu.

Levei um minuto para compreender que ele estava lendo sua própria prosa. Era um romance, e começava com aquela festa no Central Park West. Quando terminou de ler, disse, “Vê?”

“Não,” respondi.

“O sujeito que você diz que eu sou não conseguiria escrever essa página.”

“Eu nunca disse nada.”

“As pessoas esperam suas vidas inteiras pelo tipo de felicidade que nós temos,” falou.

O editor me chamou em seu escritório. Disse-me que acabara de receber um romance de Archie Knox, uma submissão exclusiva. “Eu nunca gostei de Archie,” ele disse. “E Archie nunca gostou de mim.” Eu assenti e me detive.

“Ele a venderá para nós sob a condição de que você o edite.” Eu não me movi. “Dê uma olhada,” ele continuou. “É uma leitura rápida.”

Ele me entregou o manuscrito.

“Você não teria que mudar uma palavra,” ele falou.

“Não,” respondi.

Ele me fitou pela primeira vez. “Eu compreendo totalmente,” disse.

Eu li o livro assim que foi publicado pela S_. Todos leram. Foi lançado no verão, e eu caminhava na praia e via as pessoas lendo.

Ainda procuro pela capa mole nas lojas. Eu o abro na página de dedicatória para ver meu nome. Às vezes, viro a primeira página e recordo da noite em que ele a leu para mim e como inclinou na cadeira e disse, “Vê?”

A escrita é limpa. Eu realmente não teria mudado uma palavra. A maior parte é verdade também, exceto que o herói pára de beber e a garota cresce. Na última página, o casal se casa, o que é um belo modo para uma história de amor terminar.

A Melhor Luz Possível

“Desde que ter filhos significa desistir de muitas coisas, bons pais naturalmente esperam, e devem, algo de seus filhos em retorno: não agradecimento por terem nascido ou serem cuidados... mas... disposição para aceitar os padrões e ideais dos pais.”

- Benjamin Spock M.D., O Livro de Senso Comum Para Bebês e Cuidado Infantil

De repente, meu filho, Barney, aparece. Estou na cozinha fazendo chá de menta gelado e cantando com uma ópera, quando ouço a campainha tocar. Através do intercomunicador, Barney chama, imitando-se quando tinha oito anos, “Abra! Mamãe! Sou eu!” Eu o deixo entrar e vou até o patamar. Ele já está contornando o segundo andar e, com a luz fraca, vejo seu jeans e camiseta. Como sempre, ele trouxe uma mulher consigo.

Barney tem 34 anos, mas parece ter 21. Ele é baixo e musculoso, de pele bronzeada e possui um grande nariz. Vejo seu rosto por apenas um segundo antes de ser abraçada. Estou dizendo, “O que está fazendo aqui? Não consigo acreditar que está aqui.”

Ele pega o braço da namorada e, com um fingido sotaque inglês, diz, “Conheça minha santa mãe.”

“Chame-me de Nina,” eu digo.

“Como vai?” ela diz e aperta minha mão. “Sou Laurel.” Ela é mais alta do que ele, e bonita. Usa seus cabelos louro-escuros numa trança.

Barney mora em Chicago e estou esperando que ele me conte o que está fazendo aqui em Nova York e por que a surpresa, mas Laurel apenas diz, “Espero que não estejamos importunando.”

Barney diz, “Não seja boba.” Eu o bato.

Guio os dois até o terraço, tiro as folhas das cadeiras e da mesa, e pego o chá gelado. Da cozinha, eu grito “Vocês estão com fome?” e Barney responde que não por ambos. O que é uma sorte porque tudo que tenho na geladeira são aipo e iogurte.

No terraço, Laurel e Barney sentam-se juntos, ele com o braço dela ao seu redor, dedos tocando-lhe o pescoço. Laurel senta-se ereta em sua cadeira, como uma dançarina. Coloca duas colheres cheias de açúcar em seu chá, sorri desculpando-se e coloca mais um. “Quanto tempo vocês podem ficar?” eu pergunto.

Barney diz que irão à casa dos pais de Laurel, em Woods Hole, amanhã. “Eles são biólogos marinhos,” responde. “Uma família de cientistas.”

Agora recorro de Barney falando a respeito de uma mulher que trabalhava num laboratório. Eu não ouço tão atentamente como costumava; desde o divórcio, ele sempre estava acompanhado de uma namorada – ficava todo envolvido mas, alguns meses depois, quando eu perguntava como estavam indo, ele soava vago e irritado.

Digo, “Você é uma cientista, Laurel?” Ela concorda.

“Eu lhe disse,” Barney responde. “Ela é entomologista.”

Ela diz, “Estudo insetos.” Laurel olha ao redor para as árvores que ainda estão florescendo. A luz do sol atravessa os galhos e forma pequenas manchas de luz quente no chão de tijolos. “É tão bonito aqui fora,” diz. “Eu não sabia que existiam apartamentos assim em Nova York.”

Eu explico que Greenwich Village não é como o resto da cidade. “É uma pequena Nova York,” respondo.

Quando ela pergunta a respeito da placa de ‘vende-se’ no prédio, eu lhe conto a saga do proprietário que tentara comprar os aluguéis de meu apartamento e do andar de cima.

“Como está a bela Miss Rita?” pergunta Barney.

“Ela morreu há cerca de dois anos atrás,” respondo. “Ela tinha quase noventa anos, eu acho.”

“Ela era uma beleza,” Barney conta a Laurel.

“Era escritora,” digo, olhando para meu filho.

“Então quem está no andar de cima?” ele pergunta.

“A sobrinha dela, Jane.”

Barney diz, “Ela se parece com Rita?”

“De qualquer forma,” digo a Laurel, “estou aqui há uma eternidade.”

“Que sorte,” ela responde.

“Eu nunca conseguiria viver aqui novamente,” diz Barney. Ele canta, “O blues das imobiliárias de Nova York.”

Eu pergunto a Barney se ele esteve em Kingston Mines, o clube de blues onde tocara sax por incontáveis anos. Ele diz, “Tenho feito outras coisas,” e posso dizer que não quer conversar à respeito. Ele se inclina para trás e tira as folhas mortas de meu gerânio.

“Então, Nina,” diz. “Que tal um jantar festivo?”

“Jantar festivo?”

“Ótima idéia.” Continua, “Vou reunir os suspeitos habituais,” querendo dizer suas irmãs. Ele pega o telefone da cozinha e traz para fora. Liga para o restaurante e diz, “Isabelle, por favor. Diga-lhe que é Jerry Kincaid.” O nome é familiar e, de repente, recordo do enebado namorado de Isabelle, da 7ª série. Barney engrossa a voz e diz, “Babe, encontre-me no caminho.” Ele suspende o fone para que possamos ouvir Isabelle rindo.

Ele brinca com ela, mas pretende nos entreter também. Ele canta, “Construirei uma escada para o paraíso,” e exagera; ele dança, marchando com um galho como bengala. Barney está sempre fazendo todos apaixonarem-se por ele.

Depois que desliga, ele chama P.K. no escritório. Ela é a mais nova, uma advogada de direito civil. Com ela, Barney fica sério. “Ei, Peanut,” diz. Ele sorri para Laurel e leva o telefone para dentro.

Então eu fico no terraço, sozinha com Laurel. Ambas ficamos quietas então ela me pergunta sobre o documentário que produzi sobre porteiros. Barney mostrou à ela, e ela me diz de qual porteiro gostou mais. Ela olha diretamente para mim enquanto falo, e sei que está realmente ouvindo. Barney volta e fica atrás da cadeira de Laurel. “Temos P.K., Isabelle e seu galã – qual era o nome dele?”

Não tenho certeza. “Giancarlo?”

“É isso,” ele responde.

“P.K. não vai trazer Roger?”

“Arquivado,” ele diz, tocando bem de leve o pescoço, queixo e bochechas de Laurel. “Precisa de uma soneca, Buggy?” Ele beija o topo da cabeça dela e me ocorre que eu não tenho visto essa gentileza com ninguém desde Julie, sua ex-mulher.

Eu digo a Barney que eles ficarão em meu quarto. Endireito-me, pego toalhas e Laurel me ajuda a fazer a cama, colocando lençóis limpos. Barney me diz, “Só vou cantar para fazê-la dormir.”

Volto para o terraço e sento com minha lista de compras para a festa. Quando Barney aparece, ele não se senta comigo, encosta-se na parede. Eu gostaria de perguntar sobre Julie. Começo e paro. Parece estranho com Laurel deitada em meu quarto. Mas Julie foi

parte desta família; não se esquece simplesmente. Finalmente, eu pergunto, “Você tem visto Julie afinal?”

“Tenho.” Ele sorri, e é insolente, sexual ou malicioso, um sorriso de garoto mal.

“Como ela está?”

“Ótima.” Eu lhe dou uma olhada. “Laurel e eu jantamos com ela na quinta.” Agora, ele está sério, pensando em algo. “Como está papai?” pergunta.

Barney nunca pergunta sobre o pai. Digo “Papai?”

“Claro.”

Eu lhe digo que seu pai está numa nova galeria, uma boa. Pergunto se quer ver o convite para a inauguração, e Barney diz novamente, “Claro.”

Pego o cartão de Ben da bandeja de correspondência. É um belo convite – três minúsculas reproduções de suas pinturas. Entrego o cartão para Barney e digo, “É na próxima sexta-feira.”

Barney fita o convite e responde, “Agora tenho outro compromisso.” Ele se senta do lado oposto enquanto termino minha lista de compras.

“Posso pegar essas coisas,” ele diz.

“O que você fez com meu filho?” pergunto.

Ele sorri. “Eu não sei o que você quer dizer.”

P.K. é a primeira a chegar. Vem direto do trabalho então está vestindo um conjunto e carregando uma enorme pasta. P.K. é um pouco rechonchuda, mas nela fica bonito, quase infantil e suave. Seu rosto está corado por ter subido as escadas e seus olhos em expectativa. Ela me beija e sussurra “Julie está aqui?”

Eu digo não e ela suspira. “Foi o modo como ele disse ‘nós’. Eu não sei.” Pensa por um minuto. “É estúpido.”

“Ele trouxe Laurel,” respondo. “Ela é muito simpática.”

“Magnífico,” ela diz, com zero de entusiasmo. “Onde ele está?”

“Loja de bebidas.”

Laurel sai do quarto. Ela acabou de se levantar. “Oi,” diz.

Alguns minutos mais tarde, P.K. me segue até a cozinha; havia tirado as meias e sapatos e colocado minha camiseta preta por sobre a saia de pregas. “Essa não é um bimbo,” diz ela, suavemente.

Eu a coloco para trabalhar na salada.

Laurel junta-se a nós. Agora ela está acordada e seus cabelos soltos e encaracolados, até os ombros. “Como posso ajudar?” ela pergunta, e P.K. entrega-lhe a alface.

Barney volta da loja de bebidas. Quando vê P.K., ele larga as sacolas onde está e acontece de ser no chão da sala de estar, e a abraça.

“Bem, advogada,” diz, esfregando suas costas.

Ele arruma a mesa de jantar e liga o rádio. A versão de ‘Heard It Through the Grapevine’ de Gladys Knight está tocando. Estamos todos dançando e cantando ‘Guess you wonder how I knew’, quando Isabelle e Giancarlo chegam.

Isabelle é a grande beldade da família. Essa noite, ela está usando botas de motoqueiro que a fazem parecer dez centímetros mais alta. “Ei, você,” ela diz, abraçando Barney. Ela apresenta Giancarlo a todos. Ele possui um queixo quadrado e longos cabelos escuros, e é muito bonito, muito italiano.

Quando Barney apresenta Laurel, Isabelle está jovial. Ela faz o papel de gata glamourosa, mas não é quem ela realmente é. Não há espaço para ela e Giancarlo na cozinha, então eles levam os drinques para a sala de estar. Eu digo a P.K. para ir lhes fazer companhia mas ela diz, “Vá você, Barney.”

Todos nos instalamos na sala de estar para coquetéis. Estou sentada no apoio para pés, e Barney inclina-se para mim, dizendo em meu ouvido, “Elas estão se dando bem,” referindo-se à P.K. e Laurel. Ele beija minha cabeça e levanta-se.

“Ei, pessoal,” diz Isabelle. “Tenho uma surpresa.” Ela se vira para Laurel. “Barney lhe contou algo a respeito de Water Mill?”

“Um pouco.”

“Foi onde Barney e eu passamos nossos anos de formação. Era uma fazenda cooperativa.” Para Giancarlo, ela diz “Comunista.” Ela descreve os pomares de maçãs, as outras famílias e como costumávamos cruzar o rio para ouvir concertos de folk.

P.K. está concentrada. Ela sente que perdeu os bons velhos tempos e não está errada. Giancarlo está encarando Isabelle, estudando seu rosto; não sei dizer se ele está loucamente apaixonado ou não entende inglês.

“Corta o papo, Iz,” diz Barney.

“Não,” responde P.K. “Continue.”

Isabelle olha para mim, Barney, então para P.K. e diz, “Papai e eu fomos até lá no fim de semana passado.” Faz uma pausa. “Lembram-se de que ouvimos falar que foi aterrada?” Barney concorda. “Foi,” diz ela. “Exceto por uma coisa.” Ela tira fotografias de sua bolsa, “Voilà!” e as passa para nós.

São fotografias da minúscula aldeia que Barney construíra atrás de nossa casa. Possuíamos a cabana de um jardineiro, e Barney arrancara o enorme jardim no canto do gramado. Havia construções surgindo por toda a propriedade e Barney conquistava qualquer um que lhe desse algo para sua aldeia. Ele conseguiu lousas para os telhados, metal para as pontes e vidro azul para as piscinas. Construiu vales e colinas, até mesmo um rio, e dúzias de casinhas do tamanho de tijolos com sua “fórmula secreta” – uma mistura de cimento e pedra.

Agora ele dá a Laurel uma excursão, apontando a fotografia. “Campo de baseball, cinema drive-in...”

P.K. diz “Parece tão real.”

“Porque tudo se foi. Não há escala,” responde Isabelle.

O que me detém. Olho para a fotografia. O local onde nossa casa ficava certa vez está plano, sujo, alaranjado, cruzado por rastros de escavadeira. “É uma cidade fantasma,” falo.

Barney concorda. “É,” diz ele.

“Sua utopia,” diz Isabelle. A expressão de Barney é sonhadora e posso afirmar que ele está recordando.

Isabelle diz a Laurel, “Barney cresceu ouvindo adultos falando sobre Utopia.”

Eu me lembro dos discursos de Ben a respeito de criar nosso próprio mundo e, por um instante, vejo-me com 34 anos, sentada ao estilo indiano, a cabeça de Barney em meu colo; estamos num grande círculo com todas as famílias, na clareira do pomar de maçãs. É um entardecer de primavera e posso sentir o perfume das flores. “Devemos questionar tudo,” diz Ben. “Dinheiro, religião. Monogamia.” Eu encaro meu marido: “Você não está se referindo a nós, está, amor?”

Agora, Laurel pergunta a Barney, “Que idade você tinha?”

Ele olha para mim. “Oito?”

“Acho que é isso mesmo,” respondo.

“Quanto tempo você levou?” pergunta P.K.

“O verão inteiro,” diz Isabelle.

P.K. diz, “Adorei que eles tenham deixado.”

Eu vou à cozinha para checar o jantar e ouço Barney dizer, “Você vê muito papai, Isabelle?”

Sentamos-nos para comer. Cozinhei demais a massa, mas ninguém parece notar. Estamos todos conversando e rindo, bebendo vinho e eu tenho essa sensação boa. Estamos todos aqui.

Giancarlo, à minha direita, pergunta, “Por que vocês deixaram a fazenda?” Seu inglês é perfeito.

Eu lhe digo que as escolas não eram boas e estávamos perdendo dinheiro com as maçãs. “Não era realista.”

“Além do mais, tornou-se uma grande orgia,” diz Isabelle.

“Isabelle,” eu digo.

“Foi o que papai disse.”

“Então,” diz Laurel. “Vocês se mudaram para Roma.” Eu respondo que pretendíamos ficar apenas por um ano, mas encontrei um bom trabalho, e ela pergunta, “Fazendo o quê?”

“Dublagem,” respondo. “Minha voz está imortalizada em dúzias de faroestes spaghetti. De Barney também.”

“Pa!” grita Barney. “Injunções!”

“Como fazem isso?” Laurel pergunta.

“Você adapta,” falo. “Ajusta palavras na boca de um ator.”

Barney diz, “É difícil porque palavras italianas normalmente terminam em vogais – abertas.” Ele sorri para Giancarlo.

Eu digo “Se o ator fala ‘Prego!’, você não pode dublar ‘De nada’.”

Barney e eu atuamos de acordo: eu murmuro “Prego” ao mesmo tempo em que Barney diz “De nada.”

Ele se transforma numa espécie de instrutor: “Considerem as sutis diferenças entre ‘u’ e ‘i’.” Ele nos guia a todos através de consoantes e vogais, e observamos as bocas uns dos outros. Somos uma mesa repleta de sons.

“Sinto-me como se estivesse na primeira série,” diz P.K.

Durante a sobremesa, eu trago a champanhe. P.K. faz o primeiro brinde: “A nossos honrados hóspedes da Cidade dos Ventos!” E todos fazem os copos tilintarem.

Giancarlo levanta-se e diz, “A nossa chef mestra!”

“Gosto dessa,” eu digo a Isabelle.

P.K. está descrevendo seu último caso e por que não colocou o suposto traficante na tribuna. “Ele era inocente,” ela diz, “mas mentiu a respeito de tudo.” Ela está toda animada e eu estou um pouco aborrecida quando Barney se levanta e bate sua colher contra o copo.

“Eu tenho algo a anunciar,” ele diz. “Um grande comunicado.” Barney sorri para todos e então faz Laurel se levantar. “Estamos esperando um bebê.”

Eles sentam-se. Leva um tempo para ser assimilado, então Isabelle pula e os abraça. “É magnífico,” diz. “Isso é simplesmente magnífico.” Então estamos todos nos abraçando e conversando, uma estridente conversa.

Laurel meio que se levanta novamente e diz, “Também vamos nos casar.”

Todos riem; tenho que admitir, estou aliviada. Os detalhes circulam pela mesa – ela viu o médico na semana passada, o casamento será em breve, o bebê é esperado para Abril. “Eu vou ser uma avó,” digo a mim mesma.

Giancarlo aperta minha mão. Então Barney fica em pé novamente, ainda radiante. Todos pensam que ele está brincando. “Sente-se, seu exagerado!” grita P.K.

“Me dá um tempo!” diz Isabelle. Ela e Giancarlo estão rindo e ele a beija.

Barney diz, “Há mais uma coisa.”

Por acaso, eu olho para Laurel. Ela está pálida e transpirando; fios de cabelo estão grudados em seu pescoço. Eu falo “Shh.”

Muito lentamente, Barney diz, “Julie está grávida também.”

Agora, todos estão calados. Isabelle sussurra para Giancarlo, “A ex-esposa.”

A voz de Barney é firme. “Eu sou o pai.” Ninguém se move.

Eu observo meu filho. Acho que nunca o vi tão sério, mas não parece ser real; é como se ele estivesse imitando alguém responsável falando. Ele diz, “Vamos ajudá-la tanto quanto pudermos.” Ele parece perceber que ficar em pé não está certo – isso não é um brinde – e, abruptamente, se senta. “Vamos ajudá-la,” diz novamente.

P.K. estuda o irmão. De todas nós, ela é a que espera mais dele, e posso dizer que quer ver isto da forma, qualquer que seja, como ele vê. P.K. o colocará sob a melhor luz possível. Por um segundo, seu rosto fica turvado pela confusão ou desapontamento, mas então ela olha para Barney, direta e clara, e sua voz é seria quando pergunta, “Por que está fazendo isso?”

Agora é Laurel quem fala. Ela é uma proeza em autocontrole. “Nós decidimos juntos. É a única coisa a ser feita.”

Ficamos todos em silêncio novamente. Giancarlo inclina-se para frente e estende a mão para Barney. “Parabéns.”

“Isto é uma novela,” diz Isabelle.

Então, todos se viram para mim, como se eu fosse proferir algum tipo de comunicado. Eu tenho essas vozes em minha cabeça sobre o que A Mãe deve falar – talvez algo sobre como tudo vai funcionar. Minha própria mãe diria algo definitivo, final. Eu me lembro de Ben e eu contando a meus pais que iríamos nos casar. A verdadeira objeção deles era que Ben era judeu, e um comunista, mas meu pai berrara, ‘O papel do marido é prover’. Agora, olho para meus próprios filhos.

“Barn,” falo, “e quanto a sustentar os filhos?”

Ele acena; tem uma resposta pronta. “Venho compondo música para comerciais.”

Isabelle diz “Jingles”, como se a frivolidade da palavra por si própria provasse algo. Calmamente, P.K. pergunta, “Você tem alguma na TV?”

Barney mal acena. Acho que está com medo de que ela lhe peça para cantarolar um. É hora de dizer ‘Quem quer café?’ e, quando o faço, é como estar dublando. Giancarlo concorda, P.K. acena, Barney me lança um olhar de gratidão, mas eu inclino a cabeça e ele sabe que deve me seguir para a cozinha.

Não consigo me forçar a encará-lo. Eu lhe entrego a chaleira, ele me pergunta quais os copos. Sirvo leite num jarro e digo, “Você tem uma data para o casamento?”

“Acho que deveria trazer Laurel, não?”

Eu me viro e o encaro. Por um longo momento, olho para este homem. Olho para ele e penso, ‘Sou aquela que o ensinou a se considerar uma benção’.

“Jesus,” diz ele, “estava apenas brincando.” Ele se afasta de mim e quase tropeça em Isabelle.

“Posso ter uma palavrinha com você?” diz ela.

Eles saem para o terraço e, antes que a porta se feche, todos podem ouvir Isabelle dizendo, “Quê diabos está fazendo?”

Laurel aparece para ajudar. Ela está empenhada e silenciosa, então, me conta como foi estranho conhecer Julie. Ela pára. “Eu não queria sentir algo.” Olha para mim. Ela quer que eu compreenda e com meus olhos, deixo-a saber, que a compreendo.

“Tenho 35 anos,” ela diz. “Você tenta planejar sua vida, mas não é assim que funciona.” Noto o quanto ela está cansada agora. “Eu amo Barney,” diz.

Enquanto terminamos a sobremesa, a voz de Isabelle ecoa através da porta de vidro, mas somente uma palavra ocasional é clara – “... besteira... responsabilidade... criança...” Eles entram. Começou a chover e a camisa branca de Isabelle esta molhada de respingos, grudando em sua pele.

“Vamos,” ela diz a Giancarlo.

Ele aperta a mão de Barney cujos cabelos estão refletindo a luz. Isabelle beija todos ao redor e abraça Laurel. Vejo os ombros de Laurel subirem e descerem num suspiro. Quando Isabelle se volta para Barney, ela diz, “Conversaremos novamente, companheiro.”

“É,” diz ele. Ela o abraça rapidamente.

“Acompanha-me até a porta?” ela pergunta para mim.

Assim que chegamos ao patamar, Isabelle diz, “Não me diga para ir devagar com ele, Nina.” Ela olha direto para mim, em meus olhos. “Ele vem voando para cá como se fosse um Super-esperma. E supõe-se que todos deveriam congratulá-lo.” Sua voz fica suave. “Não é bom para ele.”

Giancarlo permanece em pé com as mãos nos bolsos da jaqueta. “Obrigado pelo jantar,” diz. Ele está no topo do degrau quando se vira. “Eu acho,” começa, “que vocês são uma boa família.”

Isabelle, que está a dois degraus abaixo dele, inclina e se apóia aos joelhos dele. “É uma coisa muito sentimental para se dizer, sabe.” Ela ri e ele a agarra. Levanta-a e tenta carregá-la escada abaixo. Por sobre o ombro dele, Isabelle acena para mim.

Barney e Laurel estão na cozinha, enxugando os pratos, e P.K. está massageando os ombros de Laurel. “Isso é ótimo,” ela diz.

“Acho que devemos ir para a cama,” eu falo.

Barney boceja. “Estamos quase terminando.”

P.K. diz boa noite aos dois e eu e ela vamos para meu quarto. Ela tira a camiseta que emprestou de mim e pega a própria blusa. Está parada na minha frente, de sutiã, e eu noto o quanto sua pele é branca. Ela mal esteve no sol durante todo aquele verão, vinha trabalhando tão duro.

Na porta, ela diz, “Eu não acho que seja tão ruim.”

Eu inclino a cabeça, não exatamente em concordância. Sua devoção para com o irmão, para com todos nós, tira meu fôlego.

A Pior Coisa Que Uma Garota Suburbana Poderia Imaginar

“Mantenha uma atmosfera calma e as crianças não irão se preocupar.”
- O Manual do Marinheiro, editado por Halsey C. Herreshoff

I

Meu pai soube que tinha leucemia durante anos antes de contar a mim e meu irmão. Ele explicou que não queria que sua doença interferisse em nossas vidas. Mal interferira na dele, disse, até recentemente. “Tenho tido muita sorte,” falou, e eu sabia que ele queria que víssemos desse modo também.

Esse era um fim de semana de começo de primavera nos subúrbios, e nós três estávamos sentados do lado de fora da varanda telada. Mamãe estava nos fundos, àquela tarde, preparando o lanche e oferecendo mais café, capinando o jardim e enchendo comida para os pássaros. Estava quente, mas não nublado do modo como pode ser na primavera; o céu era azul e com nuvens altas. As azaléias rosa-escuras e vermelhas haviam começado a florescer.

De volta à Nova York, eu liguei para papai antes de sair do serviço. Ele tinha acabado de chegar em casa do consultório. “Oi, amor,” disse. Eu sabia que ele estava na cozinha, bebericando um gim tônica enquanto mamãe cozinhava o jantar. Sua voz estava forte e animadora como sempre.

Eu tentei soar normal também. Ocupada. Quando ele me perguntou o que eu faria naquela noite, fitei o jornal aberto sobre minha escrivaninha – um escritor que eu tinha ouvido na rádio pública faria uma leitura na livraria do centro – e decidi ir, então poderia contar a meu pai. Depois que nos despedimos, fitei através do vidro às janelas do prédio de escritórios do outro lado da rua. Esse era o ano em que todo mundo começara a dizer, “Trabalhe com esperteza ao invés de longamente,” e os escritórios estavam desertos, exceto pelas formas minúsculas das faxineiras com seus uniformes azul-cinzentos, uma ou duas em cada andar. A mulher entrava num escritório e limpava. Um segundo mais tarde, a luz se apagava e ela ia para o escritório seguinte.

Ouvi a faxineira de meu próprio andar, esvaziando cestos de lixo e empurrando seu carrinho de limpeza pelo corredor. Seu nome era Blanca, e ela era minha vida social.

Eu vinha sendo a estrela em ascensão da H_ até que Mimi Howlett, a nova editora executiva, decidiu que eu era somente as luzes de um avião.

Na semana em que chegou, ela me levou para almoçar. No restaurante, as pessoas se viravam. Algumas conheciam Mimi e acenavam, mas outras apenas olhavam para ela porque era bonita o suficiente para se perguntarem se era famosa, e ela agia como se fosse.

Eu não pude deixar de olhá-la tampouco – era como se ela fosse de uma espécie diferente da minha. Ela tinha as proporções de uma modelo – cabeça grande, perfil

magro – pele pálida, olhos verdes de inverno e um nariz que mal possuía tamanho para respirar. Naquele dia, ela estava usando um chapéu diplomata, um conjunto preto de jaqueta curta e minissaia, e delicadas botas de amarrar. Ela deveria ter sido a heroína romântica de um romance, ‘A Época da Inocência’ talvez, exceto que estava comigo, em meu vestido de algodão largo; uma operária num documentário a respeito da classe proletária.

Agora, sua voz: era suave e sussurrante, o som de perfume falando; o que fazia de seu muito ocasional uso da palavra ‘foda’ tão chocante e até belo quanto um homem totalmente masculino expressando emoção sutil e profunda.

Ela começou me dizendo o quanto sentia sobre meu antigo chefe, Dorrie, que fora despedido. Ela pareceu penalizada e eu esperei que estivesse. Então falamos sobre nossos livros favoritos – não os recentemente publicados, mas os que crescemos lendo e os clássicos que amávamos na faculdade. Ela foi para Princeton, disse, e perguntou para onde fui. Quando eu lhe disse o nome de minha pequena faculdade, ela respondeu que achava que ouvira falar, acrescentando, “Acho que a irmã de um amigo meu foi para lá.”

Ela não tencionou ser depreciativa, o que só me fez sentir pior. Sentada na sua frente, lembrei-me de todas as rejeições que tive de faculdades com contagens médias de SAT cem pontos mais baixas do que Princeton. Lembrei-me dos envelopes finos e do quanto me senti mal ao contar para papai, cada noite, durante o jantar.

Mimi disse “Você está bem?”

“Sim,” respondi. “Você se importa se eu fumar?”

Eu tentei evitar Mimi. Sua presença parecia invocar cada rejeição que já experimentei – os professores que me olhavam como se eu não fosse uma promessa, os garotos que não retribuía meu afeto. Perto dela, voltei a ter 14 anos novamente. Eu duvidava que minha reação fosse nova para ela, mas não poderia ter sido agradável. Mesmo assim, ela tentou ser gentil e acolheu-me sob suas macias asas brancas.

Ela trazia batons que não usava mais, lenços de seda que pensou que eu gostaria. Deixava-me saber quando uma boa promoção estava acontecendo na Bergdorf ou Barney’s. Falou-me a respeito de um apartamento que minha amiga, Sophie, acabou pegando.

Na primeira vez em que Mimi pediu-me para ler uma de suas submissões, ela disse, “Achei que você poderia estar interessada nisso.” Mas logo, ela estava me entregando pilhas de manuscritos, cada submissão que ela mesma não queria ler; uma terrível, interminável provisão. Ela o fazia da maneira mais gentil possível, como se estivesse pedindo um favor que eu estava livre para recusar.

Sem perceber, tornei-me menos do que a editora associada que era para ser uma assistente que ela decidira trazer. Ela sempre se interrompia para explicar algum aspecto básico das publicações para mim. Eu tinha que me impedir de dizer, “Sim, eu sei,” que voltaria como se fosse relutância para aprender. Parecia que eu sabia cada vez menos.

Depois de um tempo, ela nunca pareceu olhar para mim sem avaliar quem eu era e no que seria capaz de me transformar. Eu podia notar que ela duvidava de minha devoção e, nisso, estava perfeitamente justificada.

Certa tarde, ela estava segurando seu vidro de perfume e eu estendi meus pulsos para serem borrifados, como de costume. Então ela disse que um agente havia

ligado perguntando sobre ‘Sul Profundo’, um romance lírico que ele submetera há semanas atrás – ‘Eu sabia algo a respeito?’ Respondi que procuraria.

Eu sabia onde estava, é claro – debaixo de minha mesa, onde escondi todos os manuscritos que não havia lido para ela. Agora, coloquei ‘Sul Profundo’ em minha bolsa, disse boa noite a Blanca e segui para a palestra no centro.

A livraria estava tão cheia que eu tive que ficar de pé entre as prateleiras. Alguém já estava ao microfone, dando as boas-vindas a todos. Eu estava tirando minha jaqueta e dobrando-a sobre a bolsa quando ouvi o apresentador dizer “... seu editor, Archie Knox.”

Desde que havíamos rompido, vi Archie algumas poucas vezes em festas e eventos editoriais. Na primeira vez, eu me aproximei mas ele mal acenou antes de virar as costas. Minha amiga Sophie disse que ele me evitara porque se importou muito comigo, mas não foi o que pareceu. De onde eu estava ele não pareceu mais velho ou diferente. Estava usando um suéter creme de algodão Shetland que eu conhecia.

Archie estava dizendo que havia lido o livro, ‘Lunático’, de uma só vez, esquecendo o jantar e adiando a cama; ficara acordado a noite toda e comera moo shu pork no café da manhã, o que não recomendava. Fez uma pausa e eu senti seu olhar sobre mim – suas sobrancelhas juntaram-se – então, ele pigarreou e terminou a história.

Houve aplausos e então o autor, Mickey Lamm, num terno marrom e tênis, abraçou Archie. Mickey parecia-se exatamente com sua voz: olhos estalados e andar vacilante; era todo feito de caudas de filhotes de cachorro embora tivesse provavelmente uns 40 anos.

Quando os aplausos diminuíram, ele disse no microfone, “Archie Knox, o melhor editor em qualquer lugar,” e bateu palmas, fazendo a multidão aplaudir novamente com ele. Ele possuía um sorriso torto que não cobria totalmente seus dentes e, a cada noventa palavras por minuto, convidava todos os aspirantes a escritor na platéia a mandarem seus manuscritos à Archie Knox na K_, dando o endereço completo, inclusive CEP. Em voz de anunciante, dizia “O endereço novamente é...” e repetia.

Eu não conseguia ver onde Archie estava, mas podia senti-lo. Fechei os olhos enquanto Mickey lia e imaginei Archie segurando uma caneta sobre o manuscrito.

‘Lunático’ eram memórias de infância, e o capítulo que Mickey leu era sobre roubar pílulas do armário médico do padrasto psiquiatra. Como se revelou, eram apenas comprimidos anti-náusea embora ele e os amigos tenham imaginado que haviam descoberto um excelente barato – e ele continuou roubando aqueles comprimidos.

Mickey não lia tanto quanto agia como o garoto que fora – intrépido, atrevido, um sociopata social – especialmente quando foi pego roubando e seu padrasto perguntara, “Está nauseado, Mickey?” Na risada da platéia, eu ouvi Archie.

Eu não conseguiria suportar a perspectiva de Archie me ignorando. Depois dos aplausos, eu rapidamente peguei minhas coisas. A caminho da saída, ouvi alguém da platéia fazer a pergunta padrão ‘O que você lê como inspiração?’ e Mickey responder: “Paredes de banheiros.”

Eu estava morando no antigo apartamento de tia Rita, no Village. Legalmente, eu não deveria estar lá então não tinha que me mudar realmente. Não havia espaço, de qualquer forma; ninguém tirara as coisas dela. Parecia definido menos por minha presença do que pela ausência dela, e o pequeno terraço era o único lugar onde gostava de ficar.

Mas eu não conseguiria ler ali. Então arranjei uma garrafa de cerveja, um ‘trenó’ e levei “Sul Profundo” para a enorme e formal mesa da sala de jantar.

O romance começava com a flora (madeiras escuras, densos emaranhados, vinhas sufocantes) e ia para fauna – se insetos contam como fauna. Insetos, insetos, insetos – pequenos demais para se ver ou enormes como pássaros, enxames, solitários, mordendo, picando e entrando em seu nariz. A prosa era densa e poética; era como ler escrita ilegível e, depois de algumas páginas, meus olhos apenas iam da esquerda pra direita, palavra por palavra, não lendo de todo. Então, quando o telefone tocou, eu atendi no primeiro toque. Archie disse, “Sou eu,” embora tivéssemos rompido há quase dois anos. “Qual é o problema?”

Eu estava surpresa demais para responder. Então comecei a chorar e não conseguia parar. Archie detestava ouvir alguém chorar – não porque o feria ou algo assim, ele apenas detestava choro. Percebi que estava ligando de um telefone público e eu sabia que provavelmente estaria indo jantar com Mickey e sua comitiva, mas ele não disse. Estava quieto, esperando que eu falasse.

Finalmente, confessei, “Papai está com leucemia.”

Tudo que ele disse foi, “Oh, doçura”, mas naquelas palavras eu ouvi tudo que precisava. Archie me disse para assoar o nariz e vir jantar na noite seguinte.

II

Archie atendeu a porta, usando o suéter de caxemira preto que eu havia lhe dado como presente de Natal. “Olá, querida,” disse. Ele como quê bateu em meu ombro.

Por trás dele, vi peônias sobre a mesa da sala de jantar. Eram brancas com bordas magenta, ainda fechadas em pequenos punhos. “Oh,” falei. “Minhas favoritas.”

“Sim, eu sei,” disse ele, e seus olhos disseram, “Você está fora de si.”

Enquanto servia clube soda e espremia um limão dentro, ele me contou que ficara parado diante daquelas peônias e pedira, ordenara, implorara que abrissem, mas eram tão resistentes quanto eu fui no começo.

“Talvez elas estejam vendo outro alguém,” respondi.

Para jantar estávamos tendo caranguejos de casca macia, outra coisa favorita minha. Enquanto ele os fritava, eu contei que papai não tinha a leucemia que normalmente se ouvia falar; não era do tipo que matava as pessoas de imediato.

“Bom,” disse Archie.

“Mas ele já tem faz nove anos,” continuei.

Archie estava arrumando nossos pratos na mesa, então parou e virou-se. “Nove anos?” Eu assenti.

Sentamos. Eu repeti o que papai dissera sobre não querer que a doença interferisse com minha vida, mas temi que Archie suspeitasse do que eu tinha feito, então falei em voz alta: “Acho que talvez ele pense que não consigo lidar com isso ou ajudá-lo.”

“Não,” respondeu Archie. “Ele não queria fazê-la passar por isso.” Meu pai vinha sendo forte e nobre, ele disse, que era como eu estava tentando ver isso também.

Contei que o médico de meu pai – Dr. Wischniak – viera e explicara a doença para Henry e eu, em particular. Lembrei Archie de que eu mal havia passado pela fronteira além-colégio em biologia, mas entendi que a leucemia e a quimioterapia enfraqueceram o sistema imunológico de papai e ele se tornou suscetível à infecções como herpes e pneumonia, que já tivera. Disse a Archie que meu irmão perguntou ao médico sobre a doença e o tratamento; células vermelhas e brancas, um transplante de medula e

transfusões de sangue. Então fiz minha única pergunta, ‘Quanto tempo ele tem?’ e o Dr. Wischniak disse que não poderia responder isso.

“Nenhuma idéia?” perguntou Archie. Eu sacudi a cabeça.

Falei que minha pergunta pareceu aborrecer o médico e soou errado para mim também, embora não entendesse por que. “Senti-me como se tivesse falado francês numa classe de ciências.”

“Talvez ele apenas não goste que lhe façam perguntas que não pode responder,” disse Archie.

“Talvez,” respondi.

Levamos nosso café para a sala de estar. Ele parou em frente ao estêreo e perguntou se eu tinha algum pedido. “Algo triste,” falei.

Enquanto catalogava os discos, ele me contou sobre a vez em que fizera a mesma pergunta para a filha; ela estava com uns três anos e mal-humorada após um cochilo, descendo um degrau por vez da escada, de bunda. Ele imitou-a dizendo, “Sem música, papai.”

“Eu lhe disse que tínhamos que ouvir algo,” continuou. “Ela langorosamente levantou os cabelos no topo da cabeça e, como uma cantora de boate aborrecida com o mundo, disse, ‘Coltrane então’.”

Foi o que ele colocou agora. Perguntei como estava Elizabeth, e ele disse que estava linda, esperta e imponente, terminando seu primeiro ano em Stanford. Passara o ano em Israel, num kibbutz. Ela o perdoara, disse, e tornaram-se mais chegados; ele deveria encontrá-la na Grécia, no verão. Falei que eu mesma esperava ir à Grécia naquele verão, mas agora não tinha certeza.

Ele sentou-se ao meu lado no sofá e deu tapinhas em minha mão.

Quando falamos a respeito da leitura de Mickey, eu admiti que não havia lido ‘Lunático’ ainda e Archie prometeu pegar uma cópia para mim. Pude ver o quanto ele estava orgulhoso do livro, e eu estava me perguntando se alguma vez me senti ou sentiria daquele modo, quando ele perguntou o que adquiri recentemente.

“Indisposição,” respondi. Não estava pronta para discutir sobre como minha carreira estava indo a lugar nenhum. “Tenho uma nova chefe,” falei.

“Quem é?”

“Mimi Howlett,” respondi.

“Eu conheci Mimi quando ela era assistente editorial,” ele falou, e imediatamente pensei, ‘Ele dormiu com ela’.

Ele perguntou qual foi o último livro que adorei. Eu estava tentando me lembrar do título de qualquer livro que li recentemente quando ele acrescentou, como se fosse apenas outro pedaço de conversa, “Você leu meu livro?”

“Sim,” respondi.

“Gostou?”

“Bastante,” disse.

Ele perguntou se eu me importei com o fato de ter escrito um livro a nosso respeito, e eu disse, “Me importei com o modo como você o submeteu a meu editor.”

“Foi um erro,” ele disse. “Sinto muito.”

“Eu sei,” falei.

“Eu estava um pouco desesperado.”

“Você consegue ficar ‘um pouco desesperado’?” perguntei. “Isso não é como estar ‘insignificantemente horrorizado’? Ou ‘ligeiramente extasiado’?”

“Deixe para um homem sua dignidade,” ele respondeu.

“Espantoso foi que você colocou um final feliz.”

“Nós merecíamos,” respondeu.

“Como está se saindo com a bebida?” perguntei.

Archie disse “Ótimo,” e me contou que começara a tomar uma droga chamada Antabuse, que o deixava violentamente enjoado se bebesse. Além disso, fora ao AA. Mostrou-me uma ficha de pôquer branca que lhe deram para marcar sua sobriedade. Disse também que não ia às reuniões, mas carregava a ficha no bolso o dia todo.

Eu falei que estava feliz por ele. Então perguntei, “O que você acha que eles dão aos Jogadores Anônimos?”

Quando ele me deu um abraço de boa noite eram somente braços e aperto, mas agora a familiar falta de conforto me reconfortou. Certa vez, eu lhe disse que seu abraço lembrava-me das mãos emprestadas para experiências com macacos reso; era mais a idéia de um abraço do que a coisa real.

“Archie,” falei, “seu abraço não progrediu.”

“Falta de prática,” ele respondeu.

Ele telefonou no dia seguinte e perguntou se eu queria jantar. Confessei que estava criminalmente atrasada com minhas submissões e planejava ler adoidado.

“Traga-os para cá,” ele disse. “E lerei adoidado também.”

Liguei para casa antes de deixar o escritório. Era um alívio não fingir que estava ocupada. “Você parece bem,” disse papai, e pude ouvir o quanto estava satisfeito.

Sentei-me na enorme poltrona de couro de Archie. Ele se estendeu no sofá. Quando comecei a dizer algo, ele disse, “Nada de conversas na biblioteca,” e lembrou-me que eu estava lá para trabalhar.

Depois de um tempo, ele disse que estava pedindo comida chinesa, que chamava de Chinois, e o que eu iria querer?

Respondi um “Sh” de biblioteca.

Ele ligou e pediu, - sabia do que eu gostava de qualquer forma – e quando nosso jantar chegou e arrumamos a mesa, ambos brincamos de não conversar. Transformou-se em nosso próprio pequeno filme mudo. Exagerávamos nossos gestos e expressões; ele segurava os palitos em confusão – O que será isso? – e fazia mímicas, conduzindo uma orquestra.

Durante o jantar, ele perguntou como eu havia me atrasado tanto com as submissões. Eu não tinha me perguntado como – parecia que apenas acontecera – mas agora, tentei pensar. Contei-lhe que não estava gostando de nada do que lia, o que me fez pensar que era eu e não os manuscritos.

“Então, eu relia tudo,” falei. “E não conseguia rejeitar nada.” Era a verdade e um alívio saber.

“Isso começou depois que você descobriu sobre seu pai?” perguntou ele.

Eu dei de ombros; parecia errado colocar a culpa nisso, especialmente quando papai nunca usara sua doença como desculpa.

Ele continuou, “É perfeitamente natural duvidar do próprio julgamento a respeito de duvidar de seu julgamento.” De volta ao gabinete, Archie disse, “Vamos ver o que você está lendo.”

Entreguei-lhe ‘Sul Profundo’.

“Eu nem mesmo sei sobre o quê é isso, exceto insetos,” respondi. “Continuo relendo o primeiro capítulo.”

Ele olhou a primeira página. “É sobre um escritor que quer ser o próximo Faulkner.”

“Eu entendi isso,” respondi. “Mas e se ele é o próximo Faulkner?”

“Ele não é,” disse Archie, virando a página.

“Mas eu não posso dizer só isso,” falei. “Acho que Mimi quer que eu escreva relatórios de leitores.”

“Esses são para Mimi?” perguntou ele. Eu assenti. “Todos eles?” Assenti.

Ele me encarou e percebi que entendera o que eu não quis lhe dizer.

“Escreva: ‘Esse sujeito quer ser o próximo Faulkner, e talvez seja, mas não consigo passar do primeiro capítulo’.”

“É tudo que eu tenho que dizer?” perguntei. “E posso parar de ler?”

“Sim, querida,” ele respondeu, devolvendo-me o manuscrito. “Vamos ver o resto.”

Ele leu o primeiro capítulo de todos os manuscritos que eu trouxe e disse, “Nada de errado com seu julgamento.” Então perguntou por que não gostei de cada um e, usando minhas palavras, ditou a nota que eu deveria escrever para Mimi. Sem uma palavra sobre meu rebaixamento, ele explicou as nuances de minha posição na nova H_ hierarquia, descrevendo políticas de escritório às quais eu desconhecia.

“Eu já devia saber disso,” falei.

“Não,” respondeu ele. “Como alguém aprende algo?”

Eu disse, “Sinto-me como Helen Keller e você é Annie Sullivan.”

“Helen,” disse ele, ternamente.

Fingi estar sinalizando e murmurei, “Você me ensinou a ler.”

Archie possuía um riso latido e eu ri só de ouvi-lo. Então admiti a situação terrível pela qual estava passando com Mimi. Contei-lhe que ela me olhava como se não tivesse certeza se eu era esperta ou não e, que de fato, tornava-me estúpida perto dela.

“Você não tem idéia do quanto é realmente esperta,” disse ele.

“Você dormiu com ela?” perguntei.

“Não, doçura,” respondeu ele.

“Essas notas estão ótimas,” disse Mimi, na tarde seguinte.

“Obrigada,” respondi.

“Mas os relatórios que você escrevia antes eram muito mais minuciosos,” disse ela.

Eu estava prestes a dizer, ‘Escreverei relatórios se você quiser’, mas então me imaginei tendo que ler o romance-inseto até o fim. Ao invés disso, repeti algo que Archie havia dito: “Não parece ser um uso eficiente de meu tempo.”

Ela me olhou como se eu tivesse falado sem mover a boca. Então respondeu, “Acho que notas estão bem.” Ela dispensou-me de seu escritório dizendo, “Obrigada.”

Escutei-me dizendo, “Sem problema.” Percebi que era o que nativos da língua inglesa às vezes diziam ao invés de ‘Por nada’.

Archie teve que ir a um jantar festivo, mas sugeriu que eu trabalhasse em seu gabinete. Disse, “Se você quiser, darei uma olhada em seu trabalho quando chegar em casa.”

Eu não queria voltar para Ritaville e meu escritório era um deserto fluorescente. Perguntei, “Tem certeza de que não se importa?”

“Por que me importaria?” respondeu, e disse que as chaves estavam no lugar de sempre (na boca da gárgula) e para ficar à vontade.

Eu fiquei. Li na poltrona de couro, com os pés sobre a mesa. Terminei todas as submissões que trouxe e escrevi notas para Mimi. Então me deitei no sofá com a cópia que Archie me deu de ‘Lunático’.

Acordei com ele me cobrindo com a colcha. “Oi,” falei.

“Você quer levantar e ir para casa,” ele perguntou, em voz baixa, “ou dormir no quarto de hóspedes?”

“Quarto de hóspedes,” respondi.

Archie contou que estava lendo o manuscrito de um neurologista, o que o fez desejar poder conversar a respeito com meu pai. Eles encontraram-se apenas duas vezes, no funeral de minha tia e então na praia, uma visita que dera um novo significado às palavras ‘longo fim-de-semana’.

O que eu lembrava a respeito era que Archie fumara um cigarro no deque e jogara a bituca no lago. Eu o fitei como se ele fosse um terrorista ameaçando nosso modo de vida e falei, “Nós nadamos ali.” Minha voz soara tão arrogante quanto da vez em que respondi mamãe quando um biscateiro estacionara em nosso gramado, “Você não pode esperar que todos conheçam suas regras.” O fim de semana inteiro foi assim, odiando Archie e então odiando-me por isso.

O que ele lembrava sobre aquele fim de semana era do quanto gostara de ficar sentado na varanda com papai. Eles conversaram principalmente sobre editoras e livros, e agora Archie percebia que meu pai queria somente deixá-lo à vontade. “Ele foi tão cordial comigo,” disse. “Se aquele fim de semana foi difícil para ele, não demonstrou.”

Eu me lembrei do alívio de papai com nosso rompimento embora nunca tenha dito uma palavra contra Archie. Archie estava me observando.

“O que seu pai disse sobre mim naquele fim de semana?”

“Ele disse que você era simpático,” respondi, o que era verdade.

Abrimos nossos biscoitos da sorte e trocamos as pequenas tiras de papel, como sempre havíamos feito. Minha sorte era a respeito do valor da sabedoria sobre o conhecimento. A dele era “Grande felicidade o aguarda.”

Quando ele deu uma mordida em seu biscoito, falei “Não coma – Jesus! Agora não vai se tornar realidade!” E ele cuspiu no guardanapo. Continuei, “Sabe o que eu sempre amei a seu respeito?”

“O quê?” perguntou ele, descansando o queixo sobre dois punhos arqueados numa imitação de estudante desfalecido.

“Sua disposição para engolir o orgulho e me fazer rir,” respondi. “Ou cuspir num guardanapo.”

“A boa notícia é que esses são os últimos manuscritos de meu arquivo,” falei, e continuei, “A má notícia é que esses são os últimos manuscritos de meu arquivo.”

“Vamos para a cama,” disse ele.

III

Certa vez eu li que, não importava quanto tempo um alcoólatra estivesse sóbrio, assim que voltava a beber, ele estaria exatamente onde estava quando largara.

Foi assim comigo e Archie. Eu enchi seu armário com minhas roupas. Meus xampus e condicionadores alinharam-se na borda de sua banheira. Ele abasteceu sua geladeira com cerveja diet e cenouras. Jantávamos juntos todas as noites, fora ou em casa.

Antes de ir para a cama, do banheiro no andar de cima, ele anunciava, “Estou tomando meu Antabuse!”

Eu não sabia o que dizer. Tentava pensar qual seria a resposta certa. Então gritava “Obrigada,” como se tivesse espirrado e ele houvesse me abençoado.

Eu sabia que ele queria sexo quando usava loção pós-barba antes de deitar. Eu chamava de pró-perfume. O sexo em si era trabalho manual. Eu estava lá para o que acontecia depois – o carinho que, de outro modo, não viria.

Às vezes dormíamos face a face, com nossos braços ao redor um do outro; uma noite acordei com sua boca tão perto da minha que eu estava respirando seu hálito.

A única amiga para quem contei no começo foi Sophie, a mais anti-Archie de todas. Eu estava com medo de contar, mas ela nem mesmo pareceu surpresa. Disse, “Ele a faz se sentir melhor?” Eu respondi que sim.

“Ele não está bebendo?” ela perguntou. Contei-lhe sobre o Antabuse e a ficha de pôquer do AA. Ela me encarou e pensou. Finalmente, disse, “Mas não abra mão de seu apartamento, okay?”

Respondi que o apartamento de minha tia não era meu para abrir mão, e que não me ocorrera mudar para a casa de Archie por completo.

“Ligue-me se ocorrer,” disse ela.

Archie perguntou se eu havia contado a meus pais sobre ele, e respondi que não. “Por mais quanto tempo você irá me manter no armário?” disse ele. “É escuro aqui dentro. E fico pisando nos seus sapatos.”

Eu estava indo para casa no subúrbio, durante o fim de semana, e Archie me deu uma cópia de ‘Lunático’ para entregar a papai. E então, disse, “Vamos.”

“Vamos?” falei. Ele carregou minha mala até a esquina da Hudson Street e chamou um táxi. De fato, ele subiu e rodou comigo até a Penn Station. Agia como se eu fosse uma marinheira embarcando. Enquanto eu esperava na fila para comprar a passagem, ele foi até a Banca Hudson onde comprou balas de frutas tropicais e revistas bobas – Mundo dos Cães, Confissões Verdadeiras e Palavras Cruzadas – para minha viagem de trem.

Caminhamos de mãos dadas até o meu portão de embarque. Foi difícil partir. Respondi que ficaria preocupada por ele estar sozinho. Ele me deu um beijo e disse para não me preocupar.

“Eu sou a última pessoa em quem você deveria estar pensando,” respondeu.

Aquele fim de semana pareceu igual àqueles que passei em casa antes de descobrir sobre meu pai. Mas agora eu sabia o que havia por baixo. Almoçamos no pátio. Conversamos e lemos. Jogamos golfe. Jantamos à luz de velas. Agimos como se fôssemos ao cinema e não fomos. Quando acordei no domingo, mamãe já estava de pé há horas, cuidando do jardim. Durante o café da manhã, ela contou que a casa seria pintada dali a algumas semanas. Ela mostrou para mim e papai as amostras de tinta, todas as inúmeras tonalidades de branco, e apontou qual seria para quê quarto.

“Alabaster parece formal demais para nosso quarto,” disse ele, brincando.

“É algo como pretensioso,” respondi. “E côco para o banheiro? Acho que não.”

Mamãe levava as brincadeiras na boa; ela revirou os olhos num fingido aborrecimento. Então disse, “Quero que a casa pareça a melhor,” com um fervor que me deteve.

Meu pai ouviu também. “A casa parece boa agora, Lou,” ele respondeu, ao som da melodia ‘É sobre pintura que estamos falando’.

Fui com ele para os pequenos compromissos e paramos para comprar frutas e vegetais no que, certa vez, foi o Ashbourne Mall. Lord & Taylor era um mercado de fazendeiros e, o departamento onde comprei meu primeiro sutiã, agora vendia produtos orgânicos.

No estacionamento, eu vi as Bruxas de Ashbourne, uma mãe e duas filhas, que ainda usavam o corte de cabelo comprido e desgrenhado e dirigiam o mesmo Rambler vermelho enferrujado. Elas me aterrorizaram e arrepiaram quando eu era criança, na época que meus amigos e eu espionávamos; a sabedoria popular dizia que as Bruxas devolviam as roupas que usavam. Papai achou isto tão engraçado quanto eu. Disse, “Suponho que essa é a pior coisa que uma garota suburbana poderia imaginar.”

Foi somente pouco antes de partir que me lembrei de dar ‘Lunático’ a papai. Não mencionei que o livro era de Archie. Papai pareceu satisfeito, lendo a contracapa. Folheou as primeiras páginas e vi, no mesmo instante que ele, que Mickey Lamm havia lhe escrito uma dedicatória. “Essa foi a leitura sobre a qual falei,” respondi.

Ele me levou de carro até o centro e a estação de trem. Manteve a capota do conversível abaixada, mas levantara os vidros da janela, então não estava ventando tanto a ponto de não conseguirmos conversar. Na maior parte, ele quis saber sobre minha vida em Nova York. As coisas estavam ficando fáceis com Mimi? Do que eu gostava em meu emprego? Ainda estava considerando ter um cachorro? Como estava Sophie? Havia conhecido alguém interessante?

Quando cheguei à casa de Archie naquela noite, ele disse “Como foi?” Contei-lhe que papai parecera muito bem, um pouco cansado talvez, mas fora isso, era o mesmo de sempre. Archie ainda estava esperando e só percebi quando ele perguntou, “Você não contou a seu pai sobre nós?” que tinha esperado que eu tivesse contado.

Foi por isso que ele pediu a dedicatória no livro.

Eu pensei em voz alta no por que não contei; disse algo sobre talvez estar tentando proteger papai como ele me protegeu.

Archie me encarou. “Você está me equiparando a uma doença de sangue fatal?”

“Não foi o que eu quis dizer.” Então percebi a verdade: “Eu não estava pensando em você,” respondi. “Estava apenas ficando com meu pai.”

Ele me fitou. “Você cresceu, doçura.”

Foi bom ouvir isto. Pensei que talvez ele estivesse certo. Então ocorreu-me que, se eu realmente havia crescido, não iria querer que me dissessem.

Mimi apareceu em meu escritório e perguntou se eu estava livre para o almoço; eu disse “Claro.” Ela estava com um humor de colegial esfuziante e caminhou de braços dados comigo até o restaurante. Senti que passaria um ótimo momento com ela, e fiquei surpresa quando não aconteceu.

Ela queria falar a respeito de homens – “garotos”, ela os chamava, apesar da idade. Todos em sua vida pareceram estar apaixonados por ela, exceto talvez o marido. Ele a amava tanto que a odiava. Contou-me que havia jantado recentemente com o segundo marido, um sulista, que ainda a chamava de “Docinho”. Tão doce quanto o autor que a levava para um jogo do Yankees na noite passada; ela esperava que ele passasse pelo escritório hoje, para que eu pudesse conhecê-lo.

Archie me disse que provavelmente poderia aprender muito com Mimi, e eu queria. Olhei para suas sobrancelhas; como ela conseguia deixá-las tão perfeitas? Eu assenti enquanto ela falava, o que era tudo que foi exigido até que ela perguntou se eu estava vendo alguém. Respondi que sim e quando ela perguntou “Quem?” eu podia apostar que já sabia. Mesmo assim, quando lhe contei, me senti como se tivesse vendido algo que deveria manter. Depois do almoço, ela disse que estava indo pintar o cabelo e não voltaria para o escritório.

“Seu cabelo é tingido?” perguntei.

“Pintado,” ela respondeu. “Nunca diga tingido.”

Seguindo o conselho de Archie, eu almocei com um agente de quem gostava. Esta pessoa certa vez trabalhara com Mimi e cantarolou o apelido dela, “Eu-eu-eu-eu.”

Eram quase três horas da tarde quando voltei. Havia um bilhete de Mimi em minha cadeira: “Venha me visitar.” Quando entrei em seu escritório, ela não ofereceu perfume. “Desculpe-me pelo atraso,” respondi. “Almocei com um agente.”

A voz dela era como gelo seco. “Se você for se atrasar, apenas avise-me, okay?”

“Claro,” respondi, e soou como ‘clar’; perto dela, às vezes, eu desenvolvia um involuntário sotaque Apalache.

“Há um romance que Dorrie adquiriu e quero que você o edite, Jane,” disse ela.

Eu havia editado uma dúzia de romances desde então mas sabia que, supostamente, deveria estar entusiasmada e tentei agir como se estivesse. Ela continuou, “Ninguém está esperando que você faça uma bolsa de seda com uma orelha de porco.”

“Então você está esperando uma bolsa de vinil?”

“Apenas transforme-a na melhor orelha de porco que puder,” disse ela.

Eu achei que o romance fosse seda, como era. Mas sabendo como Mimi sentia-se a respeito, passei a semana toda editando o primeiro capítulo. Antes de ir para o segundo, decidi mostrá-la para Archie. Ele disse que eu estava hipereeditando, tratando-o como se fosse um teste.

“É um teste,” respondi.

“Você está pensando em Mimi,” ele disse. “Pense...” virou-se para o título na página. “No Sr. Putterman.”

Assim que ele disse isto, eu sabia que estava certo e fiquei contente por ter lhe perguntado. Presenteei-o com um sorriso radiante.

“Você me ama,” respondeu ele. “Nem mesmo tente negar.”

Fiquei perdida pensando no Sr. Putterman; não eliminava um coma sem imaginar sua reação, perguntando-me se era necessário. Fiz cálculos sobre uma página durante uma hora e, no instante seguinte em que olhei para o relógio, vi que já estava quarenta e cinco minutos atrasada para me encontrar com Archie.

Cheguei ao restaurante dizendo “Me desculpe, desculpe, desculpe.”

Archie não parecia aborrecido. “Eu apenas estava começando a me preocupar,” ele respondeu. “Vamos arranjar algo para você comer.”

Mais tarde na cama, porém, ele perguntou, “Está com sono?”

“Estava,” respondi, nossa piada padrão.

“Você não quer se atrasar, doçura.” Ele acariciou meus cabelos. “Isso diz às pessoas que se importa a respeito de não poderem contar com você. Não é a mensagem que quer passar – especialmente agora com seu pai doente.”

“Você está certo,” falei. Pedi que me ajudasse.

“Apenas pense na pessoa que está afetando,” disse ele. “Pense no Sr. Putterman.”

Encontrei-me com Sophie no Tortilla Flats, onde meu ex-namorado, Jamie, trabalhava como bartender – só enquanto decidia se abria o próprio restaurante, dirigia filmes ou candidatava-se à faculdade de medicina novamente. Éramos amigos agora, embora não tivesse o visto desde que voltei para Archie.

Quando lhe contei que havia voltado, seu rosto não mudou. Então ele olhou para Sophie com uma expressão que dizia ‘Tome conta dela’. Ela deu de ombros, ‘Estou fazendo o melhor que posso’.

Na mesa, ela e eu conversamos sobre tudo exceto Archie, até nossa segunda rodada de margaritas.

“Desde que você não trouxe o assunto ‘sexo’ à baila,” disse ela, “presumo que não houve progressos milagrosos.”

“Não parece ser um problema do modo como costumava ser,” respondi.

“Isso é um problema,” disse ela.

Archie e eu fomos para sua casa de campo, na noite de sexta-feira. Estava com sono, mas permaneci acordada para conversarmos enquanto ele dirigia. Ele não me pediu para jogarmos os velhos jogos de carros – capitais, presidentes, vinte perguntas ou fantasmas – que coletivamente revelavam minha falta de conhecimento sobre cada tópico. Ao invés disso, ele me fez perguntas aleatórias a respeito de papai: Que traço eu mais admirava nele (equanimidade); que expressão ele mais me falava enquanto eu estava crescendo (“Não tome o caminho mais fácil, Jane”); qual era a memória mais remota que eu possuía dele (sentar-me em seus ombros durante um desfile).

Quando Archie disse, “Teremos nossa própria garotinha um dia,” meus olhos arregalaram-se no escuro.

Acordamos ao som da chuva fria. Tomamos café da manhã numa lanchonete e então perambulamos pela cidade. Entrei no ‘Pesca & Equipamento’, achando que poderia transformar iscas em brincos, mas eram todos muito brilhantes ou

enfeitados, isca demais. À tarde, Archie acendeu a lareira. Eu li ‘Sr. Putterman’. Ele leu o novo livro de Mickey. No começo da noite, ambos já estávamos inquietos.

“Por que não saímos para jantar e um filme?” disse ele.

“Eu acharr que nunca houve plano melhor,” respondi com meu melhor sotaque.

Ele sugeriu convidarmos Caldwell, seu amigo professor, a juntar-se a nós. Eu fiz uma careta. “Você parece Elizabeth, quando ela estava com treze anos,” disse.

“Caldwell parece ter uns cento e treze,” respondi.

“Não seja preconceituosa,” Archie disse.

“Ele tem uma personalidade ruim,” falei. “Ele interrompe.”

“Ele é fascinante se ouvi-lo falar sobre Fitzgerald,” respondeu. “Ele escreveu o melhor livro sobre Scott que há na praça.”

“Vou ler,” falei. Archie sacudiu a cabeça. “Ele nunca me faz perguntas,” continuei. “É como se ele nem mesmo conseguisse me enxergar. Sou apenas a sua coisa jovem. Apenas a jovem pessoa nebulosa sentada do outro lado da mesa.”

Ele me beijou e disse “Você é uma jovem pessoa nebulosa.”

V

Eu planejei passar o longo feriado de Quatro de Julho com minha família ao invés de Archie, e me senti culpada a respeito. Eu lhe contei, mas saiu tão confuso que ele pensou que estava convidando-o para ir comigo a praia.

“Deveria ser apenas sua família, doçura,” ele respondeu, oferecendo-se para emprestar o carro, assim eu não teria que tomar o ônibus.

“Obrigada,” respondi. Disse-lhe que meu irmão estava vindo de Boston e me pegaria. Mas imaginei a reação de meus pais ao Lincoln Continental branco de Archie surgindo na entrada da garagem.

“Estou tentando pensar em como contar a papai sobre nós,” eu falei.

“Que tal isso,” disse ele, e me imitou: “Boas notícias, Papa! Estou com aquele sujeito simpático, Archie, novamente!” Eu não respondi. “O quê?” continuou. “Você acha que sou má notícia?”

“Diga-me, se Elizabeth estivesse saindo com algum sujeito que é 28 anos mais velho, você não ficaria aborrecido?” perguntei.

“Seu pai me conhece,” ele respondeu. “Não sou apenas algum sujeito que é 28 anos mais velho – pelo menos não é o modo como eu me vejo.”

Eu não sabia como papai via Archie. Alguns meses antes de Archie e eu termos rompido, mamãe mencionara uma amiga cuja filha havia se envolvido com um alcoólatra. Ela pronunciara ‘alcoólatra’ como se estivesse na mesma categoria de ‘estuprador’ e ‘assassino’, e significasse louco, violento e ‘tranque a porta’.

Meu pai não disse nada e ocorreu-me que ele sabia ou, pelo menos, suspeitava que Archie fosse um alcoólatra.

Na noite de sexta-feira, peguei minha mochila e deixei-a junto da porta. Archie estava lendo em seu gabinete. Inclinei-me, beijei-o e disse, “Devo ir.”

Ele pareceu confuso. “Seu irmão está aqui?”

“Não,” respondi. “Ele vai me buscar em meu apartamento.”

“Por quê?” indagou ele. “Por que não está vindo pegar você aqui?”

“Querido,” falei. “Sabe que não contei para minha família ainda.”

“Jesus,” Archie disse. “Nem mesmo a Henry?”

Ele sacudiu a cabeça e voltou para o livro. Virou a página, embora eu soubesse que não estava lendo. Permaneci ali, parada, esperando que ele conversasse comigo. Quando olhei para o relógio já eram sete horas, que era quando meu irmão deveria me pegar.

“Não quero retê-la,” Archie respondeu, e seu tom era mesquinho.

“Estava apenas tentando pensar no Sr. Putterman,” falei.

“Eu gostaria de ser o Sr. Putterman de vez em quando,” disse ele.

“Terá que parar de ser o Sr. Filho da P., primeiro,” retruquei.

VI

Eu estava ansiosa no táxi. Eram quase sete e meia quando cheguei a meu apartamento, mas não havia sinal de Henry. Nenhum bilhete na porta, nenhuma mensagem na secretária.

Liguei para a praia e disse à mamãe que chegaríamos atrasados, mas ela respondeu como de costume, “Não se preocupem, qualquer hora que conseguirem chegar aqui está ótimo.”

Olhei pela janela a 11th Street. Observei uma jovem família carregando um jipe enorme e partindo para o fim de semana. De repente, fiquei assustada sobre o quanto meu pai deveria estar doente e o pouco tempo que eu poderia ter para passar com ele. Pensei, ‘Qualquer hora que conseguir chegar lá não está ótimo.’

Decidi que conversaria com Henry sobre isso mais tarde. Mas quando ele finalmente chegou, tinha uma convidada consigo, Rebecca.

Não conversamos, primeiro porque Henry estava com o rádio AM ligado para o boletim de tráfego. Ele acompanhou o radialista, “Rádio WINS Dez-Dez, você nos dá vinte e dois minutos, nós lhe daremos o mundo.”

Saindo do Túnel Holland, Rebecca virou-se no assento para conversar comigo e vi que ela era bonita, embora pudesse notar que não pensava à respeito. Era robusta, com a pele morena, grandes olhos escuros e uma minúscula pinta dourada no nariz. Contou-me que era pintora de paisagens e que vendia purificadores de água para pagar o aluguel. Quando disse, “Você deveria ter um,” pensei que havia me surpreendido olhando sua pinta. Mas então ela disse que a água em Nova York era ainda pior do que em Boston, tanto quanto cloro, cabos e pormenores importavam.

VII

Poucas horas depois, estávamos na ilha de Long Beach, ultrapassando o Ocean View Motel, Shore Bar, Bay Bank, Oh Fudge!, e as barraquinhas de sorvete com suas placas brilhantes em amarelo ou rosa. Então surgiram somente casas e uma longa faixa de escuridão até chegarmos aos pinheiros que escondiam nossa casa da estrada.

Papai havia substituído as antiguidades de minha mãe, praticamente inúteis lanternas por refletores, e a entrada estava incrivelmente iluminada. Por um momento, eu esqueci a doença de papai e estava somente contente por estar em casa; atravessando o mar de refletores fiz minha habitual piada, “At-ti-ca! At-ti-ca!”

Dentro, estávamos os três entorpecidos pela viagem. Permanecemos na cozinha. Henry abriu a geladeira. Papai surgiu em seu pijama e robe atalhado. Ele beijou a mim e meu irmão, e disse a Rebecca que estava feliz por conhecê-la. Parecia um pouco pálido, mas lembrei-me de que se tornara incapaz de jogar tênis desde que tivera herpes. Mamãe apareceu de robe com os cabelos achatados de um lado e enormes do outro. Com voz sonolenta, perguntou se queríamos frango frio, o que sempre oferecia.

Henry e eu dividimos uma cerveja e Rebecca disse que tomaria apenas água, o que naturalmente nos levou ao tópico dos purificadores. Embora já passasse da uma da madrugada, ela fixou um aparelho à nossa torneira, para nos mostrar como eram ótimos. Papai estava tossindo e fiquei preocupada que ele estivesse com outra bronquite infecciosa. Então me preocupei com o fato de ele me ver preocupada. Peguei um copo de água para papai e outro para mim. Rebecca observou-nos beber.

“Tem um gosto melhor, não?” ela perguntou. Papai pareceu estar considerando. “É triplamente filtrada,” disse ela. Eu admiti que tinha esquecido de provar.

Ela respondeu que talvez eu não fosse capaz de detectar a diferença afinal, porque cigarros provavelmente haviam acabado com meu paladar.

“Acho que o objetivo principal na água é que você não sinta o gosto,” falei.

Henry fitou-me. “O objetivo principal na água?”

Arranjei toalhas limpas para Rebecca e mostrei-lhe meu quarto. Tínhamos desmontado as camas beliche há alguns verões atrás, mas o quarto ainda era pequeno e parecia ainda menor agora que teria que compartilhá-lo com Rebecca.

Fui até o deque para fumar um cigarro. Fumava fora desde que papai havia largado, anos atrás; em parte, eu reconhecia que não deveria fumar mas fingia que não. As casas ao redor do lago estavam às escuras. Agora que Loveladies fora construída, parecia mais um subúrbio do que o litoral. Não havia mais pântano, mata cerrada. Era somente casa grande, quintal de seixos, casa grande, quintal de seixos.

Dentro de casa, Henry ligara a TV e um filme dos anos 70 tomou conta da sala de estar. Falei, “Henry, você tem que assistir agora?”

“Sim,” disse ele, tocando guitarra no ar ao som da música de perseguição. “Eu absolutamente tenho que assistir agora.”

Por um minuto, fiquei absorvida pelo filme – garotas sexies acelerando sobre motocicletas na rua principal. “Ouça,” comecei. “Quero conversar com você.”

Ele começou a dedilhar uma guitarra imaginária novamente e me deu um sorriso bobo. “Acho que você deveria tentar não se atrasar tanto,” falei. “Isso diz às pessoas que elas não podem contar com você.”

“Havia engarrafamento,” disse ele, e voltou para o filme.

Eu sabia que meu discurso carecia do poder que Archie tinha, mas continuei assim mesmo. “Queremos que papai saiba que pode contar conosco.”

Ele virou-se e me fitou, e pensei que talvez estivesse considerando o que eu disse. “Por que você simplesmente não diz que está zangada porque me atrasei?”

Então, Rebecca apareceu. “O que está passando?” ela perguntou.

“É ‘Chopper Chicks em Bikertown’,” ele respondeu, “ou ‘Biker Babes em Chopperville’.”

Ela se sentou ao lado dele. “Legal.”

A cama dela estava feita quando eu acordei. Henry estava na cozinha, sacudindo uma embalagem de suco de laranja. “Onde está Rebecca?” perguntei.

Ele respondeu que ela estava no refúgio selvagem, pintando.

“Ela está somente usando-o por causa da paisagem,” respondi. Soando como eu era aos doze anos, continuei, “Ela é sua namorada?” Henry deu de ombros.

“Por que a trouxe se não é sua namorada?” perguntei.

“Rebecca é divertida,” ele falou. “E achei que seria mais fácil, com outras pessoas ao redor.”

“Mais fácil para quem?”

“Todo mundo.”

“Você não tem que dormir com ela,” eu disse.

“É,” disse ele, sorrindo. “Nossa.”

“Ela pelo menos sabe sobre papai?”

“Claro que não,” respondeu Henry.

Henry e mamãe foram velejar, e eu permaneci com papai na varanda. Ele estava lendo um livro sobre como a bomba atômica havia sido construída. Eu editei ‘Sr. Putterman’. Depois de um tempo, eu disse, “Tenho uma pergunta.” Ele assentiu.

“Por que nunca contou a ninguém sobre estar doente?”

“Foi egoísmo,” ele respondeu. “Eu não queria pensar a respeito mais do que já tinha que pensar.”

“Estou perguntando para não fazer o que quer que você queira que eu evite. A razão pela qual não contou às pessoas, quero dizer.”

Ele sorriu para mim. “Bem colocado.” Então ele tirou e limpou os óculos, que era o que fazia quando estava organizando os pensamentos. Papai contou-me que a principal razão era que não queria que as pessoas o tratassem como um homem doente, em lugar de quem era. Foi o que me fez falar sobre Archie.

Ele não pareceu aborrecido. Disse que estava contente por eu ter alguém em quem me apoiar. Aquilo era importante. Então, papai voltou à bomba e eu ao Sr. Putterman.

Jantamos na varanda, lagostas e mexilhões cozidos no vapor, espigas de milho brancas, tomates e pão fresco. Rebecca já tinha voltado e estava se lavando para o jantar. Henry sentou-se ao meu lado na mesa.

Ele apontou para a tigela de mexilhões e disse, em voz baixa, “Vaginas do mar.” Olhei para a tigela e vi o que queria dizer.

Mamãe serviu. “Tudo é local, exceto as lagostas,” disse ela.

“Os mexilhões são locais?” perguntou Rebecca. “A água daqui é realmente limpa?”

“Tenho certeza que é ótima,” respondeu mamãe, num tom despreocupado.

Ela passou a tigela de pequenas vaginas para mim e eu disse, “Não, obrigada.”

“Jane.” Mamãe ficou aborrecida. “Os mexilhões estão deliciosos.”

Paramos de falar por alguns minutos, e havia apenas o som das cascas se partindo e então a tosse de papai, e me perguntei se era por isso que mamãe estava tensa. “O milho está ótimo,” falei para ela.

Papai perguntou como foi a pintura de Rebecca e esta respondeu, “Ótimo.”
“Adoraria ver,” respondeu mamãe.

“Quando eu terminar,” disse Rebecca.

Após o jantar, papai disse que estava cansado. Minha mãe o seguiu até o quarto e a ouvi dizer, “Marty, precisa de alguma coisa, querido?”

VIII

Acordei tarde. Encontrei mamãe chorando na cozinha. Ela sempre foi uma grande chorona; havia lenços de papel nos bolsos de cada um de seus robes e casacos. No passado, eu a gozei a respeito. Todos o fizemos. Mas agora pensei nas vezes em que ela deve ter chorado por causa de papai e não podia contar a ninguém sobre isso. Abracei-a. Ela disse que papai teve uma febre alta e a tosse havia piorado; estava conversando com o Dr. Wischniak no telefone agora.

Enquanto me vestia, eu pude ouvi-lo no quarto ao lado, não palavras, mas o tom; ele falava como se estivesse consultando outro médico à respeito de um paciente que tinham em comum. Quando mamãe me contou que o Dr. Wischniak queria que eles voltassem para a Filadélfia para fazer um raio-x, eu disse, “Vou acordar Henry.”

Ela não respondeu. “Acho que ele gostaria que o fizesse,” continuei.

“Okay,” disse ela, embora eu suspeitasse que desejava que não o acordasse.

Tomamos o café da manhã na varanda. Henry nos entreteve com histórias sobre seu chefe, Aldo, que era um grande arquiteto na Itália. Aldo deixava ópera tocando no escritório o dia todo, o que, Henry disse, fazia tudo parecer grandioso e dramático. Para demonstrar, Henry compôs uma ópera sobre chamar seu mecânico: “A transmissão?” cantou ele, com voz de barítono. “Não! Não! Não! Não pode ser!”

Papai insistiu que eu permanecesse na praia e desfrutasse o resto do fim de semana.

“Vou com vocês,” respondi. “Precisam de alguém para dirigir.”

Ele disse, “Mamãe pode me levar.”

“Mamãe o tem levado à algum lugar ultimamente?” perguntei. Lembrei-o de que ela dirigia o carro como se fosse uma bicicleta, puxando a gasolina e seguindo em ponto morto até diminuir a velocidade, daí acelerando novamente.

“Oh, pare,” disse mamãe.

Ela estava mostrando a Henry o que havia na geladeira para o almoço e jantar, quando Rebecca surgiu na sala de estar.

“Dr. Rosenal não está se sentindo bem,” mamãe lhe explicou. “Acho que ficará mais confortável em casa.”

“Ele comeu aqueles mexilhões?” perguntou ela.

“Não são os mexilhões,” mamãe respondeu.

Senti pena de Rebecca então, estando em nossa casa e não sabendo o que realmente estava acontecendo. Na porta, papai apertou a mão de Rebecca e disse, “Espero ter a chance de vê-la novamente.”

Por um segundo, pensei que ele quis dizer, ‘Se eu viver’, mas então tirei a idéia da cabeça. “Eu também,” respondi. “Obrigada pela ótima água.”

Henry disse “Me liga.”

O raio-x estava claro, mas Eli – Dr. Wischniak – teve um tanque de oxigênio entregue em nossa casa, por via das dúvidas. Era do tamanho de uma criancinha e ficava junto da cama. Papai pareceu contente por estar em casa, no subúrbio. A casa era de pedra, antiga e robusta, fresca por dentro e bonita. Porque moravam ali por tantos anos, eles tinham tudo como queriam. Assim que papai foi para a cama, sob os lençóis brancos e limpos e o cobertor de algodão azul, ele pareceu melhor. Eu disse isso à mamãe.

“Estou tão contente por ter a casa pintada,” disse ela. “Acho que realmente faz diferença.”

“Faz,” respondi, embora não tivesse certeza de com o quê exatamente estava concordando.

Perto do jantar, a febre de papai baixara e ele estava fazendo piadas. Quando tomou um gole d’água, disse, “Louise, essa água não está triplamente filtrada.”

Eu aluguei o tipo de filme de ação-aventura que ele gostava. No meio, Henry ligou. Papai sinalizou-me para parar o vídeo e, enquanto o fazia, eu disse “Parado, babaca.”

Papai desprende uma pequena risada. Quando atendi ao telefone, Henry perguntou, “Ele realmente está bem?”

“De fato, está,” respondi.

IX

Antes de ir para a cama, telefonei para Archie. Ele não respondeu. Por um segundo, fiquei preocupada que estivesse bebendo. Mas era o Quatro de Julho e lembrei que ele disse que talvez fosse ao telhado de Mickey, ver os fogos de artifício. Ou poderia estar dormindo. Talvez tivesse ido dar uma caminhada. Mas me peguei nessa; Archie não fazia caminhadas.

No trem para Nova York, tentei me recordar da última vez em que o ouvi dizer “Estou tomando meu Antabuse!” Percebi que, de fato, nunca o vi engolir o comprimido. Fui para o apartamento de minha tia ao invés disso. Estava com cheiro de mofo, e abri todas as janelas. Então fui para o estúdio e liguei para ele.

Tentei detectar traços de álcool em sua voz, mas não ouvi nada. Repeti o que papai disse a respeito de estar contente por eu ter Archie para me apoiar, e ele respondeu, “Eu lhe disse.”

Eu não tinha discutido sobre a bebida desde que ele me contara que largou. Senti que não podia, o que parecia provar sua proximidade. Perguntei, “Você não bebeu enquanto eu estava fora, bebeu?”

“Se você tem que perguntar,” disse ele, “não pergunte.” Então: “Eu não acho que tenha lhe dado qualquer razão para duvidar de mim.”

“É verdade,” respondi.

“Bem,” ele disse, “venha para cá.”

E eu fui.

X

Eu finalmente terminei ‘Sr. Putterman’ e o li mais uma última vez, pensando nele como o teste que era. Mais tarde, percebi que estava mais nervosa quanto à reação de Archie do que de Mimi, o que parecia errado. Decidi entregá-lo para ela sem mostrar a Archie primeiro.

Ela leu durante a noite, e me chamou em seu escritório na tarde seguinte. Pegou o perfume e submeti meus pulsos. “Esse é realmente um belo trabalho, Jane,” disse ela.

“Obrigada,” respondi.

“Onde está a carta?” ela perguntou.

“A carta?”

Lentamente, ela disse “A carta para Putterman.”

Pensei, ‘Você quer que eu escreva até mesmo a carta que irá assinar?’ Ela começou a explicar que a carta do autor deveria descrever as mudanças que “nós” faríamos no romance bem como “nosso” entusiasmo pelo projeto.

“Quase terminado,” falei, e peguei o manuscrito de volta.

‘Realmente um belo trabalho’, disse a mim mesma à caminho da casa de Archie. Realmente um belo trabalho. Após o jantar, dei o manuscrito para que ele lesse. Archie levou-o direto para seu gabinete. Quando desceu, disse, “Parece bom, doçura.”

“Preciso saber se você acha que algum dia serei realmente boa nisso,” falei. Ele pareceu estar considerando. Continuei, “Preciso saber se você acha que posso algum dia ser uma puta grande editora.”

“Sim,” disse ele. “Eu acho você uma puta grande editora.”

Fitei-o zangada. Havia uma dúzia de observações cruéis que eu poderia fazer. Ele disse, “Sua tia, Rita, sempre disse que os melhores editores eram invisíveis.” Editores trabalhavam nos bastidores, falou; não era um trabalho que se fazia por elogio ou glória – isso pertencia ao escritor.

“Você obteve glória,” respondi.

“Inadvertidamente,” ele disse.

“Isso não é o que você chamaria de ‘auto-inflação modesta’?” indaguei. Ele me fitou. “Não acho que exista algo de errado com glória,” concluí.

“Junte-se a uma banda de música,” ele respondeu.

“Cale a boca,” retruquei.

“Réplica instantânea,” disse ele, levantando-se para cuidar dos pratos.

Na cama, no escuro, ele sussurrou “Desculpe-me por ter sido tão cruel com você.” E então: “Você necessita de aprovação um pouco demais, doçura.”

“Eu sei,” respondi.

“Mas você realmente fez um belo trabalho pelo velho Sr. Putterman.”

“Mimi disse ‘Realmente belo’,” respondi.

Ele se virou e encarou-me. “Você entregou a Mimi antes de me mostrar?”

“Sim,” eu falei. Ele se sentou e virou as costas para mim, acendendo um cigarro.

“Por que você faria isso?” perguntou ele, e seu tom colocou-me na terceira pessoa.

“O que você disse – preciso demais da sua aprovação.” Eu mesma acendi um cigarro e continuei, “Estava confiando demais em seu julgamento.”

Eu percebi o quanto ele estava zangado pelo modo como fumava – profundas tragadas com intervalos muito breves. “Eu confio em seu julgamento,” disse ele. “Peço que leia minhas cartas editoriais.”

“Você não precisa que eu leia, no entanto,” falei.

“É claro que preciso,” disse ele.

“Mas se eu não estivesse por perto para lê-las, você estaria bem.”

Archie disse, “Você planeja ir a algum lugar?”

Mimi chamou-me em seu escritório. “Você fez um trabalho maravilhoso com o romance,” disse ela. “Mas estou um pouco surpresa que tenha levado tanto tempo.”

“Oh,” falei. Pensei na vez em que a líder do meu grupo de escoteiras disse-me que eu não merecera tantas medalhas; ela tinha dito, ‘Você tem que trabalhar como escoteira, Jane’.

“Eu não mencionei ontem porque não quis diminuir o trabalho que fez. Provavelmente nem teria mencionado,” disse Mimi. E continuou, “Se você também não levasse tanto tempo lendo submissões.”

Ela estava olhando para mim e eu sabia que esperava uma garantia de rapidez futura. Mas eu apenas respondi, “Sim.” E “sim” novamente. Mesmo para mim, soei como alguém que fumava cigarros na frente da farmácia o dia todo.

Eu estava mal-humorada em meu escritório, quando mamãe ligou. Ela nunca telefonava no meio do dia, então quando disse “Como está?” eu respondi “O que houve?”

Ela disse, “Está tudo bem.” Então me contou que papai teve pneumonia e foi internado no hospital. Mimi disse para levar quanto tempo fosse necessário.

Archie deixou o trabalho e encontrou-me em casa. Ficou sentado na cama enquanto eu arrumava a mala. “Vai ser duro na Filadélfia,” disse. “Não quero que se preocupe a nosso respeito.”

No táxi a caminho da estação, ele me contou que, quando estava crescendo, via uma expressão de prazer cruzar o rosto da mãe e perguntava no que ela estava pensando; ela dizia, ‘Estava apenas pensando no seu pai.’ “É como eu quero que sejamos,” disse Archie. Eu sorri. “O que foi?”

“Estava apenas pensando no seu pai,” respondi.

XI

Perguntei a mamãe quando Henry viria. Estávamos no carro, à caminho do hospital. Ela não respondeu. “Mamãe?” insisti.

“Sim?”

“Quando Henry vem?” Ela disse que ele tinha um casamento para ir, em Cape, naquele sábado e viria mais cedo ou mais tarde. “Está cansada?” perguntei. Ela assentiu.

No farol vermelho, ela parou, acelerou, parou, acelerou. Eu estava ficando enjoada. “Você quer que eu dirija?” ofereci-me. “Posso dirigir,” ela respondeu. Mas estacionou e saiu para que eu pudesse tomar seu lugar no volante.

Papai tinha tubos plásticos de oxigênio em seu nariz. Não sorriu quando me viu. “Olá, amor,” disse. Inclinei-me para beijar sua testa.

Ele estava numa suíte VIP que possuía carpetes parede a parede, uma mini-geladeira e papel de parede aveludado. “Isto é um bordel,” falei.

“Não diga a mamãe,” ele respondeu.

Do lado de fora, no corredor, eu vi o Dr. Wischniak e perguntei quando papai iria para casa. Ele respondeu, “Ainda não posso responder a isso.”

“Meu pai está morrendo?” perguntei.

Ele encarou-me firmemente. “Estamos todos morrendo, Jane.”

Na cama de meu antigo quarto, entrei em pânico, do modo como acontecia quando eu era criança e meus pais saíam à noite. A casa parecia desprotegida e com um grande perigo iminente; imaginava um leão esgueirando-se do gabinete para onde a babá assistia televisão, ou um assassino à espreita do lado de fora de minha porta. Eu sussurrava, “Nunca aconteceu nada antes.”

Eu disse aquelas palavras agora.

Durante todo o dia, os amigos médicos de papai, em seus guarda-pós brancos, visitaram-no. Sentaram-se em sua cama e deram tapinhas amigáveis sobre o cobertor onde as pernas ficavam. Meu pai perguntou sobre seus filhos – “Como Amy está se saindo com Barnard?” ou “O que Peter vai fazer nesse verão?” – tentando deixá-los confortáveis.

Quando ele perguntou como estava indo meu trabalho, eu disse “Okay.”

“Mesmo?” insistiu.

“Não,” respondi. Contei-lhe que não tinha certeza se pertencia ao mundo editorial.

“Estou ficando pior ao invés de melhor.”

“Você continua falando a respeito de se é boa nisso ou não,” disse ele. “A verdadeira questão é: você gosta?”

“Poderia odiar,” respondi. Ele lembrou-me de que eu amava livros. “Eu não leio livros,” falei. “Leio manuscritos que não são bons o bastante para se tornarem livros.”

“O que você acha que gostaria de fazer ao invés disso?” papai perguntou.

Eu disse que estava pensando em escrever uma série de panfletos chamada ‘O Guia dos Perdedores’. Falei, “Como ‘O Guia dos Perdedores para Carreiras’. Ou ‘O Guia dos Perdedores para Amor’.” Nem mesmo tinha certeza se estava ou não brincando.

“Quaisquer outras idéias?” ele perguntou.

Falei sobre uma joalheria com a placa ‘PIERCING – COM OU SEM DOR’. Ele riu.

“Mas eu não iria querer perfurar nada exceto orelhas,” falei. “Talvez o nariz de vez em quando.”

As drogas que ele estava tomando deixavam-no nauseado e mamãe tentava fazê-lo comer. “Que tal um sanduíche de pastrami?” disse ela. “Talvez amanhã eu traga batata assada ou um bom bife.”

“Você sempre diz ‘um bom bife’ como se também houvesse bifes maus,” falei.

Na saída para o estacionamento do hospital, eu disse a mamãe que talvez não fosse uma boa idéia falar sobre comida enquanto papai estava enjoado.

“Ele tem que manter as forças,” ela respondeu. A maneira como falou lembrou-me mais um resmungo do que um pensamento.

Em casa, nos servimos de uma taça de vinho na varanda telada, ambas ainda usando os crachás de visitante do hospital. O céu possuía uma tonalidade violeta suja, da chuva por vir. Tentei conversar sobre outros assuntos além de papai. Perguntei a respeito dos vizinhos de quem lembrava. “Como está Willy Schwam?” Ele tinha uma bolsa de estudos para Juilliard. “O que houve com Oliver Biddle?” O pai morreu; mãe e filho mudaram-se para a Flórida.

Os Caliphanos moravam lá agora; estavam criando a neta, Lisa, porque a mãe da menina era uma viciada em drogas. Era uma garotinha séria, mamãe disse, adorável com tranças; batera na porta na semana passada e dissera, “Tenho a sensação de que existem coelhos em seu quintal.”

“O que você disse?” perguntei a mamãe.

“Eu respondi ‘Vamos lá ver’.”

Mamãe falou-me à respeito de todos os vizinhos, partindo de um lado da rua para o outro. Depois que ela subiu para o quarto, o que permaneceu comigo não foram as boas notícias – casamentos, bebês ou bolsas de estudo – mas a neta dos Caliphanos vivendo sem a mãe, o Sr. Zipkin perdendo o emprego, e a Sra. Hennessy sendo roubada. Fiquei sentada ali na varanda com um cigarro e outro copo de vinho, ouvindo os grilos e um ocasional carro. Ocorreu-me que o silêncio nos subúrbios não tinha nada a ver com paz.

XII

Durante o fim de semana, papai disse que estava preocupado com relação às minhas faltas no trabalho; quando eu voltaria?

“Peguei uma licença,” respondi, decidindo então. “Estou me fingindo de doente por sua culpa.”

“Fico contente,” disse ele. Então me encarou e continuou, “Significa muito para mim que esteja aqui.”

Mamãe disse que não havia razão para que Henry viesse, já que eu estava ali. Mas fiquei esperando que viesse, e Archie também. “Fique tanto tempo quanto necessário,” disse ele. “Mas não se esqueça de que preciso de você aqui.”

Uma noite, Archie disse que eu soava vaga. Respondi que era o subúrbio. “Eles colocam tranqüilizantes na água.” Mamãe estava ouvindo e sorriu.

“Doçura,” ele disse, “não estou tendo uma idéia clara do que está acontecendo aí.”

Tentei explicar, mas percebi que eu mesma não tinha certeza. Então liguei para Irwin Lasker, um dos amigos médicos que visitavam papai todos os dias. Dr. Lasker era brusco e seu sarcasmo me assustava na época de criança, quando fui amiga de sua filha e dormia na casa deles.

“Os médicos estão dizendo o que precisa saber, Jane,” disse ele, e soou zangado. “Depende de você se quer ou não ouvir.”

Eu mesma fiquei zangada. “Talvez quando você ouve a respeito de contagens de sangue entenda, mas eu não.”

Ele não respondeu de imediato, mas quando o fez, soou grave. Então percebi que havia lhe pedido para imaginar a própria filha ouvindo a respeito dele. “É uma questão de dias, Jane.”

Quando contei à mamãe o que ele havia dito, ela chorou e então ficou zangada com o Dr. Lasker.

“Mãe,” falei. “Eu pedi a ele que me dissesse.”

“Irwin é um pessimista,” respondeu ela.

Na manhã seguinte, os olhos de mamãe estavam tão inchados de tanto chorar que haviam quase se fechado. Eu a fiz deitar-se, trazendo cubos de gelo numa toalha e fatias de pepino. Esperamos até que o inchaço diminuísse para irmos para o hospital.

Ela colocou seu vestido de verão mais bonito. Este era seu jeito de fazer papai saber que estava bem. Mas era algo mais também. Era quase uma superstição – como se o fato de estar bonita o suficiente fizesse tudo ficar bem. Eu não sabia como me parecia. Estava me vendo nos espelhos de minha adolescência, onde havia descoberto que nunca seria uma bela mulher. Pouco importava para mim agora, mas quando mamãe disse, “Coloque um pouco de cor, Jane,” eu o fiz.

Ela observou-me ansiosamente e eu disse, “Você parece estar precisando de um copo bem grande de água suburbana.” Ela assentiu, não entendendo minha piada.

Permaneceu ali junto da porta, no belo vestido floral, uma aquarela em sua antiga forma.

XIII

Como médico, papai deve ter sabido o que estava acontecendo. Foi gradual mas me pareceu que, de repente, ele ficou muito quieto. Quando seus amigos o visitavam, ele respondia as perguntas e era tudo.

Fiquei preocupada que ele estivesse pensando na morte, mas eu não traria o assunto à tona; perguntei se tinha algo em mente.

“Sim,” disse ele. “Como está indo com Archie?”

“Muito bem,” respondi.

“Bom,” ele falou.

“Eu sei que ficou aliviado quando rompi com Archie da última vez,” falei. “Vai me dizer o por quê?”

Ele disse que notara a insulina de Archie na geladeira, naquele fim de semana na praia. “Diabetes é uma doença séria,” falou. “Mas ele não tratou como se fosse. Não estava se cuidando, o que me fez pensar que alguém acabaria o fazendo. A filha dele não parecia visitá-lo ou sentir-se no dever de cuidar. Preocupei-me que você seria a única. Eu não queria que você desperdiçasse a vida desse modo.” Fez uma pausa. Então, ele me perguntou se eu sabia há quanto tempo Archie era diabético – um importante fator de prognóstico, disse.

Respondi que não sabia. A frase padrão de Archie era que comedores de carne haviam devorado seu pâncreas. Devo ter parecido preocupada porque papai disse, “É duro, não, amor?” Eu disse que era.

Eu comecei a notar o quanto ele e mamãe eram cerimoniosos. Ela falava com ele num tom calmo mas distante, e ele era do mesmo modo. Papai agia como se morrer fosse seu negócio particular, e suponho que era.

Voltando para o carro com mamãe, perguntei, “Não foi difícil manter a doença de papai em segredo durante todos esses anos?” Ela me olhou como se a estivesse acusando de algo. “Você e papai conversavam muito a respeito?” continuei.

Ela respondeu, “No começo, sim.” Então ela me contou que certa vez lamuriara-se para ele sobre o quanto estava assustada; ele dissera que não poderia confortá-la com relação a si próprio.

“Você alguma vez quis falar sobre isso com outra pessoa?” perguntei.

“Não,” disse ela. “Isso era entre mim e seu pai.”

Mamãe me contou que Henry poderia não vir nesse fim de semana como planejado; sua firma estava entrando numa competição e Aldo pedira-lhe que desenhasse as árvores – uma grande honra. Percebi o quanto estava zangada por Henry não estar conosco e telefonei-lhe imediatamente, dizendo, “Você deveria vir agora mesmo.”

“Não foi o que mamãe disse.” Ele respondeu que não era somente a competição, ele queria pesquisar os mais novos tratamentos para a doença de papai; lera a respeito de um na Escócia, mas eles haviam testado só em ratos até agora.

“Ratos?”

Tínhamos que ter a mente aberta, disse Henry; havíamos dado uma chance à medicina convencional e não estava funcionando. Num tom de voz diferente, ele disse, “Não posso apenas ficar sentado, esperando que papai morra.”

“Henry,” falei, “papai não irá para a Escócia.”

“Talvez tenhamos que forçá-lo,” disse ele.

Eu estava prestes a dizer, ‘Forçar papai?’ Ao invés disso, respirei fundo. “Por favor, venha,” continuei. “Preciso de você aqui.”

Depois que desliguei, mamãe evitou me fitar. Falei, “O que você acha que fiz de tão errado?”

“Eu não disse que você estava fazendo algo errado,” ela respondeu, no mesmo tom que agora usava com meu pai.

“Não está mais conversando comigo,” eu disse.

“Não é verdade.” Ela voltou sua atenção dos pratos para o fogão e então para a pia.
“Mãe,” falei. “Você me olha como se eu fosse o inimigo da esperança.”
“Meu amor,” disse ela. Sua voz era pastosa. “Isso está sendo difícil para todos nós.”

Henry chegou na manhã seguinte. No hospital, ele cuidou de tudo, conversando com os médicos e enfermeiras. Ele me lembrou papai numa emergência; estava calmo, inteirando-se de todos os fatos. Entramos no quarto de papai juntos. Ele estava dormindo. Mamãe encontrava-se sentada junto à cama, e Henry abraçou-a, algo que nunca o vi fazer antes. Fiquei grata a ele por isso.

Mamãe não ficou aborrecida por ele não ter vindo mais cedo, é claro. Acho que papai também não. Afinal, Henry fizera o que lhe foi dito.

Em casa, na cozinha, Henry e eu dividimos uma cerveja. “Oh,” disse ele, e tirou um aparelho de sua mochila. Reconheci um dos purificadores de água de Rebecca. Ele o fixou em nossa torneira e então a abriu. Entregou-me um copo e pegou outro para si.

“Tem o mesmo gosto para mim,” falei.

“Seu paladar está morto,” disse ele.

Num sotaque sulista, respondi, “Aquela garota é obcecada por água.”

“Gosto dela,” disse ele, e continuou: “Quando você vai voltar com o velho Archie?”

“Eu não sei,” respondi. “Devo?”

Ele assentiu. Preparei-me para ser ridicularizada, mas Henry apenas disse “Pronta?” e apagou as luzes da cozinha.

No meio da noite, o telefone tocou. Sentei-me na cama, não respirando direito, e esperei que mamãe viesse até meu quarto.

“Jane,” disse ela, da porta. “É para você.”

Eu a segui até o telefone. Era do Hospital de Nova York. Archie estava em tratamento intensivo.

XIV

Pela manhã, peguei o primeiro trem para Nova York. No hospital, fui informada que Archie foi removido da UTI para um quarto normal. Ele estava dormindo então fui até a recepção e perguntei à residente o que havia acontecido.

Ela me informou que ele havia sido admitido com severa dor abdominal frente-verso, tontura, falta de ar, sede intensa. Então falou em linguagem médica à qual me acostumei a não entender. Interrompi e perguntei o que causara aquilo.

Ela disse que Archie teve uma gripe e, porque não estava comendo, não tomou sua insulina, o que era um grande erro.

“Mas nada a respeito de bebida?” perguntei.

“Eu mesma não conversei com ele,” disse ela.

Quando voltei ao quarto, Archie estava acordado. “Achei que você estivesse precisando de férias,” disse ele, tentando sorrir. “Mas é uma espécie de feriado dos motoristas de ônibus.”

“Odeio ônibus,” respondi.

“Tive pancreatite aguda,” disse ele.

“Pensei que fosse apenas uma reação comum.” Olhei para seu IV. “O que esteve bebendo?” perguntei.

“Sinto muito por você ter que vir,” ele respondeu, adormecendo novamente.

Fui até o telefone público e liguei para meu pai, em seu quarto de hospital, na Filadélfia. “O que está acontecendo por aí?” perguntou ele.

Contei-lhe o que a residente havia dito sobre a gripe e a insulina. Papai disse, “Ele entrou em QAD, quitoacidose diabética,” e explicou o que era para que eu entendesse. Fiquei aliviada ao ouvi-lo soar como ele mesmo. “Querida,” continuou, “era sobre isso que eu estava falando.”

“Eu sei,” respondi.

Então ele disse, “A residente falou algo mais?”

“Algo sobre pancreatite aguda,” falei.

Ele ficou quieto por um segundo. Então perguntou, “Archie é alcoólatra, Jane?” Papai soou como se já soubesse.

Eu não queria responder, mas disse, “Sim.”

Sua voz foi gentil. “Conversaremos à respeito quando você voltar.” E então: “Ele está no IV, tomando sódio e insulina?”

“Algo claro,” respondi. Ele disse que Archie ficaria bem. Perguntei, “Como você está, Papa?”

“Na mesma,” disse.

“Irei assim que puder,” respondi. E papai não discutiu.

Encontrei o verdadeiro médico de Archie, no corredor. “Você é Jane?” perguntou. Eu assenti. “Okay,” continuou. “Agora, me escute.” Eu não saberia dizer se ele estava furioso ou apenas com pressa. “Eu sabia o quanto aquilo tinha sido sério?” Ele disse que Archie poderia ter entrado em coma e morrido. O médico pareceu me considerar a responsável: eu precisava regular sua dieta e exercícios; precisava ser vigilante quanto a monitorar sua taxa de açúcar. Respondi, “É melhor você falar com ele.”

“Estou falando com você,” disse ele. Então se afastou.

Sentei-me junto à cama de Archie e repeti o que seu médico havia me dito. Falei, “Ele quer que eu lhe dê ordens.”

“Arranjaremos um par de estiletes à caminho de casa,” ele respondeu.

“Preciso voltar para a Filadélfia,” eu disse.

“Sua mãe está lá,” disse ele. Contei-lhe que Henry finalmente havia chegado também.

“Então, não pode ficar?” Archie perguntou.

“Não,” respondi.

“Jesus,” disse ele. “Nem mesmo um maldito dia?”

“Meu pai está prestes a morrer,” eu falei. “E você está prestes a melhorar.” Indaguei-lhe sobre quem poderia conseguir para nos ajudar e, assim que o fiz, percebi quão poucos amigos Archie parecia ter.

“Chame Mickey,” disse ele.

“Ele não é meio palhaço para esta situação?”

“Esta situação exige um palhaço,” ele murmurou. “Mandem os palhaços.”

Mickey chegou vestindo retalhos e uma regata. Não estava barbeado e seu cabelo parecia gorduroso. Ele se inclinou e beijou a bochecha de Archie. Este fez uma careta. “Sinto muito, mas tenho que ir,” eu disse.

Mickey falou, “Vou roubar algumas drogas,” e saiu para o corredor.

Eu pude notar o quanto foi difícil para Archie dizer, “Fica só mais um pouquinho?” e peguei o trem de volta para a Filadélfia mais tarde.

XV

Quando Henry me pegou na estação, ele contou que papai estava num respirador agora e profundamente sedado. Estava sendo mantido vivo, mas era só.

No hospital, o respirador fazia um enorme som de inspirar-expirar, respirando por meu pai. Eu segurei sua mão. Mas não saberia dizer se ele ainda estava ali.

A enfermeira entrou com uma bolsa plástica retangular de sangue. “Ele sabe que está aqui,” ela me disse. “Posso dizer pelo monitor.” Então se virou para ele. “Estou lhe dando algumas células vermelhas agora, Dr. Rosenal.

Henry chamou amigos e parentes, e eles começaram a vir.

Assim que todos se foram, sentei-me na cadeira ao lado da cama de papai novamente. Pensei na história de Kafka, ‘A Metamorfose’, e em como a irmã de Gregor sabia que tinha que alimentá-lo com lixo desde que ele se transformara numa barata.

Tentei explicar a Henry que este era o ato transcendental que queria consumir agora. Ele disse, “Por favor, não alimente papai com lixo.”

“Eu não sei o que papai quer que eu faça,” respondi. “Só sei que não estou fazendo.”

Henry tomou minha mão e segurou-a.

Meu pai morreu mais tarde naquela noite.

XVI

Liguei para Archie em casa. Ele disse todas as coisas certas, mas eu não as escutei na realidade. Ele perguntou quando seria o funeral e eu respondi.

“Você quer que eu vá até aí?” disse.

“Não,” falei. “Estou bem,” como se estivesse respondendo sua pergunta.

Sophie veio. Ela ficou comigo em meu quarto, e esfregou minhas costas enquanto eu falava.

A mãe de mamãe não veio para nossa casa até o funeral. Ela falou com o serviço de bufês. Verificou as bandejas de carnes e saladas que seriam servidas após o funeral, quando as pessoas voltariam. Andou pela cozinha em seus saltos altos, falando com mamãe sobre quem estava vindo e quantas pessoas – ‘Lembra-se de Dolores Greenspan? Ela ligou’. Pensei que talvez vovó não conseguisse tocar no nome de papai. Mas então percebi que ela estava tentando ajudar: fazendo tudo parecer bem, mais cedo ou mais tarde, tudo ficaria.

Foi isso que ela ensinou à mamãe.

Mamãe, Henry e eu entramos na limusine preta que veio para nos levar ao funeral. Quando uma mulher, que não reconheci, surgiu na entrada, Henry disse “Quem é ela?”

Mamãe respondeu que ela era uma vizinha que se oferecera para ficar ali durante o funeral, quando ladrões poderiam aparecer, pensando que a casa estaria vazia. “Sra. Caliphano,” disse ela.

A mulher acenou, e mamãe assentiu. “Ela parece ser uma boa senhora,” respondeu meu irmão. “Espero que não a prendam.”

Na noite antes de Henry voltar para Boston e eu para Nova York, contei-lhe que odiava pensar que papai estava preocupado comigo quando morreu.

“Ele não estava preocupado,” disse Henry.

“Como sabe?”

“Eu estava lá quando você ligou,” ele respondeu. “Depois que desligou, eu disse que ficaria feliz em matar Archie se ele quisesse. E papai falou, ‘Obrigado, mas acho que Jane pode tomar conta de si mesma’.”

XVII

Archie foi gentil e paciente. Manteve flores frescas sobre a mesa. De algum modo, encontrou caranguejos de casca macia para o jantar, embora estivessem fora de época. Preparou um banho para mim todas as noites, quando eu voltava para casa do trabalho. Um tônico para o espírito, dizia.

Ele convidou Mickey para passar o feriado do Dia do Trabalho conosco, em Berkshires, talvez esperando quebrar a resistência de minha dor. Mickey contou um bocado de piadas, a maioria das quais uma variedade sobre animais-reunidos-em-torno-de-conversas, minhas favoritas. Ele encenava pequenas comédias: depois do almoço, virava-se para mim, falando num tom de voz fanhoso, “Tenho pensamentos estranhos às vezes. Você acha que são estranhos?”

Era difícil não rir. Finalmente, eu lhe pedi para me dar um tempo.

Domingo, quando eles saíram para jogar golfe, eu fiquei em casa. Levei o manuscrito do novo livro de Mickey para a mesa de piquenique, debaixo de uma macieira.

Adorei Mickey. Achei-o um doce por tentar com tanto empenho me fazer sentir melhor. Mas me aborreceu como nunca o fez antes naquele fim de semana. As menores coisas me incomodaram – como ele não lavar sua tigela de cereal ou caneca de café. Perguntei-me até mesmo se Archie havia notado – e fiquei incomodada ao pensar que ele não notou.

Na noite de segunda-feira, Archie chamou Mickey e eu da campina, dizendo, “Vocês, crianças, estão prontas para ir?” Percebi então que, o que estive sentindo nesse fim de semana, foi uma desleal rivalidade.

XVIII

Existe uma galeria ligando Port Authority à Times Square – o metrô da Oitava Avenida para a Sétima – e, certa manhã, quando levantei os olhos, vi um poema no beiral, uma seqüência como os painéis da Burma Shave:

Em cima da hora.
Tão cansado.
Se atrasado,
É despedido.
Por que se preocupar?
Por que a dor?
Apenas vá para casa.
Recomece novamente.

Algo mudou então. Vi minha vida em escala: era somente minha vida. Não era importantíssima e só agora reconheci que, certa vez, pareceu ter sido para mim; e foi, enquanto meu pai esteve observando.

Eu me vi da mesma forma que havia visto as faxineiras no edifício do outro lado da rua. Eu era apenas uma pessoa numa janela. Ninguém estava observando, exceto eu.

No escritório, Mimi disse que havia outra aquisição de Dorrie que precisava ser editada. Fiquei parada junto à sua mesa, olhando o volumoso manuscrito.

“Uau,” falei. “Esse é comprido.”

“O autor tem me ligado, e ontem ele falou com Richard,” disse ela, referindo-se ao diretor editorial. “Então tem que ser meio depressa.”

Eu não peguei o manuscrito. Puxei o elástico que o prendia. “Você deu uma olhada?” perguntei, esquivando-me.

Ela virou a cabeça – nem um sim nem não. “Jane,” ela disse. “Posso conseguir um freelancer. Ou fazer eu mesma durante o final de semana. Mas seria ótimo se você pudesse ajudar.”

Era difícil declinar uma oportunidade tão maravilhosa. Quando o fiz, notei as delicadas sobrancelhas arquearem-se.

Em Tortilla Flats, Jamie apresentou-me sua atual namorada, uma garçonete chamada Petal. Ela possuía uma pequena tatuagem de margarida no tornozelo e parecia leve, doce e segura de si, de um modo particular que somente as mulheres jovens podiam. Em nossa mesa, perguntei a Sophie se alguma vez fui dessa forma.

“Como assim?” perguntou ela.

“Como Petal, de alguma maneira,” respondi.

Ela disse, “Você costumava ter vinte e dois.”

“Jesus,” falei. “Jamie deve estar com trinta e cinco.”

“Degenerado,” disse ela e se levantou para ir ao toalete.

Olhei ao redor. Era quinta-feira, noite de festa, e eu podia sentir aquela eletricidade típica de um bar – o burburinho, as faíscas e o sexo pelo sexo. Todo mundo parecia estar se divertindo, flertando, bebendo e meio que dançando ao som de R&B, o que eu adorava e nunca ouvi com Archie.

Quando Sophie voltou, eu falei, “Acho que estar com Archie me fez sentir muito mais velha do que sou.”

“Você vive à maneira dele,” disse ela. “É a vida de uma pessoa mais velha.”

XIX

Archie rejubilou-se por eu me sentir melhor. À caminho de Berkshires, ele pediu que eu pensasse à respeito de mudar-me para sua casa. Eu não respondi.

Ele forçou uma risada e disse, “Eu não quis dizer que você tinha que começar a pensar neste exato minuto.”

Na manhã de sábado, senti-me do modo como sentia quando criança, acordando para o verão e aguardando o que poderia esperar de um dia nos subúrbios: a lavanderia dos fundos a entregar os ternos de papai; o cheiro de umidade no vestiário da piscina pública; a sombra de pó na garagem.

Talvez Archie pudesse sentir. Ele sugeriu que fôssemos nadar no lago, um ponto lamacento que ele chamava de Buraco e recusara-se a ir da última vez. Nadamos com velhos tênis. A caminho de casa, paramos na feira para comprar verduras e frutas. Ele fez o jantar e tivemos um piquenique sob a macieira, nos fundos. Ele leu Washington Square para mim com uma lanterna.

Quando ele foi para a cama e eu senti o cheiro de loção pós-barba, falei, “Podemos só ficar juntos por um tempo?”

“O que quer dizer?”

Eu não conseguia pensar num modo de abordar isso sem magoá-lo. “Não focalizarmos tanto no Problema. Você sabe,” falei, “menos orientados para o objetivo.” “Orientados para o objetivo?” disse ele. “Que tipo de conversa é essa? É como ‘interagir’ e ‘estilo de vida’.” Ele virou as costas para mim. “Você sabe que eu odeio esse tipo de linguagem.”

Pela manhã, ele não falou comigo. Eu disse, “Você está zangado só porque usei a expressão ‘orientados para o objetivo’?”

“Não gosto da forma como fala comigo,” respondeu ele.

Voltamos para Nova York em silêncio.

“Harrisburg, Pennsylvania,” falei, finalmente.

“O quê?” disse Archie.

“Estou disposta a jogar um de seus estúpidos jogos de viagem, se você quiser,” respondi.

“Não estou muito a fim de jogar um de meus estúpidos jogos de viagem,” ele disse. “Mas obrigado.” Na auto-estrada da West Side, ele disse, “Que rua você mora?” Não pareceu estranho que ele não soubesse.

Quando ele parou em meu prédio, eu disse, “Tentei conversar com você sobre algo importante.” Archie inclinou-se e abriu meu lado da porta no carro.

Subi para meu apartamento. Tinha aquele ar abandonado. Poeira nas fotografias de minha tia. Sem cerveja diet na geladeira. Peguei uma garrafa de scotch do armário de bebidas e um dos copos de cristal. Saí para o terraço. Estava garoando. Alguns minutos depois, no entanto, ouvi vozes vindas do terraço no andar de baixo; vi uma mulher alta e um homem baixo. Não consegui distinguir palavras, mas eles pareciam estar tendo uma discussão e eu não queria ouvir.

Fui para o gabinete de tia Rita e sentei-me à mesa onde ela escrevia seus romances. Pensei em eu mesma escrever algo. Mas acabaria apenas escrevendo o que havia dito a Archie e o que ele respondera. Fui para a cama e apaguei as luzes. Deitada ali, tive a sensação de que Archie havia me mandado para o quarto como castigo.

Então, ouvi a voz de meu pai, dizendo suas frases habituais: ‘A vida é injusta, meu amor’. ‘Não posso tomar a decisão por você’. ‘Não tome o caminho mais fácil, Jane’.

E ele se foi. O silêncio era ensurdecedor. Vesti-me e saí para a Sétima Avenida, procurando um táxi. Deixei-me ir até a casa de Archie. Entrei e deitei-me na cama com ele. Archie afastou-se. Eu o abracei.

“Estou aqui à respeito do apartamento,” falei. “Você publicou anúncio para um colega de quarto? Uma fumante que não sabe nomear as capitais?”

“Não posso conversar com você sobre nosso problema com sexo,” respondeu ele. “Eu mal consigo falar comigo mesmo a respeito.”

Eu lhe pedi para me contar a verdade sobre a bebida, e ele o fez. Archie estivera bebendo o tempo todo. Falou-me sobre todas as vezes que pôde recordar. Demorei-me sobre cada uma. Então perguntei sobre as outras vezes quando senti que algo estava errado, e retrocedi anos até a primeira vez – quando fui à sua casa para dizer que Jamie e eu havíamos terminado. Foi assim que me senti quando descobri sobre meu pai; era como ler as legendas após o filme.

Archie tentou me tranquilizar. Respondeu que não estava bebendo agora, e me jurou que não o faria novamente. Tomava o Antabuse e mantinha a ficha de pôquer no bolso.

Mas isto não funcionara com ele antes – ou ele fracassara. Ele voltaria a beber de novo, eu sabia. Era parte de quem ele era.

XX

Convidei Mimi para almoçar comigo. No restaurante, ela disse que eu precisava de proteína e sugeriu que pedisse fígado ou filé com um bom Cabernet. Quando o garçom veio, eu pedi salmão. “Vou querer o mesmo,” disse ela.

Ela falou que veio a este restaurante para almoçar sozinha depois que o próprio pai morrera. “Apenas sentei-me no bar e pedi sopa.” Contou-me que estava chorando quando aconteceu de um ex-namorado aparecer. “Ele se sentou e me abraçou,” disse. “Parecia pensar que eu ainda estava chateada com nosso rompimento.”

Eu ri, e ela continuou, “Garotos, sempre acham que tudo é a respeito deles.”

Pensei, ‘Enquanto que tudo é realmente a seu respeito, Me-me (eu-eu)’. Mas agora a compreendi como nunca o tinha feito antes. Compreendi que ela necessitava que lhe dissessem quem era. Assim como eu precisei.

Ela contou que a morte do pai foi a coisa mais difícil que enfrentara na vida. “Somos todos crianças até que nossos pais morrem.”

“Sinto-me como se fosse uma espécie de adolescente novamente,” eu falei. Ela me deu um olhar de compreensão de irmã mais velha. “No trabalho, quero dizer.” Continuei, “Eu retrocedi. Se continuar desse jeito, logo estarei encabeçando a lista do departamento pessoal para um teste de datilografia.”

Ela começou a discordar, mas eu a detive. “Tornei-me sua assistente,” respondi. “Eu costumava ser uma editora associada.”

“Este ainda é seu cargo,” disse ela.

“Eu preciso ser uma, porém,” falei. “Não estou pedindo uma promoção. Estou lhe dizendo que não posso ser rebaixada – senão terei que pedir demissão.”

O rosto de Mimi estava ainda mais pálido do que o habitual, o que eu não achava ser possível. Eu conseguia ver o azul de uma veia bem debaixo de seu olho.

“Você não se provou exatamente.”

“Eu sei,” respondi. “Você está certa.”

“Tenho que pensar a respeito,” disse ela. Respondi que a deixaria pegar o cheque no caso de, em breve, eu ficar desempregada.

“Você tem culhões,” disse Archie.

“Poderia fazer esta colocação de outra forma?” falei.

“Mas e se ela deixar você se demitir?” ele perguntou.

Contei-lhe que achava que ela o faria. “De qualquer modo, eu não acho que pertenço ao mercado editorial.”

“Desde quando?” disse ele, estranhamente.

“Eu não sei.” Archie fitou-me como se eu tivesse dito que queria dormir com outro homem. “É tudo questão de julgamento,” continuei. “Não tenho certeza de que sou do tipo juíza. Devo ser mais o tipo criminosa.”

“Julgamento é poder,” disse ele.

“Eu achava que conhecimento era poder.”

“Por que estamos falando desse jeito?” perguntou Archie.

“Você está certo,” respondi. Mas falei que não achava que queria poder. “Acho que quero liberdade.”

“Liberdade é somente outra palavra para nada a perder,” disse ele.

“Você está descendo ao meu nível,” retruquei.

Mimi aceitou minha demissão. “Sinto-me terrível quanto a isto,” disse ela. “Talvez eu possa ajudá-la a encontrar outro emprego.”

“Não,” respondi. “Estou largando publicações sem arrependimentos.”

Ela disse, “Sinto-me da mesma forma quando meu primeiro marido me deixou.” Essa era uma história que eu gostaria de ouvir. “Ele achava que era gay,” continuou Mimi. “Não era suficiente ele me deixar, tinha que abandonar meu sexo inteiro.”

“Ele era gay?” perguntei.

“Claro que era.”

“Mas você disse que ele ‘achava que era gay’.”

“Acho que não está entendendo o meu ponto de vista, Jane.”

Ambas concordamos que eu iria embora em duas semanas.

Ouvi Archie destrancar a porta. Ele me beijou e disse “O que foi?”

“Nada,” respondi. “Deixei que me demitissem.”

“Oh, querida,” disse ele, como se eu tivesse cometido um terrível erro.

“Não fale assim,” continuei. “Estou prestes a embarcar numa excitante carreira como temporária.”

“Não,” disse ele, estalando os dedos. “Você virá trabalhar para mim na K_. E ser uma verdadeira editora associada.”

“Eu poderia acusá-lo criminalmente por isso,” respondi.

“O quê?”

“Perseguição de trabalho em local sexual.”

Em meu último dia de trabalho, fui ao escritório de Mimi, para dizer adeus.

“Há algo que venho querendo lhe perguntar,” falei.

“Claro,” disse ela.

“Como consegue fazer sobancelhas tão perfeitas?”

“Carmen,” ela respondeu, escrevendo o número de sua depiladora. Então ela borrifou perfume em meus pulsos uma última vez, e eu estava fora.

No metrô, a caminho de casa, eu senti um pouco de medo. Lembrei-me da expressão ‘suicídio de carreira’. Mas então pensei, ‘Adeus, emprego cruel’.

Na segunda-feira seguinte, fui ao posto de empregos temporários. Triunfei em meu teste de datilografia. Elevei-me através da ortografia e gramática. Fui mandada para o departamento de benefícios de um banco, onde digitava números num computador e atendia ao telefone.

“Hoje foi o primeiro dia do resto de minha vida,” falei a Archie, quando cheguei em casa. “Foi bom. Acho que o segundo dia do resto de minha vida será melhor.”

Ele tentou sorrir, mas sua boca formou apenas uma sombra.

Enquanto preparava o jantar, eu encontrei uma estação da Motown no rádio e dancei pela cozinha. “O que é isso?” ele perguntou, como se tivesse me surpreendido lendo revista em quadrinhos.

Eu cantei com a música: “I’ll take you there...”

“Eu vivo com uma adolescente,” disse ele.

“Por que está tão aborrecido?” perguntei-lhe na cama.

“Eu não sei,” respondeu Archie. E percebi que ele nunca havia dito essas palavras antes. “Queria ajudá-la e agora não posso nem mesmo fazer isso.”

“É melhor para mim, querido,” falei, mas ele não respondeu.

XXI

No fim de semana seguinte, fomos à casa de campo. Ele fez tudo que eu queria e nada que não. Ele não me pediu para jogar Palavras Cruzadas, Honeymoon Bridge ou Corações. Não sugeriu que convidássemos o professor para jantar.

Mais tarde, ele me levou ao mercado de pulgas. Comeu cachorro-quente na barraca de concessões e leu o jornal enquanto eu caçava tesouros. Quando mostrei-lhe o que havia comprado – animais de fazenda de papelão, com suportes de madeira – ele disse, “Como conseguimos viver sem isso antes?”

Sábado à noite, nos deitamos do lado de fora na grama. A lua iluminava a campina e as estrelas brilhavam. Deve ter sido o brilho que me fez recordar de um jingle de rádio, da época em que estava crescendo, e cantei-a para Archie: “Tudo é brilhante em Ashbourne Mall.”

Depois de um tempo, ele disse, “Querida.”

“Sim, querido,” respondi.

Ele colocou uma caixinha em minha mão. Olhei para ela. Era aquele ovo azul de pintarroxo da Tiffany’s. Abri a caixa azul, e havia outra caixa de veludo dentro. Abri essa também. Olhei para o anel. Era platina com um único diamante. Era exatamente o anel que eu teria desejado, se quisesse um anel dele.

“É lindo,” eu respondi.

Ele ouviu o remorso implícito. “Oh,” disse. “Entendo.”

Eu estava a ponto de dizer ‘Não posso tomar uma grande decisão nesse momento – eu mal consigo confiar em mim para decidir que brinco usar’, mas respondi, “Sinto muito, querido.”

Ele falou suavemente. “Eu sabia que você não se casaria comigo quando não me pediu para ir ao funeral.”

Meu pai se foi. Eu sentia que não poderia perder mais nada, mas só então percebi que já tinha perdido: perdi a esperança de que algum dia seria amada da mesma forma novamente.

Caminhei através da campina. Sentei-me à mesa de piquenique. Olhei tudo atentamente, para não me esquecer. Então peguei uma maçã da árvore, para a viagem de volta.

No carro, Archie falou que era difícil me deixar partir; eu era provavelmente a última chance que teria para começar uma nova vida. Comecei a discordar, mas ele ficou zangado. “Jesus,” respondeu. “Pelo menos finja que a idéia de eu com outra mulher ainda é difícil para você.”

“Harrisburg, Pennsylvania?” respondi.

“Albany, Nova York,” disse ele.

Quando ele parou em meu apartamento, eu disse, “Você não quer que eu vá pegar minhas coisas?”

“Não,” disse ele. “Não quero.”

Eu estava um pouco temerosa. Então, ele estendeu a mão e pegou a minha. Ficamos sentados assim, em frente ao meu prédio, pelo que pareceu ser um longo tempo. Por fim, Archie abraçou-me e disse, “Minha pequena macaca-reso.”

Archie esperou uma semana para me ligar. Disse que eu poderia vir e pegar minhas coisas na hora em que eu quisesse. Respondi, “Irei amanhã pela manhã.”

“Você não quer que eu esteja aqui,” disse ele.

“Eu acho que seria mais fácil,” falei.

“Não deveria ser fácil,” ele disse. Sabia que estava certo e estava prestes a dizer isso, quando Archie acrescentou, “Não tome o caminho mais fácil, Jane.”

“Você não pode fazer isto,” respondi. “É uma violação ao Tratado de Versailles.”

“Bem,” ele disse, “de acordo com a Convenção de Genebra, eu tenho que lhe dizer adeus.”

Ao invés de pegar a chave da boca da gárgula, eu toquei a campainha. Ele abriu a porta. “Olá, querida,” disse.

“Oi.” No vestibulo, vi minhas roupas e livros nas sacolas plásticas beges que, certa vez, embalaram nosso Chinois. Minha fazenda de animais de papelão estava enfiada em uma de minhas caixas de livros.

“Pode ficar por um minuto?” ele perguntou, e eu disse “Claro.”

Vi freesias brancas sobre a mesa da sala de jantar. Ele me serviu uma cerveja diet. Fomos ao gabinete e ele sentou-se em sua grande poltrona de couro. Disse, “Temo que Mickey tenha ficado chocado conosco. Disse que se sentiu como se os pais tivessem se divorciado.”

“Acho que o mais importante é que ele não está se culpando,” respondi.

Archie não sorriu. “Ele gostaria que você lhe telefonasse.”

“Farei isto.”

“Ele perguntou por que terminamos, e eu não pude explicar.”

Eu estava prestes a dizer ‘Querido’, mas falei “Archie.”

“Sim, Jane,” disse ele, ferindo-me exatamente como eu o feri.

“Você está me pedindo para explicar?” perguntei.

“Acho que sim,” disse ele.

Tão gentilmente quanto pude, contei-lhe o que havia descoberto a nosso respeito. Ele assentiu e eu continuei, dizendo o que achava que estava errado e por quê. Quando disse que não conseguíamos conversar abertamente um com o outro, percebi que agora podia. Me fez imaginar se realmente tínhamos que romper.

Então, ele me interrompeu: “Acho que não preciso ouvir tudo isso.”

“Okay,” respondi. “Diga a Mickey apenas que não conseguimos fazer um ao outro ser feliz.”

Ele disse, “Coleridge diz que a felicidade é apenas um cão tomando banho de sol numa rocha. Não fomos colocados na Terra para sermos felizes. Estamos aqui para experimentarmos grandes coisas.”

“Não acho que queira dizer a Mickey que não conseguimos fazer um ao outro experimentar grandes coisas.”

“É sobre isso que estamos discutindo?” perguntou Archie. “Sexo?”

“Por que está me atormentando?” falei.

Ele sorriu. “Achei que, se tivéssemos uma boa briga,” falou, “poderíamos nos reconciliar.”

Eu sacudi a cabeça, e ele levantou-se para que eu pudesse também. Archie ajudou-me a carregar as sacolas para fora e chamou um táxi.

Disse, “Você ficará bem do outro lado?” Respondi que ficaria.

XXII

Eu vi Archie mais uma vez. Avistei-o perto da Sheridan Square, esperando que o farol mudasse, com uma bela e jovem mulher de bochechas rosadas pelo frio – uma boa garota num casaco de pele de camelo. Não consegui adivinhar sua idade – havia perdido essa habilidade estando com Archie – mas sabia que ela era ainda mais jovem do que eu fui quando ficamos juntos.

Eu sempre imaginei que Archie terminaria ficando com alguém próximo de sua idade, assim como eu também. Então aquilo me desconcertou. E por um segundo, eu os vi como todo o velho mundo os via: homem mais velho procura mulher mais nova. Perguntei-me se estavam casados. Observando-os, decidi que não. Estavam cortejando-se. Tentando fazer rir um ao outro. Ele tinha um braço ao redor da mulher, e esta o fitava. Archie tinha um ar neutro, mas pude notar o quanto ela queria sua aprovação. Ela lembrou-me de mim mesma, é claro.

Atravessando a rua, ele me viu. Sorriu com tristeza, pensei. Parecia que Archie iria passar direto por mim na calçada, mas parou e disse “Ei, criança.” Beijou meu rosto.

“Esta é minha filha, Elizabeth” Eu agi como se soubesse quem ela era.

“Oi,” ela respondeu. Parecia ainda mais jovem que sua própria figura, irrequieta, com uma luva branca de angorá. Archie indagou se eu ainda estava com trabalhos temporários, e admiti que era semi-contratada de uma agência de publicidade.

Ela olhava de Archie para mim, talvez se perguntando quem eu era – ou fui – para seu pai. Perguntei como estava Mickey.

“Cansado,” respondeu Archie; ele acabara de entregar o novo livro.

“O Mickey que conheci daquela vez?” perguntou Elizabeth.

Archie respondeu “Correto,” e contou-nos que o novo livro, sobre um padeiro agenciador de apostas, se chamaria ‘Massa’.

Ocorreu-me que eu teria sido a madrastra de Elizabeth. Queria perguntar a seu respeito, o que ela fazia e onde morava, mas pude notar que Archie desejava ir. Ela percebeu também, e estava interpretando os sinais dele.

Ela deve ter sentido que a observei se afastar, no entanto. Na esquina, virou-se e gesticulou um sinal de paz enluvado.

Retribuí o aceno. Então eles se foram.

Você Poderia Ser Qualquer Uma

“Uma escoteira é limpa em pensamento, palavra e ato.”

“É fácil ser limpa no exterior. Tudo de que precisa é sabão, água e esponja. O difícil é ficar limpa por dentro.”

- Manual das Escoteiras Junior

Ele é atlético e musculoso por causa dos levantamentos de peso e corridas, todas as noites, ao longo do Rio Hudson. Louro e de olhos azuis, possui um maxilar firme e pele tão pálida que parece alvejada. Ele é todo másculo e não bonito, do tipo que a faz pensar na Marinha, Flórida e em garotas em tubinhos justos chamando-o de ‘gostosão’. Mas ele cresceu em Manhattan, na Park Avenue: irá levantar-se quando você entrar num aposento; notará que está com frio e vai colocar o blazer azul ao redor de seus ombros; chamará o táxi e lhe abrirá a porta para que entre.

Em seu primeiro encontro, irá buscá-la em sua motocicleta, trazendo um capacete para você. Ele acena com a cabeça dentro do enorme capacete quando está pronto para deixá-la subir. Ele aperta suas mãos ao redor da cintura dele como um cinto de segurança. Você sente que ele é perigoso, mas não sabe o porquê – e imagina se é porque a faz sentir-se tão segura quanto jamais sentiu.

No restaurante, romântico e charmoso, pede bourbon com cerveja e torna-se ele próprio, romântico e charmoso. Quando o jantar chega, ele tira vitaminas do bolso da camisa e oferece suplementos gêmeos para você.

Vocês caminham pelo Village. É primavera. O ar é fresco e o céu claro. De volta ao seu apartamento, você lhe oferece uma taça de vinho. No sofá, ele segura ambas as suas mãos nas dele, fazendo cócegas e tocando, demorando-se entre os nós de seus dedos. Você pode sentir que ele quer possuí-la – não como um objeto, mas como um sonho bom que quer continuar tendo. Ele a deixa saber que já o possui.

Ele não pode vê-la com frequência suficiente. Liga todos os dias no trabalho, todas as noites em casa. Ele diz, “Este é seu namorado falando.”

Ele a convida para ouvir sua moribunda banda de rock, Pleather, no The Bitter End. As músicas são violentas e vulgares, exceto por “Você me Amará Amanhã.”

Ele empurra as roupas de lado para deixar espaço para as suas roupas no armário dele. Ele se preocupa quanto a você pedalar sua bicicleta em Manhattan. Compre-lhe faróis de luz vermelhos para colocar no seu capacete, e quando você vai embora pedalando, ele canta, “Staying alive, staying alive.”

Você ama Airedales, e ele escreve para torná-la membro da Sociedade Americana dos Airedales Terrier. Você recebe um cartão de sócio e seu panfleto informativo mensal, ‘O Negro e Manchado’.

Ele se lembra dos nomes de todos que você mencionou – as pessoas com quem trabalha, amigos, conhecidos, a extensão de sua família toda – e os apelida: sua prima queixosa, Marjorie, é ‘Martúrio’; sua chefe, Rachel, que tem uma queda por homens negros, é ‘Racial’.

Você lhe conta a história de sua família. Ele conta a dele.

Quando fala a respeito da mãe, ele usa a irônica entonação de aspas: “Mamãe” ainda mora no apartamento em que ele cresceu; à qual se refere não como lar, mas pelo endereço. Ele passa pela 680 Park, cinco vezes por semana, à caminho de sua psicanálise.

Você conhece alguns de seus poucos amigos da Choate, que ele chama de ‘Choke’ (Asfixia). Eles se caçoam ao invés de conversar, e você vira platéia.

“Eles fedem,” diz ele, mais tarde. “São figuras patéticas.” Você se espanta com a facilidade com que ele os rejeita; afinal, tem sido amigos há quase vinte anos.

Então seu irmão o conhece, e diz, “Com o quê ele está zangado?”

É quando você começa a perceber. Ele discute com o baterista da banda. O garçom é rude, o motorista de táxi um imbecil. O vendedor de lembranças lançou-lhe um olhar maldoso, a lavanderia extraviou suas camisas de propósito. Ele detesta nosso odioso senador, mas com paixão.

Quando você menciona antidepressivos, ele a olha como se, de repente, tivesse descoberto que você possui a profundidade de uma pastilha de menta. Ele explica, devagar: quer usar a dor como o ímpeto e guia em sua batalha pelo auto-conhecimento; anestesia é o oposto do que necessita.

Você responde que compreende, mas diz “Outro bourbon e cerveja?”

Ele pega uma câmera Polaróide e tira constantemente sua fotografia. Em sua favorita, você está rindo intensamente, usando um par dos shorts dele na cabeça, no estilo boina. Ele diz que você se parece com Patty Hearst durante sua fase Tanya, capturada num momento alegre com o Exército de Liberação Simbionês.

Ele diz que adora a foto porque consegue ver a prata de sua obturação.

No restaurante, ele nota um grupo de garotas modelos. “É como olhar para arte. O resto de nós são apenas pessoas,” diz. “Sabemos que não somos belos do modo como elas são.”

Ele diz que não quer esconder nada de você. Quer estar próximo como nunca esteve com qualquer outra. Com esse espírito, ele confessa os pensamentos que o envergonham. Você faz o papel de voluntária da Cruz Vermelha, inacessível e bondosa, dando corda – até a noite em que ele conta que tem fantasiado à respeito de outras mulheres. Você sabe que os homens fantasiam, presumiria que ele o faz, mas esta verdade dita em voz alta, estilo confissão, se torna sua própria infecção aberrante.

Ele é distraído. Diz, “É transferência,” colocando-se no divã: está odiando-a e amando-a do modo como faz com a mãe. Fantasias são a forma de escapar de seu poder.

Quando ele diz que transferência é uma verdade universal, você responde, “Para você, talvez.” Vocês rompem.

Aonde quer que vá, você vê mulheres mais lindas do que você. Você o imagina atraído por elas. Está bebendo gasolina para ficar aquecida.

Quando ele liga e diz que está sentindo sua falta, você o convida a aparecer. Ele passa a noite. Pela manhã, ele pergunta onde está o aparelho de barbear. Você responde que jogou fora quando terminaram.

Ele diz, “Eu emoldurei seu desodorante.”

Ele a leva à Paris, em seu aniversário. Seus amigos dizem que ele a pedirá em casamento, e você se descobre vestindo-se para o evento que ambos recordarão anos mais tarde. Você até mesmo coloca maquiagem. Após alguns jantares sem anel, no entanto, você pára de posar para a memória e relaxa. Começa a desfrutar da viagem no instante em que ele se torna sombrio e mal-humorado.

Ele não consegue acreditar no quanto tudo é caro; todos são tão arrogantes; ele está cansado de andar em círculos e se pergunta, em voz alta, se existe algo como um vôo à jato atrasado.

Ele diz “Você está usando maquiagem?”

“Não gosta?”

“Acho que gosto mais de você sem,” responde.

Nos cafés, museus, durante o jantar, ele mal olha para você e, quando o faz, é como se estivesse tentando lembrar que a ama.

“O que foi?” você pergunta, finalmente.

“Não tem nada a ver com você, querida,” diz ele. “Estou fazendo a dança da transferência.”

Em sua última noite, após seu jantar de aniversário, ele está pagando a conta. Você procura uma caneta na mochila dele e encontra o anel de noivado. Você sente calafrios. Recosta-se na cadeira. Quando ele volta, você diz que está indo dar uma caminhada, sozinha. “É quase meia-noite,” diz ele. “Temos que acordar cedo.”

“Eu sei,” você responde.

Você desce pela St. Germain, para o café onde Simone de Beauvoir escreveu suas cartas à Sartre – o café que seu namorado desdenhara, dizendo que estava cheio de turistas. Você adora. Pede vinho. Fuma. Banca uma digna Simone para seu indigno Jean-Paul.

Em seu segundo copo de vinho, você nota um homem encarando-a. Ele é corpulento, calvo e possui longos cabelos emaranhados. Você não percebe o quanto é baixo até que ele fica de pé, mal se levantando afinal, e aproxima-se de sua mesa.

“Olá,” ele diz, e você vê que ele não possui um dos dentes da frente.

Ele fica em pé na sua frente e começa a falar. A falta do dente lhe causa um ligeiro defeito na fala, e é agradável ouvi-lo. Ele fala rápido, mencionando famosos americanos que regularmente cruzam seu caminho. Ele próprio é um expatriado de Nova York; diz que é advogado, roteirista, empresário, muito bem sucedido, muito rico, e você pensa, ‘Ei, por que não dedica uma tarde e um pouco de grana para conseguir um dente novo?’ Mas você apenas sorri. Ele fuma seus cigarros, e você fuma os dele.

Ele está entretendo-a mais do que seu namorado o fez durante toda a semana, e não pedindo nada, nem mesmo para sentar. Durante um longo tempo, você nem mesmo percebe que ele está de pé e, quando nota, convida-o à sua mesa.

Você inventa um nome para si mesma, Deena. Ele é Wallace.

Uma vez sentado, ele se torna pessoal: “Vejo que não está usando aliança, Tina – você discutiu com seu namorado por acaso?”

“Deena,” você diz. “Não consegui dormir.” Você se pergunta se isto soa verossímil.

“Está tudo bem se não quiser conversar a respeito, Deena,” ele diz. “Tudo bem.”

Pode-se perceber que ele conheceu várias mulheres em circunstâncias semelhantes, porque fala em generalidades, sobre liberdade e amor, paixão e fidelidade; está dando voltas, esperando por um sinal seu – sim, isso mesmo, é minha história – para poder aterrissar. Você continua impassível, no entanto, e finalmente ele diz, “Ouça, Tina, esse sujeito não tem idéia da mulher extraordinária que você é.”

“Deena,” você diz, acrescentando que, se vai dar um conselho pessoal, deveria ao menos acertar o nome.

“Deena, Tina, Nina,” responde ele, “você sabe o que estou dizendo aqui.”

“Sim,” você fala. “Eu sei o que você está dizendo.”

Você coloca algumas notas sobre a mesa pelo vinho, e diz que acha que conseguirá dormir agora, não se importando se soa teatral.

“Ouça, Deena...” diz ele, levantando-se quando você o faz.

Você o agradece pelo conselho e, antes de ir embora, inclina-se para beijá-lo em ambas as bochechas. Você está um pouco bêbada, mas se sente bem. Em espírito Motown, você diz, “Garota, você ainda consegue derrubar um baixinho cabeludo sem dente aos seus pés.” Você caminha vários quarteirões na direção errada.

Assim que entra em seu quarto de hotel, você está sóbria e triste novamente. Despe-se no escuro, escova os dentes e vai para a cama.

Ele diz, “Saí para procurá-la.” Vocês ficam ali deitados, lado a lado, no escuro. Você precisa lhe contar que encontrou o anel, mas hesita. Contar tudo é o código dele. Não contar, todavia, está de acordo com o código da Mulher Astuta.

Você diz, “Eu encontrei o anel.”

“Merda,” ele responde.

Você continua, “Você mudou de idéia a meu respeito.”

“Não é você,” ele diz, como se eu fosse me sentir confortada pelo irrelevante papel que desempenho em sua própria vida. “Por favor, diga-me como se sente.”

Você responde, “Estou desanimada,” uma palavra que nunca usou.

“Eu quero me casar com você,” diz ele. “Sei que quero.”

Ele se volta para você e aproxima-se, tentando abraçá-la. Mas você está consciente de sua cabeça, peito e braços apenas como pêlos, pele e ossos.

O anel permanece lá, entre vocês. Às vezes, você o tira da gaveta de meias dele e fica olhando, experimentando. Isso a faz pensar num anúncio de contracapa das suas antigas revistas Seventeen – um casal em suéteres de pescador com as palavras “Um Diamante é Eterno”. Mesmo assim, vocês fazem amor apesar de tudo. Nas poucas noites em que passam separados, ele liga para dizer boa noite; na manhã seguinte, ele a acorda, lendo poemas de Langston Hughes em sua secretária eletrônica.

Nas épocas de Natal, Hanukkah e Kwanza, você está triste porque não pertence a uma religião, e a dele – psicanálise – não possui quaisquer feriados. Ele faz um candelabro com cabides de arame e fita isolante. Ele acende faíscas e apressa uma oração, listando as coisas em que acredita – “A Carta de Direitos”, que ele recita de memória; cartões de baseball reciclados; e seus belos seios.

Você nota o caroço num de seus seios e, nota-o novamente, semanas mais tarde. Quando direciona as mãos dele para o inchaço, as sobrancelhas dele se arqueiam em preocupação. Ele diz, “Estão cheinhos, cheinhos”, mas é quem insiste para que ligue à sua ginecologista pela manhã. Ela a manda para um cirurgião, que não gosta do que

percebe. Algumas manhãs mais tarde, o cirurgião faz a biópsia. O laboratório de patologia terá seus resultados em uma semana.

Enquanto isso, seu namorado lê livros do Dr. Amor e reportagens que dizem que a chance de ter câncer em sua idade são quase uma em três mil. Ele diz “Você não é uma.”

Você fica se dizendo, “Isso é apenas um exame”, mas aquela semana de espera pelos resultados é um monótono e sombrio tom.

Então você é informada de que isto é uma verdadeira emergência. Tarde demais, você percebe que seu corpo era perfeito – todo corpo saudável é. Após a devastação inicial, você fica calma. Observa a fúria dele através do olho de sua própria tempestade. O “Por que você” dele parece irrelevante, e você diz isso. Diz, “Você não está me ajudando.”

Ele fará ligações, o jantar, piadas; dirá que um radical modificado soa como um Pantera Negra que se mudou para os subúrbios e pertence à cooperativa alimentar.

Quando você se decide por cirurgia plástica para reconstruir seu seio, escavando o músculo lombar, gordura e pele de trás para frente, ele o chamará de túnel do amor.

No pós-operatório, ele dirá que se sente honrado por você vomitar nele. Permanecerá com você no hospital o dia todo, todos os dias, e tão tarde quanto puder à noite. Após o horário de visitas, quando a enfermeira noturna diz que tem que ir embora, ele se esconderá lá com você, fechando a divisória da cortina e mantendo os pés acima da cama.

Ele até mesmo se entenderá com seu irmão. Os dois irão se revezar lendo para você até que durma ou a enfermeira noturna traga um guarda de segurança.

Você sente o quanto ele a ama. Por um segundo, você pensa que, se talvez ele consegue segurar assim a barra, ele impedirá que parta da terra, dessa vida.

Após sua primeira sessão de quimioterapia, antes que perca os cabelos, ele a levará a uma loja de perucas. Fará graça, aborrecendo a vendedora, experimentando-os ele mesmo. Você escolhe um que se parece com o cabelo que ainda tem, e outro com o que desejou ter quando era adolescente. Um louro longo e listrado, é uma peruca que Tina Turner deve ter usado em seus velhos e maus dias com Ike, e ele a faz rir, cantando, “Left a good job in the city...”

Ele comprará um travesseiro de cetim que, supostamente, retarda a quebra e perda de cabelo. Talvez ajude, no começo. Então surge um chumaço no esquadro. Um ninho em sua escova. Você vê mais e mais de seu escalpo. Usa um boné de baseball o tempo todo, mesmo na frente dele – especialmente na frente dele.

Quando não agüenta mais, você lhe pede para raspar sua cabeça, e ele diz estar honrado por ser seu des-cabeleireiro. Trará um barbeador e tatuagens temporárias para o que chama de seu novo estilo capilar. Um momento antes de tirar o boné, você choramanga: “Nem sequer lembre-se de como isso se parece.”

“Querida,” diz ele, “sou o homem que te ama.”

Ele serve dois bourbons e duas cervejas, e começa o serviço. A cada poucos minutos, desliga o barbeador para ver se você está bem. Mais tarde, os dois olham no espelho. Por menos de um segundo, você vê sua horrível e careca imagem – mas, imediatamente, seu instinto de sobrevivência te chuta e diz o contrário: você está incomparavelmente bela. Quando você sorri, ele faz o mesmo. “Legal,” ele diz.

Ele se oferece para raspar a própria cabeça, em solidariedade, mas você diz não. Não quer ninguém os confundindo por discípulos retardatários do Heaven’s Gate; o céu é o último lugar para onde quer ir, numa espaçonave ou não.

Ele recorta fotografias de deslumbrantes jogadores de basquete negros, com cabeças raspadas, e as cola em sua geladeira, prova de que você pertence à elite da beleza careca. Ele escreve para o deputado dele e Corre pela Cura.

Ele vai com você aos médicos. Conhece toda a terminologia. Lê todas as pesquisas. Enche sua geladeira de uvas e laranjas, brócolis e cenouras. Prepara chá verde para você. Lembra-a de fazer seus exercícios de visualização. Durante a quimio, você está mais cansada do que nunca. É como uma nuvem colorindo o sol e, subitamente, você apaga. Não sabe como atenderá a porta quando suas compras forem entregues.

Mas você também descobre que é mais forte do que pensa. Está limpa. Sua mortalidade está a uma distância otimista, não tão perto a ponto de escurecer tudo o mais, mas perto o suficiente para lhe dar uma noção profunda. Antes você levava semanas, meses ou anos para descobrir o significado de uma experiência. Agora, é instantâneo.

Duas semanas depois de sua última sessão de quimioterapia, uma semana antes da radiação, você está sentada em seu apartamento lendo o jornal, quando ele diz que se sente pronto para casar com você. “Acho que posso fazer isto agora,” fala, entregando cerimoniosamente a caixa como se fosse o telefone, para você.

Você não a pega. Diz a verdade, como lhe ocorre: “Você está falando a seu respeito novamente.”

Agora ele segura a caixa como se fosse o que é. “Estou fazendo o melhor que posso,” responde, e você sabe que isto é verdade.

Ainda assim, você diz, “Não tenho certeza se você sabe realmente quem eu sou.”

“Eu não tenho certeza tampouco,” ele admite.

As palavras dele te paralisam. Você percebe que, se ele não sabe quem você é, não será capaz de lembrar quem você foi. Quando tenta explicar, ele argumenta que você não está indo a lugar nenhum.

“Esqueça a morte,” você responde. “Morrer é irrelevante, de qualquer forma.”

Mas então, você ouve que ele não consegue ouvi-la, vê que ele não consegue enxergá-la. Você não está ali – e nem mesmo morreu ainda. Você se enxerga através dos olhos dele como a Mulher Genérica, o símbolo de saias na porta do toalete das senhoras.

Quando ele diz, “Eu te amo, doçura,” você percebe que ele nunca a chama pelo nome. Você dirá adeus por todas as razões corretas. Está cansada de viver à espera do apocalipse dele. Você tem sua própria batalha nas mãos e, embora não seja grande ou mais nobre do que a dele, ela vai requerer toda sua energia.

É você quem tem que se agarrar a Terra. Você tem que segurar a onda – o que significa deixá-lo partir.

Você passa pela radiação. Então seu sistema imunológico é tudo que tem para matar as células aberrantes; você as imagina sinistras e escuras, fumando cigarros enquanto reúnem-se no sombrio clube sadomasoquista de seu corpo.

Era mais fácil quando a ameaça vinha do lado de fora, você diz à terapeuta; ela acena, não concordando nem discordando. Quinta após quinta, você lhe conta sobre seu relacionamento com ele. Você fala e fala, esperando pela cura. Depois de um tempo, porém, ocorre-lhe que mesmo uma compreensão perfeita de um amor fracassado é o prêmio de consolação.

Você não o vê novamente. Às vezes, fica preocupada de que ele a amou melhor do que qualquer outro homem o fez ou fará – mesmo se não teve nada a ver com você. Mesmo agora, ele é cada blazer azul entrando num táxi, cada corredor ao longo do rio, cada motocicleta indo e vindo.

O Guia das Garotas Para Caça e Pesca

“Quando estiver com um homem, seja quieta e misteriosa, aja como uma dama, cruze as pernas e sorria. Não fale demais. Use meias-calças negras e transparentes, e levante a saia para seduzir o sexo oposto. Você pode se sentir ofendida com as sugestões e argumentar que isto irá reprimir sua inteligência ou personalidade espirituosa. Pode sentir que não será capaz de ser você mesma, mas os homens vão adorar!”

- As Regras, Ellen Fein e Sherrie Schneider

Minha melhor amiga vai se casar. Seu casamento é daqui a duas semanas, e eu ainda não tenho um vestido para usar. Em desespero, eu decido ir ao Loehmann's, no Bronx. Minha amiga Donna se oferece para ir comigo, dizendo que precisa de um maiô, mas reconheço uma missão de caridade quando vejo uma.

“Pode ser mais fácil se você levar companhia,” diz Donna, no carro, na auto-estrada Major Deegan. “Mas talvez conheça alguém lá.”

Quando não respondo, ela diz, “Quem foi o último sujeito que achou que poderia levar a um casamento?”

Eu sei que ela não está fazendo uma pergunta tanto quanto está tentando abordar minha falta de vida social. Mas eu digo, “Aquele cara francês com quem saí.”

“Eu me esqueci dele,” diz ela. “Como era mesmo o nome?”

“Tarado,” respondo.

“Isso mesmo,” ela diz.

Na entrada da loja, nos separamos e combinamos de nos encontrar em uma hora. Sou uma compradora expert, distinguindo conteúdo de fábrica pelo toque, identificando modelos exclusivos num relance. Aqui na Loehmann's, na Rua 237 da Broadway, estou em meu elemento – Margaret Mead observando a chegada dos tempos em Samoa, Aretha Franklin exigindo R-E-S-P-E-I-T-O em Motor City.

Mesmo assim, eu procuro durante uma hora toda sem encontrar um único talvez, até que o vejo, meu vestido perfeito, um conjunto preto de Armani – mas somente num tamanho de formiga dois e aranha quatro. Penso ‘Uma mulher mais esperta do que eu, comprou meu número dez na Saks ou Barney's semanas atrás, sabendo que nunca chegaria ao Loehmann's. Ela reconheceu seu vestido quando o viu e não hesitou. Aquela mulher está abotoando seu conjunto agora mesmo, a caminho do encontro com o homem que ama’. Mas, no provador comunitário, Donna me entrega o conjunto preto Armani número dez – aquele que quase fugiu. Pego esse como se fosse um talismã.

O vestido é perfeito? É muito perfeito.

Eu falo, “Você é minha fada boa das compras,” e sento no banco do provador, segurando o conjunto nos braços, enquanto Donna experimenta maiôs.

Ela ajusta as alças de um biquíni cor chocolate e faz uma careta ao espelho. Ela não sabe o quanto é bonita, especialmente sedutora com seus olhos de pálpebras pesadas; ela diz que as pessoas a param na rua e falam para descansar um pouco.

“Não me admira ser solteira,” ela diz ao espelho. “Até mesmo eu não quero ir para a cama com essas coxas.”

Eu respondo que casar-se não é como vencer o concurso de Miss América, não desmorona na competição de maiôs.

“O que você acha que desmorona?” ela pergunta.

“Batom,” respondo.

Mais tarde, celebramos nossas compras com sanduíches de peru, na Lanchonete Riverdale. Numa voz melosa, eu digo, “Sou uma mulher que veste Armani.”

“Roupas são armaduras,” ela diz.

Eu não preciso de armadura, respondo; estou feliz por Max e Sophie.

“Odeio casamentos,” Donna diz. “Eles me fazem sentir descasada. De fato, até mesmo escovar os dentes me faz sentir descasada.”

Ela pára seu discurso e, subitamente, parece cansada; suas pálpebras praticamente lhe cobrem os olhos. Ela me conta que está lendo um livro terrível chamado ‘Como Conhecer e Casar-se com o Sr. Certo’. “Seu principal conselho é jogar duro para conseguir. Basicamente, é um guia para manipulação.”

Respondo que talvez ela devesse parar de lê-lo.

“Eu sei,” diz ela, concordando parcialmente. “Mas é como se eu estivesse tentando pescar um peixe, nadando com eles. Fico me fazendo entrar na água novamente. Tento rios diferentes. Mudo meus ataques. Mas nada funciona. Então, eu descubro esse guia que me fala sobre varas de pesca e iscas, e como lançá-las e o que fazer quando a linha estica.” Ela pára e pensa. “A parte triste é que você sabe que vai funcionar.”

“Odeio pescar,” respondo.

O casamento está sendo realizado numa mansão restaurada, no Hudson. Eu vou até lá às vezes, aos domingos. Se um casamento não estiver acontecendo, pode-se pagar uma taxa para excursionar pela casa e arredores, mas eu pago meus \$4.50 apenas para sentar numa cadeira Adirondack, ler o jornal e olhar para o rio. É um local tão idílico que a faz sentir como se estivesse numa pintura – um Seurat – e, por um instante, fico esperando que um cavalheiro em mangas de camisa e chapéu de palha caia sobre mim. Então, ouço por acaso um guarda dizer que este lugar era somente para rosas e cinzas – festas de casamento e cidadãos idosos.

Eu chego na tarde chuvosa para ajudar Sophie a se vestir. Encaminho-me para o andar de cima, na primeira porta à esquerda, onde espero um quarto fora de moda com cortinas rendadas, penteadeira e uma cama de quatro colunas, mas encontro Sophie e suas amigas numa sala de conferências com cadeiras de plástico dobráveis e um projetor de slides. Ela está na bancada, vestida em suas meias e lingerie.

Aproximo-me dela e as palavras ‘noiva ruborizada’ vêm à minha mente, embora ela seja de fato uma quase constante ruborizada – de sol a vento, rindo, chorando, irada ou bêbada. Agora ela realmente parece estar radiante, e eu a beijo e digo “Olá, pequena vaga-lume.”

Sua hilária amiga, Mavis, serve-me um enorme copo de vinho; ela está grávida e diz que eu tenho que beber por duas agora.

Depois que ajudo Sophie a colocar seu vestido de marfim, ela me pede para maquiá-la, embora saiba que eu realmente não sei como. É pelo ritual em si; coloco uma leve

camada de sombra pálida em suas pálpebras e batom claro. Ela tira o excesso de batom com um lenço.

Mavis diz, “Jesus, Sophie, você parece uma piranha.”

O fotógrafo bate à porta para dizer a Sophie que é hora das fotografias, e o resto de nós a segue. Mavis e eu paramos no banheiro e, através das divisórias, ela conta que por um longo tempo não percebeu que estava grávida; achou que estava somente ficando gorda e com incontinência. “Então, a gravidez foi realmente uma boa notícia.”

Desde que eu não tinha nada a acrescentar sobre gravidez, contei-lhe que li que Tiny Tim usou fraldas em seus anos finais. Ele não tinha incontinência urinária, apenas achou que fosse uma boa idéia.

No andar de baixo, nos reunimos ao marido de Mavis e os outros convidados. Ocupamos nossos lugares na sala onde a cerimônia será realizada. Há uma vista para o rio, mas tudo que se pode ver é neblina, chuva e grama molhada.

Eu pergunto a Mavis como foi sua cerimônia, e ela diz que ao invés da “Marcha Nupcial”, ela escolheu a música de K.C. and The Sunshine Band, “That’s the Way – Uh-Huh-Uh-Huh – I Like It” e veio dançando pela nave.

Seu marido faz uma cara sem expressão. “Uh-huh, Uh-huh.”

A música toca. Nós esperamos. Mavis sussurra que tem que ir ao banheiro novamente. Eu digo, “Pense no quanto se sentiria melhor se tivesse uma fralda agora mesmo.” Isso é o que estou dizendo enquanto Max e Sophie caminham pela nave.

A recepção começa com uma banda Klezmer fazendo seu bloop-yatty-bloop, e Max e Sophie são carregados em cadeiras para a versão de casamento judeu das cadeiras musicais. Fui criada como uma assimiladora, mas não é minha identidade confusa que me impede de juntar-se a eles; eu tenho o espírito, mas não consigo aplaudir ao ritmo.

Finalmente, vamos para nossas mesas. Eu estou na Um, sentada entre Mavis e Sophie, e conheço todos na mesa exceto o homem tomando seu lugar no lado oposto. Ele é alto e grandalhão, de pele morena, testa alta e olhos grandes – bonito, mas isso não explica o que acontece comigo. Não tenho tido essa sensação há tanto tempo que nem mesmo a reconheço; no começo, acho que é medo. Meus folículos capilares parecem se individualizar e congelar, então é como se meu corpo inteiro se estimulasse. Ele sorri para mim e murmura, “Sou Robert.”

Eu murmuro “Jane.”

Quando volto de meu desmaio, Mavis está dizendo à mesa que meu comentário a respeito de fraldas a fez urinar nas calças. Ela me diz que eu devo mencionar Tiny em meu brinde, e só agora lembro que deveria fazer um. Tento pensar em um durante o jantar, mas também estou tentando não encarar Robert; estou trêmula e não exatamente preparada quando é minha vez de ir ao microfone.

“Oi,” digo à multidão. Espero que algo venha à mim e então, quando olho para Sophie, acontece. Digo que nos conhecemos após a faculdade, em Nova York, e ao longo dos anos, tivemos uma sucessão de namorados, mas não fomos tão felizes com nenhum deles. Estávamos sempre nos perguntando, “Isso é tudo que podemos esperar?”

“Então,” continuo, “lá estava nosso período de cavalos-marinhos, quando nos disseram que não precisávamos de companheiros, deveríamos nos fazer felizes apenas arrastando-se em carreiras.”

“Finalmente, Sophie conhece Max,” digo, e fico séria. Olho para eles. Penso, ‘Ele tem um rosto simpático’. E digo isso ao microfone. “Ele entende o quanto ela é engraçada, generosa e sincera. Entende que ótima pessoa ela é, e mesmo assim não quer esganá-la.”

Eu consigo alguns olhares perplexos aqui, mas Sophie está rindo. Continuo, “Max é o homem que Sophie não sabia se poderia esperar.”

Quando me sento, Robert levanta-se, e eu presumo que é para fazer seu brinde. Mas ele aproxima-se de meu lado da mesa e pergunta a Mavis se trocaria de lugar com ele. Ela responde, “Não,” e espera um momento antes de sair de sua cadeira. Robert senta-se ao meu lado e diz, “Adorei seu brinde.”

Eu me demoro sobre a palavra ‘adorar’ saindo de sua boca à respeito de algo meu. Ele conta que conhece Max de seus anos como calouro – aproximadamente 20 anos – e eu lembro que um grande número de amigos da Oberlin está aqui, e pergunto o que os une pela vida toda.

“Ninguém mais ficaria sendo amigo nosso”, ele diz.

Então, outro brinde toma lugar no microfone.

Brinde, brinde, brinde; Robert e eu conseguimos conversar somente durante os intervalos, em apressadas trocas: descubro que ele é cartunista, e eu tenho que lhe dizer que trabalho com propaganda. “Mas,” falo, e não sei o que dizer em seguida. “Estou pensando em abrir um museu para cães.” Brinde.

“Um museu para cães?” diz ele. Não tem certeza se estou brincando. “Para diferentes raças?”

“Talvez,” respondo. “Ou poderia ser um museu que cães apreciariam. Poderia ter exposições interativas de esquilos que os cães pudessem perseguir e, de fato, apanhar. E uma galeria de aromas.”

Brinde. Ele conta que acabou de se mudar para Nova York, vindo de L.A., e está morando com a irmã até que encontre um apartamento. Eu lhe digo que moro no velho apartamento de Sophie, um enorme prédio antigo apelidado de Dragonia por causa de suas gárgulas. Quase todo mundo conhece alguém que morou lá – uma ex-namorada ou massagista, um primo – e Robert também, embora não especifique quem. Brinde.

Eu poderia checar vagas para ele? Sim.

O pai de Sophie vai até o microfone para o último brinde, uma posição de honra que solicitou. Ele lê uma poesia rimada:

“Eu desesperei-me com minha filha solteirona,
Embora tenha considerado terrivelmente bom.
Então surgiu Maxie, louve à Deus, dos céus, marquei um gol.”

Sophie balança a cabeça; Max tenta sorrir para o sogro. Robert inclina-se e sussurra para mim,

“Papai tenta terrivelmente mal,
Mas este sujeito não é o tal.”

Max e Sophie vão de mesa em mesa para falar com seus convidados, e assim que Robert e eu temos a chance de conversar sem interrupções, uma escultural beldade num vestido drapeado interrompe.

“Jane,” diz Robert, “esta é Apollinaire.”

Estou prestes a dizer, “Chame-me de Afrodite,” mas percebo a tempo que ele não está brincando.

“Sente-se,” ele a convida, acenando para a cadeira ao meu lado. Mas ela graciosamente cai ao lado dele, como se para preencher sua urna, forçando Robert a dar as costas para mim. Ocorre-me que talvez eu não seja a única borboleta cujas asas flutuam na presença desse estame.

Depois que ela plana para longe, Robert me conta que ela compõe música para filmes e foi indicada para o Oscar. Penso em meu único prêmio, uma menção honrosa no concurso infantil para desenhar o Mr. Bubble.

“Gosto de sua toga,” digo, confundindo meus velhos.

Conversamos, conversamos, e então Robert anuncia para a mesa em geral que é hora de prepararmos o carro de fuga dos recém-casados. Do lado de fora, está chuviscando. Robert recupera duas sacolas de compras de trás dos arbustos e nos guia até o carro de Max.

Mavis desenha rostos sorridentes com creme de barbear nas janelas.

“Três droll,” diz o marido dela, observando.

Eu não borribo uma palavra. Fico em posição com meu creme de barbear, mas nada surge. Digo que estou bloqueada. Robert, prendendo latas aos pára-choques, diz, “Apenas finja que está pichando seu jornal.”

Enquanto nos afastamos do estacionamento, ele diz, “Tenho certeza de que é o carro dele.”

Dentro, Sophie diz que roubou um cigarro e saímos para o pátio. As mesas e cadeiras estão molhadas, mas nos arranjamos para erguer seu vestido, então é apenas sua calcinha contra o banco e a enorme saia levantada sobre os braços da cadeira. Ela me lembra um cisne.

Temos tanto a dizer uma para a outra que apenas o silêncio serve. Nos revesamos com o cigarro, como fizemos milhares de vezes antes, até que seus pequenos sobrinho e sobrinha correm para fora e gritam, “Estão todos procurando por você!” Sophie me entrega o cigarro e, enquanto se levanta, diz, “Cuidado com Robert.” Antes que eu possa perguntar por que, os pequenos a arrastam para dentro.

Dentro, alguém está chamando, “Mulheres solteiras! Donzelas!” A maioria dos amigos de Max e Sophie é solteira, e uma grande multidão reúne-se junto à escadaria; pela primeira vez em minha vida casadoira, me junto a eles. Sophie aparece no topo dos degraus. Seus olhos arregalam-se ao me ver. Não confiando no acaso, ela nem mesmo dá as costas para a multidão; joga o buquê para mim e eu pego.

Então, beijos e arroz jogados, os recém-casados vão para a Itália por três semanas.

É hora de partir e eu quero dizer adeus a Robert, mas ele está conversando com Apollinaire. Chamo sua atenção e aceno, ele pede licença e se aproxima. “Está indo embora?” diz.

Ele me acompanha até a porta e pelo caminho do estacionamento. Naquele momento, a chuva havia cessado, embora o céu não estivesse limpo e as árvores carregadas de água. “Esse é meu carro,” digo. É um velho Rabbit VW, com tantos arranhões e amassados que parece que esteve numa briga.

Ele fica parado junto à porta do passageiro, eu estou na do motorista. Ele parece estar esperando por algo, e eu falo, “Gostaria de convidá-lo, mas está uma bagunça.”

Os bancos da frente estão cobertos com toalhas velhas úmidas porque a capota do conversível vaza, e o chão está entulhado de embrulhos de fast-food das últimas viagens, dúzias, que fiz. Eu digo que o lixo e os trapos desencorajam os ladrões e, se o lixo não os detém, há o cheiro de poodle molhado.

“Você tem um poodle?” ele pergunta.

“Um Standard,” respondo. “Jezebel.”

Ele cresceu com poodles Standard e os ama, e de que cor é o meu? Acho que encontrei o único homem honesto no mundo que ama poodles. Ele conta que possui um gato. “Um gato?” digo. “Como pode fazer isso?”

“Eu a amo,” diz. “Mas ambos sabemos que ela é apenas uma inquilina.”

Então surge uma torrente de gotas – no começo, acho que são das árvores, mas é chuva de verdade, chuva total, e Robert puxa sua jaqueta sobre a cabeça, corre para o meu lado, beija meu rosto e galopa de volta à mansão, provavelmente para as asas abertas de Apollinaire. Eu me sento sobre os trapos molhados e tento não me sentir como um.

Então ele bate em minha janela, e eu abaixo o vidro. Ele diz, “Posso te ligar,” e eu respondo “Claro” tão rápido que minha voz atropela o resto de sua frase “a respeito do Dragonia?”

“Claro,” falo novamente, fingindo não ter respondido da primeira vez. “Estou na lista telefônica. Rosenal.”

“Rose’n’al, Rose’n’al, Rose’n’al,” ele diz rápido, e desaparece.

Ele não liga no domingo. Segunda-feira, entre linhas escritas dizendo ‘Ligue agora por seu brinde grátis’ e ‘Não há melhor hora para ligar’, eu ligo pra casa a fim de verificar minha secretária eletrônica. Sinto-me animada ao discar, desanimada quando escuto a voz desumana dizer, “Sem novas mensagens.” Então ligo novamente.

Donna liga para perguntar sobre o casamento, eu lhe conto sobre Robert. Parece tão bom apenas dizer seu nome, como se ele ainda fosse um perigo real e imediato. Então tenho que dizer, “Mas ele ainda não ligou.”

Ela diz, “Por que você não liga para ele?” Eu não respondo. Minha devotada amiga continua, “Eu não acho que você se sentiria assim se ele não se sentisse do mesmo modo a seu respeito.”

Eu falo, “Como se sente a respeito de Jeremy Irons?”

Quando chego em casa, a luz vermelha da secretária está piscando. Eu digo, “Por favor, seja Robert.” É. Sua voz é baixa e tímida, dizendo que está saindo e ligará novamente.

Eu toco a mensagem de novo e observo a cara de Jezebel. “O que você acha?” pergunto. Ela olha para mim: ‘Acho que é hora de meu passeio.’

Caminhamos ao redor do quarteirão e estamos quase em casa quando nos aproximamos de um cachorro que não tínhamos encontrado antes, um belo weimaraner. Jezebel vai direto até ele e lambe sua boca. O weimaraner pula e se afasta. “Ele é um pouco tímido,” responde seu dono; conduzido por Herr Bonitão.

“Eu não acredito que você apenas se aproximou e o beijou,” digo à Jezebel. “Sem nem mesmo cheirar seu traseiro primeiro.”

Eu faço uma salada. Tento começar outro romance de Edith Wharton, mas não consigo me concentrar com o silêncio do telefone não tocando. Então, penso, e se ele ligar? Vou estragar tudo. Os únicos relacionamentos que não arruinei logo de cara foram aqueles que me arruinaram mais tarde.

Não admito para mim mesmo o que estou fazendo quando coloco o capacete de minha bicicleta e pedalo até a Barnes & Noble, há alguns quarteirões de distância. Finjo que talvez esteja indo apenas pegar outro romance de Edith Wharton. Mas desvio-me de ‘Ficção’ e encontro a seção de livros de ‘Auto-ajuda’. Penso “Auto-ajuda? Se eu pudesse me ajudar, não estaria aqui.”

Há pilhas e pilhas de ‘Como Conhecer e Casar-se com o Sr. Certo’, o terrível livro sobre a qual Donna havia me falado, terrível porque funciona. Eu levo minha cópia até o balcão tão furtivamente quanto faria com uma cinta para mulher ou um vibrador.

Não há fotografias das autoras, Faith Kurtz-Abromowitz e Bonnie Merriel, mas após somente algumas páginas, eu as vejo perfeitamente. Faith é uma reservada e vaporosa loura; Bonnie, do tipo menininha, é brincalhona e possui covinhas fundas. Eu as conheci durante toda minha vida: nas aulas de ginástica, jogando voleibol, elas são aquelas aplaudindo e gritando “Esquive-se e gire – nosso time realmente é o maior!” No colegial, Bonnie era a minha Santa Secreta. Nos escritórios de departamento pessoal, quando fazia piadas a respeito de minha fobia por entrevistas, Faith era aquela que dizia “Apenas faça o melhor que puder.”

Agora estou me voltando para elas por orientação.

Contudo, elas prometem que, se eu seguir seus conselhos, “você irá casar-se com o homem de seus sonhos!” e eu leio. A premissa é de que homens são predadores naturais e, quanto mais difícil é a caçada, mais eles apreciam a presa. Em outras palavras, a última coisa que você quer fazer é dar um tapinha nos ombros de um caçador e pedir que atire em você.

Metade de mim tem que fazer piada do livro, se é apenas porque quebrei todas as suas regras – “votos”, como elas chamam – a outra metade sente-se aliviada por não ter quebrado nenhuma com Robert ainda.

Eu leio o livro de cabo à rabo até que chego ao ‘Não seja engraçada!’ Penso, “Não seja engraçada?”

“Correto,” ouço uma suave, estóica Faith dizer. “Engraçada é o oposto de sexy.”

“Mas sinto-me atraída por homens engraçados,” respondo.

Saltitante Bonnie diz, “Não estamos falando a respeito de por quem você se sente atraída, tolinha! Saia com palhaços e comediantes se quiser! Ria até morrer! Apenas não faça quaisquer piadas você mesma!”

“Homens gostam de feminilidade,” diz Faith, cruzando as pernas. “Humor não é feminino.”

“Pense em Roseanne!,” diz Bonnie.

“Ou naquelas garotas marionetes do Hee Haw,” acrescenta Faith, secamente.

“Que tal Marilyn Monroe?” respondo. “Ela era uma grande atriz cômica.”

“É por isso que, provavelmente, há uma linha de lingerie com o nome dela,” diz Faith.

“Mas Robert gosta de mim porque sou engraçada,” eu digo.

“Você não sabe por que ele gosta de você,” diz Faith.

Bonnie responde, “Você parece magnífica naquele vestido!”

Eu odeio este livro. Não quero acreditar. Tento pensar no que sei à respeito dos homens. O que vem à mente é um contador no trabalho, dizendo, “Noventa e nove por cento dos homens fantasiam sobre fazer sexo com duas mulheres ao mesmo tempo.”

Minha mãe mal me deu conselhos à respeito dos homens e eu recordo somente uma vez de ter perguntado, na 5ª série. Eu havia despachado uma amiga para descobrir se o garoto da qual gostava sentia o mesmo por mim.

“Más notícias,” relatou minha amiga, “ele te odeia.”

Mamãe ficou dizendo, “O que há de errado, gatinha?” Eu não podia contar a ela. Finalmente, perguntei-lhe como fazer um garoto de quem se gosta gostar de você. Ela respondeu, “Apenas seja você mesma,” como se eu tivesse a mínima idéia de quem

poderia ser. Perplexa, minha pobre mãe sugeriu que eu pulasse na bicicleta e pedalasse pelo quarteirão, para dar uma cor as minhas bochechas.

Meu irmão me convida para o evento beneficente de uma companhia teatral, na sexta à noite – sua namorada, diz ele, conhece o diretor. “É um evento para solteiros,” diz Henry.

“Solteiros?” respondo. Penso em fatias de queijo americano embrulhados individualmente.

“Há um tema,” ele diz.

“Desespero?” sugiro.

Ele segura a ligação e pergunta à Liz qual é o tema. Eu a escuto dizer, “é um baile”.

“Um baile?” diz ele, em seu tom ‘você está brincando’.

“Não fale assim,” ela responde. “Deixe-me falar com ela.” Ela pega o telefone. “Jane?” diz.

“Oi.”

“Soa estranho,” responde Liz, “mas fui no ano passado, e foi realmente divertido!” Ocorre-me que talvez eu não goste de diversão.

“Você quer conhecer homens,” diz Faith.

Bonnie continua, “Diga sim para tudo a que for convidada!”

“O que mais você vai fazer na sexta à noite?” diz Faith, calmamente. “Acho que estamos falando sobre Edith Wharton – estou certa?”

Estou anotando o endereço da festa quando minha chamada de espera toca. É Robert.

“Oi,” digo, atrapalhada. “Estou com outra ligação.”

Faith diz, “Diga que ligará depois.” Mas fico confusa – esse não é o meu peixe na linha? “Ainda não,” diz ela. “Ele só está beliscando a isca.”

Eu pergunto a Robert se posso ligar depois. Ele responde que está num telefone público. “E daí?” Bonnie diz. “São só alguns centavos!”

Mas eu respondo, “Espere um segundo,” para Robert e digo à Liz que a verei na frente de trabalho.

Robert e eu conversamos sobre quanto o casamento foi divertido. Estou distraída, tentando seguir os votos, ou pelo menos não quebrando nenhum, mas os únicos que me vêm à mente são: Não diga ‘Eu te amo’ primeiro! Use os cabelos soltos! Não fale de casamento!

Ele me conta que está no Village, procurando apartamentos, e pergunta se eu gostaria de me encontrar com ele para um café. Bonnie diz, “Não aceite um encontro em menos de 4 dias!”

Eu me esquivo, perguntando como são os apartamentos, até que a voz gravada de um operador surge na linha, pedindo outra moeda ou nossa ligação será encerrada. Ele acrescenta uma moeda.

“Encerrada soa tão permanente,” diz. “Tão final.”

Eu penso, ‘Não se você acredita em pós-ligação.’ Mas Faith diz, “Sem piadas.”

“Então,” pergunta ele, “você gostaria de um café?”

Eu me forço a dizer, “Não posso.”

“Boa garota,” responde Faith.

“Oh,” diz ele. Pausa. Então Robert pergunta se quero jantar na sexta.

“Você tem planos,” responde Faith. “Diga.”

“Não posso na sexta,” digo. Ele deixa passar e pergunta sobre sábado.

“Ótimo,” diz Faith.

“Okay,” falo para Robert.

Então o operador surge novamente, pedindo outra moeda. Ele diz, “Ouça-o, fingindo que não nos interrompeu antes.”

Estou fervendo de animação.

Após a terapia, eu estou no elevador quando Bonnie diz “Isso foi ótimo!”
“O quê?” pergunto.

“Você manteve o voto ‘Não conte à sua terapeuta sobre o guia’!”

“Porque quero que ela pense que estou progredindo,” falo. “Estou esperando pelo dia em que ela fale que estou muito melhor e não preciso mais voltar.”

“Nesse mesmo dia, sua lavanderia recomendará lavagem à mão,” diz Faith, penteando os cabelos.

Quinta à noite, Robert deixa uma mensagem com o número do telefone da irmã; eu copio o número e pego o telefone para ligar de volta. “Ainda não,” Faith diz. “Faça-o se indagar um pouco.”

“Isso não é rude?” pergunto.

“Não,” responde ela. “Rude é não escrever aquele bilhete de agradecimento para o casal gay que a levou para Connecticut três semanas atrás.”

“Eu não sei por que você sai com eles, afinal,” diz Bonnie, levantando os olhos de sua enorme tigela de pipocas. “Homens gays odeiam mulheres.”

“Perdão?” digo.

“É verdade,” responde Faith.

“Por que estou ouvindo vocês?” pergunto.

Faith diz, “Porque você não quer dormir com Edith Wharton pelo resto da vida?”

Ligo do trabalho para Robert. “Oito horas está bom?” ele pergunta.

Eu concordo quase incapaz de manter a emoção afastada de minha voz. Bonnie aponta para seu pequeno relógio e, numa voz cantarolante, diz, “Desligue!”

“Ouça, eu tenho que ir,” falo.

Depois que desligo, Bonnie fala, “Conversas curtas! E seja a primeira a desligar o telefone!”

Faith concorda. “Faça-o ansiar por você!”

O baile está acontecendo no East Side, em Twenties, apenas um ginásio com sala de guarnições. Eu localizo Liz, adorável num macacão, e Henry, ainda de paletó. “Como vai?” digo.

Fico com meu irmão e Liz. Aqui estou eu, numa festa na noite de sexta, e tenho um encontro amanhã. Penso, ‘sou uma festeira’; a mergulhadora na natação social. Faith diz, “Parece bom, não?”

Parece. Muitos aplausos, ruídos e aclamações. Eu não consigo aplaudir, é claro, mas estou para deixar escapar uma aclamação quando Faith sacode a cabeça.

“Eu estava apenas me divertindo,” respondo.

Faith me lembra que não é para isso que estou aqui. “Isso é um baile para solteiros!” diz Bonnie, aplaudindo no compasso.

Liz diz que devemos dançar e, quando concordo, começa a procurar um parceiro para mim. O sujeito que ela traz é Gus, o diretor de palco, um grande urso de pelúcia, de

rosto barbudo e dentes tão pequenos que o fazem parecer não ter nenhum. Ele está ciente de parecer gentil; parece-me julgar uma pobre e simplória Catherine de 'Washington Square', ou uma pobre e doente Laura de 'The Glass Menagerie'. Pega minha mão e me guia até a pista de dança.

"Agradeça seu parceiro," diz Bonnie. "Damas, cortesia."

Enquanto Gus e eu passeamos, ele sorri encorajadoramente para mim, como se eu fosse a Clara de 'Heidi' e ele estivesse me ensinando a caminhar. Mas, de repente, lembro de meu baile da 3ª série e sou aquela 'eu' de nove anos, conduzindo meu parceiro e guiando a dança. "Ótimo!" diz Bonnie.

Faith oferece um reprimido "Ya-hoo."

Após a dança, estou prestes a dizer 'Estou seca como um gambá', mas Faith interrompe: "Diga 'Vamos beber algo gelado'," e são as palavras que pronuncio.

"Claro," responde Gus.

Vamos até o bar, e Faith diz: "Pergunte-lhe o que um diretor de palco faz."

"Homens adoram falar de si mesmos!" responde Bonnie.

Então, eu pergunto, e ele diz, "Eu faço o que ninguém mais quer fazer." Sou aconselhada a sorrir como se estivesse fascinada.

Bebericando uma cerveja, Faith diz, "Agora o deixe fazer o trabalho." Estou apenas feliz demais para condescender. Bonnie diz, "Deixe seus olhos percorrerem a pista de dança!" 'Mas isso parece indelicado'. "Ele é uma probabilidade," responde Faith, "não caridade."

Olho ao redor e Gus, tentando reconquistar minha atenção, pergunta se eu gostaria de dançar novamente. Bonnie responde "Uma dança por cliente!"

Ao invés de dizer um engraçado 'Muito agradecida, mas devo juntar-me à meu familiar', eu antecipo Faith e respondo, "Foi um prazer conhecê-lo, Gus."

Como uma convidada própria, Bonnie diz, "Circule!" e eu obedeço.

"Não estabeleça contato visual," diz Faith.

"Verdade?" pergunto.

"Você pensa que essa é a única maneira de fazer um homem notá-la, não?" ela diz.

"Pobre cordeirinha!" exclama Bonnie.

Eu nunca admiti isso nem mesmo para mim. Pareço patética. "Sim," diz Faith, "especialmente porque nada é mais desafiador para um homem do que a falta de interesse."

Para minha surpresa, ela está certa. Homens surgem do nada e flutuam sobre mim. Bonnie e Faith me dizem o que fazer e eu obedeço: Recuso uma dança pela segunda vez com um homem pela qual, de fato, estou atraída; não entro no concurso de comer tortas; faço perguntas como "Que tipo de lei você pratica?"

Ao fim da noite, o número de meu telefone está em meia dúzia de bolsos. "Isso nunca me aconteceu antes," digo a Faith.

Ela responde, "Eu sei que deveria fingir surpresa."

Quando meu irmão e Liz acompanham-me até minha bicicleta, ele pergunta, "Quem eram aqueles sujeitos com quem você estava conversando?"

"Quem sabe?" respondo, atordoada com a liberdade para fazer piadas. "Sinto-me como a beldade do baile."

Ele emenda "A enxada da labuta."

"Sabe o que acabou de me ocorrer?" falo, rindo. "Fui a um baile de solteiros num ginásio, para conhecer homens."

Quando Liz fala, "Você não deve pensar desse modo," lembro de Faith, em pessoa, dizendo, "Apenas faça o melhor que puder." Indago-me se meu irmão irá se casar com ela.

Pouco antes de Robert chegar, Bonnie aconselha, “Não se mostre ansiosa demais!” Quando olho no espelho, meu sorriso é enorme e meus olhos encontram-se arregalados de antecipação. Digo à mim mesma para pensar em morte. Quando isto não funciona, penso na sessão de lavagem cerebral de ontem, para dar nome a um novo clube automobilístico para motoristas assíduos.

Robert toca a campainha. Abro a porta e ele parece tão excitado quanto eu momentos atrás. Ele vê Jezebel, ajoelha-se e acaricia suas costas. “Jezzie,” diz.

“Quer um copo de vinho?” ofereço. Ele quer.

Robert me segue até a cozinha. Diz que ainda está caçando apartamentos, eu me importaria se ele desse uma olhada ao redor? “Vá em frente,” respondo, e ele vai.

Ele pergunta se eu tive chance de checar vagas em meu prédio e recordo de Erich von Stroheim, em ‘Sunset Boulevard’, dizendo, “Não era Madame quem ele desejava, era seu carro.”

“Desculpe – não tive,” respondo e, se eu estivesse num de seus quadrinhos, haveria pingentes de gelo pendurados em meu balão. Talvez ele tenha escutado porque fica quieto por um momento.

Ele passeia pela sala de estar e detém-se à mesa com minha pequena fazenda de animais de papelão em sua bancada de madeira. Ele pega cada um – o touro, o carneiro, o porco, a vaca – e lê a informação sobre criação na parte de trás. Digo que as encontrei num mercado de pulgas em Berkshire. Imaginei criancinhas na fazenda, vindo de suas tarefas, brincando com suas vacas e carneiros de papelão. Estou a ponto de explicar o que acho de comovente e também divertido, mas vejo que não preciso. Ele se aproxima de minha estante de livros e nota minhas máquinas de escrever portáteis, dos anos 50. Sussurra seus nomes, “Silent” e “Quiet Deluxe”, que foi o que fiz quando as vi pela primeira vez.

Durante o jantar, num simples restaurante francês da vizinhança, ele pergunta como fui me envolver com publicidade. Bonnie diz, “Não seja negativa!”

“Começou como um dia de trabalho,” respondo. Conto que achei que escreveria peças, romances ou manuais de requerimento à noite. Mas publicidade fez meu QI diminuir; tenho que trabalhar toda noite apenas para voltar ao normal.

“O que você faz?” pergunta ele.

“Livrei-me da televisão,” respondo, “e leio clássicos.”

“Quais?”

“Middlemarch foi o primeiro,” digo.

Ele ri. “Você fala como se não tivesse certeza se eu tinha ouvido falar.”

Continuamos conversando a respeito de livros e, quando digo que Anna Karenina é meu favorito, parece ter o efeito que ‘não estou usando calcinha’ tem em outros homens. “A coisa boa a respeito de ler é que você nunca fica bloqueado – e cada página é realmente bem escrita,” falo. Ele sorri, mas seriamente, e posso perceber que ele ouve o que eu não estou dizendo.

Pergunto sobre seu trabalho e ele diz que é difícil descrever quadrinhos – você termina apenas contando o enredo e seus quadrinhos nunca possuem um. “Vou te mostrar,” diz. Quando pergunto por que deixou Los Angeles, ele fala que aquele era o lugar mais solitário do mundo. “Especialmente quando você sai com as pessoas. Todos sorriem de suas piadas.” Ele ama Nova York, diz. “É como Oberlin – é onde as pessoas que não pertencem a lugar algum pertencem.”

Apenas quando Faith diz para parar de encarar Robert, eu percebo que estou o fazendo. Baixo os olhos para sua mão sobre a mesa. Vejo que a marca onde ele segura a caneta é ligeiramente escura por causa da tinta que não consegue tirar.

Bonnie diz, “Pergunte se ele usa um computador.”

“Você não usa computador?” falo, e essa parece a pergunta mais fútil que poderia ter feito.

“Somente para animação,” ele responde. “Sou um Luddite, como você com seus _” sussurra, “_ Quiet Deluxe.”

Eu não sei o que é um Luddite, mas Bonnie não me deixará perguntar. Quando a conta chega, Faith diz, “Nem mesmo olhe para ela.”

“Deixe que ele pague,” diz Bonnie.

“No que está pensando?” pergunta Robert, colocando seu cartão de crédito na tigela de couro. “\$87.15 por seus pensamentos.”

“Seja misteriosa!” diz Bonnie.

“Com licença,” digo e vou até o toalete.

“O vinho tinto manchou um pouco seus dentes,” diz Bonnie, entregando-me um lenço. “Apenas esfregue os da frente.”

“Escutem,” digo a elas. “Eu aprecio o que vocês estão tentando fazer por mim, mas acho que estarei melhor sozinha com Robert.”

“A noite passada não foi sorte,” responde Faith.

“Mas Robert é diferente,” digo.

“A única diferença é que você o quer,” diz ela.

A caminho de casa, Robert pega minha mão, não entrelaçando nossos dedos, mas realmente tomando posse. “Largue a mão dele primeiro,” diz Faith.

Eu adoro ficar de mãos dadas. Em toda minha vida tendo encontros, eu nunca soltei a mão primeiro. “Você consegue,” diz Faith, e eu me forço a fazê-lo.

Bonnie diz, “Deixe-o ser o filhotinho carente!”

Em minha porta, ao invés de perguntar se pode entrar, Robert pergunta se pode levar Jezebel para passear comigo. “Em nosso primeiro encontro?” pergunto.

“Se me deixar,” diz ele, “vou respeitá-la ainda mais.”

Lá fora, ele conhece os cães da vizinhança – e diz o que eu sempre digo: “Posso dizer olá para seu cachorro?” Seus favoritos são os meus favoritos – Flora, a enorme bulldog; Romeo, o Great Dane arlequim.

Eu penso ‘você ama cães tanto quanto eu’.

De volta ao meu apartamento, solto Jezebel da coleira e, em meu mini-vestíbulo, ele se inclina e nos beijamos.

“O encontro termina agora,” diz Faith. “Não vai ficar melhor.”

“Okay,” eu respondo, em minha surpresa amorosa. “Boa noite, Robert.”

Seus olhos parecem desapontados e quero tocar sua mão e puxá-lo para mim, mas Bonnie diz, “Deixe-o se perguntando.”

E eu deixo.

Ele liga na manhã seguinte, enquanto estou fora com Jez. “Oi, meninas,” diz sua mensagem. “Estava me perguntando se vocês gostariam de ir à corrida de cães.” Não há nada que eu mais queira fazer, mas sei que não posso. Bonnie praticamente me dá um abraço. “Gostaria de vê-la,” diz Robert, quando liga mais tarde.

Meu corpo inteiro ouve essas palavras. Ele pergunta quando poderemos ficar juntos e, embora eu pense ‘Agora mesmo é tempo demais para esperar’, respondo, “Sexta-feira?”

“Próxima sexta?” diz ele, abatido.

“Sem falta,” diz Bonnie, e bate palmas com Faith.

“Afinal, você gosta de mim?” pergunta Robert.

“Sim, gosto de você.”

“Muito?” insiste.

Faith me diz para fazer uma pausa antes de responder, e eu obedeço.

“Sim.”

“Bom,” ele diz. “Não pare.”

Bonnie canta, “Quem pode fazer o mundo girar com seu sorriso?”

Robert liga para mim no escritório e em casa. Telefona apenas para dizer bom dia ou boa noite. Uma noite, ele liga para me dizer que acha que encontrou um apartamento há somente alguns quarteirões do meu, e quer que eu vá vê-lo. Quero tanto ir que até dói. Digo a Robert que desejaria poder ir. Pergunto-me quando poderei ser normal de novo. “Você está normal agora,” diz Faith.

“Estragou tudo antes!” diz Bonnie. Faith continua, “Se você estivesse sendo sua normal agora, ele nem mesmo estaria ligando.”

“Tudo bem,” diz Robert. “Acho que vou assinar o contrato de aluguel.” Então: “Você não acha que estou te perseguindo, acha?”

Eu encontro Donna para um drinque e admito que li o livro sobre a qual ela me contou – o manual de pesca. “Não é horrível?” diz ela.

“Eu sei,” respondo.

“Todos aqueles pontos de exclamação,” diz ela. “Não pode ser aplicado a Nova York.”

“O fato é que,” digo, “está funcionando.”

“Você realmente está o seguindo?” Então, Donna continua, “Não sei por que estou dizendo isto – eu mesma tentei.” E conta que continua fingindo estar separada, mas os homens não parecem notar. “Talvez sejam os homens que estive encontrando,” diz. “Motorista,” e se imita, despreocupadamente dando um endereço.

Eu falo sobre meu encontro com Robert e que agora ele está me ligando o tempo todo e, de fato, havia se mudado para minha vizinhança.

“Não!” diz ela, zombando de minha desgraça.

“Mas é como se eu estivesse o enganando,” respondo.

Ela diz, “Bem, e que tal todos aqueles sujeitos que agem como se estivessem apaixonados por você para pular em sua cama? Como o Tarado?”

“Mas,” começo. Estou tendo dificuldades para explicar meu ponto de vista. “Quero que isso seja verdadeiro.”

“Será mais verdadeiro quando ele não estiver mais ligando?” Donna retruca.

Estou me preparando para o encontro com Robert quando Faith diz, “Tente não fazer tantas piadas dessa vez.”

“Ouça,” eu falo. “Engraçada é a melhor coisa que sou.”

“Fazer piadas é o seu jeito de dizer ‘você me ama?’ e quando alguém ri, você acha que estão dizendo sim,” diz Faith. Isso me faz parar. Ela continua, “Deixe-o cortejá-la.”

Bonnie me passa o desodorante. “Você pode ser tão engraçada quanto quiser ‘DEPOIS’ que ele a pedir em casamento.”

Robert chega cedo dizendo que quer me levar a uma peça. Ele trouxe uma vareta para Jezebel mastigar, e ela lhe dá um olhar amoroso que eu gostaria de poder dar. Sirvo-lhe uma taça de vinho e volto ao banheiro para terminar de secar os cabelos.

“Agora isso é um encontro de verdade!” diz Bonnie.

“Sua idéia de um encontro de verdade provavelmente termina num passeio de carruagem pelo Central Park,” eu digo.

“O que ela quis dizer foi que ele começou com um convite para café,” diz Faith. “Agora ele está tentando conquistá-la.”

Acima do motor de meu secador de cabelos, eu ouço o telefone tocar e, quando vou para a sala de estar, Robert está fitando a máquina, franzindo o cenho. Gus está perguntando se eu gostaria de ir jantar na semana que vem.

Robert olha para mim, “Ela não pode,” diz para a secretária. “Sinto muito.”

Vamos assistir “Meros Mortais”, uma coleção de peças de um ato, escritas por David Ives. Aquela que mais amo é sobre dois vaga-lumes num encontro; eles assistem a um documentário da natureza sobre eles mesmos e descobrem que suas vidas duram apenas um dia inteiro – após o acasalamento, eles morrem.

Saindo do teatro, Robert e eu estamos deslumbrados e exuberantes, falando e rindo ao mesmo tempo, e nos beijamos espontaneamente. Ele diz, “Quero me acasalar com você e morrer.”

Tomamos um drinque num daqueles restaurantes fora de moda, no distrito teatral. Robert diz que a peça dos vaga-lumes é o que cada caricatura que ele desenha aspira ser – belo e engraçado e triste e verdadeiro. “Quero vê-los,” eu digo.

“Okay,” diz ele, pegando um pedaço de papel. É um desenho, feito à caneta, de Jezebel e eu penso, ‘você é o homem que eu não sabia que poderia esperar’.

“Relaxa,” diz Faith. “É só um desenho.”

De volta ao meu apartamento, começamos a nos acasalar de roupa, deitados no sofá, em cima de farpas de vareta mastigadas. No começo, a voz de Faith não é mais do que um distante alarme de carro. Mas fica mais alto e a ouço dizer, “Não.”

“Sim,” eu digo a ela.

“Você não quer perdê-lo,” diz ela, no tom de voz que usaria para falar com alguém prestes a pular pela janela. “Do modo como tem perdido cada homem que realmente desejou.”

Eu suspiro por dentro e me afasto. “O que foi?” diz ele.

Eu falo que não estou pronta para dormir com ele ainda. “Okay,” diz ele, puxando-me para si novamente. Nos beijamos, tocamos e movemos um contra o outro por mais alguns minutos e então ele diz, “Está pronta agora?”

Aqui está um homem que consegue fazer meu corpo cantar e me fazer rir ao mesmo tempo. “E é por isso que você não quer perdê-lo,” responde Faith.

Ao telefone, ele me conta que a ex-namorada ligou hoje. Eu imagino Apollinaire. Quero perguntar quem é ela e como ele se sente a respeito, mas Faith praticamente arranca o fone de minha mão. Ao invés disso, pergunto há quanto tempo eles terminaram.

Há quase um ano atrás, e foi ela a razão de ter deixado Los Angeles. “Ela quase me dizimou.” Ele pergunta se eu me importaria de assinar um pacto de anti-dizimação. Estou escolhendo quais de minhas próprias experiências dizimantes vou contar, mas Bonnie diz, “Ele não precisa saber disso!”

Nos encontramos para um drinque no café entre nossos apartamentos. Ele pergunta o que eu desejaria poder fazer ao invés de publicidade. Penso ‘gostaria de fazer colares de macarrão e folhas de papel reciclado; realmente não apreciei o jardim de infância em minha época’. Mas apenas sacudo a cabeça.

Ele diz, “Vamos fazer uma lista do que você acha que seria divertido fazer.”

“Não,” diz Faith. “Não o deixe pensar que precisa de ajuda.”

“Eu preciso de ajuda.”

“Ele vai achar que você é uma perdedora!” exclama Bonnie, com o dedo polegar e indicador sinalizando um L; a marca de ‘Loser’ piscando.

Ele não liga na manhã, tarde ou noite seguinte, e é desnecessário dizer que eu não posso ligar. Sexta à noite, vamos ao cinema como planejado, mas ele não segura minha mão no teatro escuro nem me beija dentro do táxi à caminho de casa. Quero perguntar o que há de errado, mas Faith diz para não fazê-lo. “Demonstra o quanto você se importa.”

Quando o táxi pára em frente ao Dragonia, ele diz que está cansado. Não pergunta se tenho planos para o sábado à noite.

Na noite de sábado, eu leio até meia-noite. Quando levo Jezebel para seu último passeio, passo pela rua dele, do lado escuro da calçada. Ele e Apollinaire estão sentados em seu alpendre. Estou trêmula quando chego em casa.

Domingo, quando o telefone toca, eu corro para atender. Mas é um antigo flerte da faculdade, Bill McGuire – apelidado “Mac”. Ele vive no Japão e diz que virá a Nova York, no próximo fim de semana, e quer me levar para jantar no sábado.

Eu hesito. Bonnie responde “Saia!”

“Eu já saí,” falo. “Agora quero ficar aqui dentro com Robert.”

“Ele não está ficando!” diz Bonnie.

“Eu não sei disso,” respondo.

“Você os viu!”

“Podem ser apenas amigos.”

“Amigos?” duvida Bonnie.

“Ele foi para Oberlin.”

“Irrelevante,” interrompe Faith, “caçadores gostam de competição. Significa que o que eles querem vale a pena possuir.”

“Mas eu me sentiria terrível se ele saísse com outra pessoa,” eu digo.

“E você está tentando sair, por exemplo?” pergunta Faith.

“Não funciona assim,” diz Bonnie.

Eu concordo em jantar, mas assim que desligo, falo “Isso parece errado.”

“É certo,” responde Faith, tirando o vestido. “Só é pouco familiar.”

“Não,” insisto. “Parece errado.”

Ela está usando uma confortável combinação de seda cor champanhe, com alças espaguete. “Você não está sendo perseguida do modo como sempre quis ser?” pergunta.

“Eu estava.”

“Isso ajudará,” diz Faith, categoricamente.

“Espero que esteja certa,” e então, “É uma bela combinação.”

“Você deveria comprar um!” diz Bonnie.

Um dia depois de Sophie voltar da Itália, nos encontramos para um café numa cafeteria do Village. Antes de me contar sobre a lua-de-mel, ela pergunta o que está havendo entre mim e Robert. Respondo que não sei. “Acho que talvez ele esteja vendo outra pessoa.”

“O quê?” pergunta ela.

“Eu o vi com a estátua de seu casamento,” digo. “Apollinaire – a deusa da NASA.”

“Apple é lésbica, okay?” diz Sophie. “Além do mais, ele está apaixonado por você. A questão é, você está apaixonada por ele?” Eu aceno com a cabeça. “Então, por que está deixando-o maluco?” pergunta. “Ele nem mesmo tem certeza de que você gosta dele.”

Eu hesito antes de quebrar o voto ‘Não fale a respeito do guia com garotas não-iniciadas!’ Então, conto tudo. Por um segundo, ela olha para mim como se eu fosse alguém que costumava conhecer.

“Você está falando sério?”

“Eu sei como isso parece,” eu digo. Tento pensar num modo para explicar. Pego emprestado a analogia ‘nadar-vs.-pescar’ de Donna. “Percebi que não sei nada a respeito dos homens.”

“Não sabe nada a respeito de manipulação,” diz ela.

“Diga-me que não arruinei cada relacionamento que tive.”

Ela fala algo sobre a falta de mérito de meus ex-namorados.

“Não quero arruinar com Robert,” falo, e admito que não acho que o livro esteja completamente errado.

“E no que está certo?” Sophie pergunta.

“Bem,” respondo. “Max fez o primeiro movimento, certo?”

Ela diz, “Max é um tarado.”

“E ele a perseguiu,” continuo. “Você nem mesmo retornou seus telefonemas.”

“Pensei que ele era um maluco,” diz ela.

“E ele disse ‘eu te amo’ primeiro,” insisto.

“Em nosso primeiro encontro,” diz. “Ele é como você – ou como costumava ser_”

“Bem, são todos votos do livro.”

“Votos?” Ela balança a cabeça. “Você precisa desprogramar.”

Ela rouba um cigarro de nosso garçom e eu lembro de perguntar por que havia me avisado sobre Robert. Ela hesita. “Pensei nele como um compromisso-fóbico. Mas agora estou mais preocupada com você. Tem que parar de ler esse livro.”

“Não tenho lido há semanas,” respondo. “Eu o interiorizei – você sabe como eu sou suscetível.” Eu a lembro da vez em que emprestei um antigo manual de datilografia da biblioteca: fiquei datilografando um exercício prático sobre a importância de um bom preparo nas entrevistas de emprego. “Toda vez que compareço à uma entrevista, eu ainda penso ‘cabelos bem penteados e unhas das mãos limpas dão a um empregador em potencial _”

Ela me interrompe. “Você precisa de um antídoto.” Ela sugere Simone de Beauvoir.

Estou lendo ‘O Segundo Sexo’, quando Faith diz, “Meu marido era um total compromisso-fóbico.”

“Verdade?” diz Bonnie.

Faith: “Lloyd não teve namorada durante todos os quatro anos em que estive na escola de medicina.”

“Talvez ele estivesse estudando o tempo todo,” eu digo.

“É,” ela responde, “estudando bocetas.”

Bonnie franze o nariz, “Faith!”

“O objetivo é,” continua Faith, “que o guia é sobre fazer compromisso-fóbicos se comprometerem.”

“Estou tentando ler,” digo.

“Você já leu as cartas dela para Sartre?” diz Faith. “Patéticas.” Eu a ignoro. Ela diz, “Vai perceber que ela nunca se tornou Madame Sartre.”

“Olhe,” eu respondo. “Não estou mais pensando em casamento. Eu só quero ficar com Robert.”

“Você soa igualzinha à Simone,” diz Faith.

Sexta-feira, Robert me leva para jantar no Time Café, um restaurante temático, e nos sentamos de frente para uma mesa de modelos.

Ele nem mesmo parece notá-las e, contra os protestos de Faith, eu lhe digo com os olhos como me sinto. Posso notar que fica surpreso – ele praticamente diz “Eu?”

“Você,” digo.

“Eu, o quê?” ele pergunta.

“Fará amor comigo depois do jantar?”

“Não acredito em você,” diz Bonnie. Faith chama uma garçonete e pede martíni duplo. Robert puxa a mesa de lado e aproxima-se de mim no sofá. Nos beijamos e não paramos até as saladas chegarem.

Ele come numa velocidade teatral. “Vamos pegar Jezebel e ir para o campo amanhã.”

“Sim,” eu digo.

Robert conta que Apple convidou-nos para ir à casa da namorada, em Lambertville, e tudo que tem a fazer é ligar avisando.

Bonnie diz, “Você tem um encontro amanhã, criança.”

Sinto o gosto do vinagre em minha salada. Assim que nossas bandejas são retiradas, eu peço licença para ir ao telefone. Disco informações. Sinto-me mal por cancelar com Mac, mas então o operador pergunta “Qual é o nome, por favor?” Sinto-me ainda pior. Não sei onde ele está hospedado.

Durante o jantar, tento me convencer de que poderia apenas não aparecer ao encontro. Mas sei que não sou capaz disso. “Robert,” eu digo, finalmente, “não posso ir com você.”

“Por quê?” ele pergunta.

Eu não consigo formar as palavras. Começo. Falo, “Eu tenho um...” e Robert continua “Você tem um encontro.”

Ele balança a cabeça por um instante. Então faz um sinal à garçonete. Enquanto ele assina a fatura do cartão de crédito, eu balbucio sobre o cara ser do Japão, e eu cancelaria, mas – Ele me interrompe com o olhar.

“Duas paradas,” diz ele ao motorista do táxi.

Faith diz “Boa jogada.”

Pela manhã, eu ligo para Robert; seu telefone toca e toca. Levo Jezebel à corrida canina no Madison Square Park. É o primeiro verdadeiro dia de verão, mas o céu claro e o sol forte apenas fazem Nova York parecer arenosa. Mesmo a visão de Jezebel saltitando não me anima. Sinto-me como um velho Beagle ganindo, com quem nenhum dos cães quer brincar.

“Sei o quanto isso é duro,” diz Faith. “Mas se Robert é tão facilmente desencorajado, ele não é o cara certo para você afinal.”

“Se Robert fizesse isso comigo, eu tentaria esquecê-lo,” respondi.

“Você está se colocando no lugar dele,” diz Faith.

“Você não é Robert!” diz Bonnie. “Não é um homem!”

“Sou um cachorro,” digo, “e vocês estão tentando me transformar num gato.”

Eu lavo os cabelos. Seco. Coloco um vestido e sandálias. Enfio um batom na bolsa. Faço tudo tão superficialmente quanto como se estivesse me preparando para um compromisso com meu contador.

Bonnie diz, “Veja suas unhas! Você poderia plantar um gerânio com o que está aí embaixo!”

“O que é essa implicância com as pessoas e unhas?” eu pergunto, irritada. Coloco meu capacete. “Você não vai pedalando sua bicicleta,” diz Bonnie. “Ele vai achar que você é esquisita.”

“Eu sou esquisita, Bonnie!”

“Bem,” diz ela. “Você não tem que usá-lo no braço ou onde quer que seja.”

Eu vejo Mac antes de ele me ver. Ele é alto, de ombros largos e cabelos louros ondulados, aristocrático num blazer azul e camisa branca. Suas feições estranhas – olhos caídos, lábios finos e queixo pontudo – de alguma forma conspiram para torná-lo atraente, embora eu não sinta nada da eletricidade do passado.

“Jane Rosenal,” diz ele, e enquanto beija o meu rosto, percebo que apesar de todo o flerte, nunca nos beijamos. Ele baixa os olhos para o capacete. “Bicicleta?”

“É,” respondo.

“Não é perigoso?” Eu aceno. “Você se importa se comermos lá fora?” ele pergunta.

Seguimos o maître do andar de cima até um estranho jardim no telhado, com velas e flores, flores por todo lugar. É refrescante e o céu está coberto de nuvens baixas. Por um momento, não estou arrependida por estar ali. Então me lembro de Robert e o preço desse jantar.

“Você quer uma garrafa de vinho?” Mac pergunta.

“Acho que vou querer um drinque-drinque,” respondo, e quando o garçom aparece, peço um martíni. Mac pede o mesmo.

“Então,” ele diz, e começa me fazendo as perguntas esperadas. Ele fala, então eu falo, sua vez, minha; é menos uma conversa do que uma chamada transatlântica. Ele diz que mora num hotel-residência para homens de negócios, o que é conveniente e luxuoso; quando ele acrescenta: “Lar, doce hotel residencial, eu acho,” é que percebo o quanto ele é divertido, monótono e sem expressão, seu próprio homem correto.

“A propósito,” diz ele, “pode me chamar de Mac se quiser, mas eu vou de William agora.”

“Eu vou de Princesa Jane,” respondo. “Se chegarmos a nos conhecer melhor, posso deixá-lo me chamar somente de Princesa.”

Ele ri. “É o que me recorde à seu respeito,” diz. “Você sempre foi tão engraçada.”

“Viu?” digo a Bonnie e Faith.

“E levou apenas quinze anos para ele te ligar,” diz Faith.

Após dois martinis e uma garrafa de vinho com o jantar, eu percebo que é melhor pedir café, se quiser sair andando com os próprios pés.

Durante a sobremesa, Mac pergunta se pode me chamar de Princesa, e eu respondo, “Sim, William.” Ele diz que planeja voltar da Ásia daqui há algum tempo; ele quer dar aulas em Morristown, Nova Jersey, o cavalariagem subúrbio onde cresceu.

“O que ensinaria?” eu pergunto.

“Qualquer coisa, exceto ginástica,” responde. “E quanto a você, Princesa? Consegue se ver envelhecendo no subúrbio?”

Eu sei o que ele está perguntando, e a Faith e Bonnie em mim estão contentes por ouvi-lo. Mas eu digo, “Apenas se é uma escolha entre o subúrbio e botar fogo em mim mesma.”

Do lado de fora, ele sugere irmos para algum lugar e tomar um drinque ou ouvir música; “Não, obrigada,” eu falo. Respondo que tenho que pedalar minha bicicleta e, se começar agora, só chegarei em casa antes do amanhecer.

“Posso beijá-la?” ele pede. Eu sacudo a cabeça. Estou prestes a dizer que meus lábios estão pedindo por isso, mas com um estalo, eu percebo que não estão.

“Você pode me destrancar,” digo, e entrego-lhe a chave.

Ele destranca minha bicicleta e diz, “Vamos colocá-la num táxi.” Ele chama um e manobra minha bicicleta dentro do porta-malas. Entro no carro e o agradeço pelo jantar. Ele acena e diz, “O prazer foi meu.”

Eu digo, “Você tem uma ótima personalidade.” Então, dou ao motorista meu endereço.

Nenhuma mensagem na secretária. Pego Jezebel e a levo para passear até o prédio de Robert. Olho para as janelas e tento adivinhar qual é a dele.

“Vá para casa, abóbora,” diz Bonnie.

Sento-me no alpendre. Jezebel se ajeita para deitar ao meu lado e coloca a cabeça em meu colo. Ao som de “Por que uma mulher não pode se parecer com um homem?” eu sussurro, “Por que um homem não pode se parecer com um poodle?”

“Você bebeu demais,” diz Faith. “Se quiser, pode telefonar para ele pela manhã.”

“Você só está dizendo isso para que eu vá para casa,” respondo.

Pela manhã, ainda não há resposta de Robert. À tarde, quando o telefone toca, eu corro para atender. “Princesa?” diz Mac. Ele fala que se divertiu muito.

“Eu também,” digo.

Depois que nos despedimos, Bonnie dá um tapinha em meu joelho, “Não é ótimo apenas ouvir o telefone tocar?”

Eu imagino Robert no campo com Apollinaire e a namorada. “Robert, por favor,” ela está dizendo, “a mulher faz publicidade, pelo amor de Deus.”

Talvez elas tenham levado uma companhia para Robert, uma certinha e estatuesca indicada ao Oscar.

“Você está perdendo!” diz Bonnie. “Foi você quem teve um encontro!”

À noite, eu ligo novamente para Robert e, dessa vez, ele atende. Digo, “Você não deveria estar me perseguindo?”

“Estive fora,” diz ele, e seu tom é vazio. Eu pergunto se pode me encontrar do lado de fora da cafeteria entre nossos apartamentos, e ele concorda.

Depois que desligamos, eu vou ao espelho e Bonnie me passa o batom. Faith senta-se na borda da banheira e estica a mão para pegar uma lixa. Ela lixa as unhas, pára e olha para mim. “Este é o momento decisivo na caçada,” diz.

“Isto é Nova York,” respondo. “Ninguém caça!”

“Não precisa se exaltar,” diz Bonnie. “É só uma analogia.”

“Sem mais caçadas ou pescas,” digo.

Faith diz, “Apenas sendo você mesma, é isso?”

“Não!” exclama Bonnie, franzindo tanto a testa que suas covinhas aparecem.

“Sim,” eu digo.

“Você irá perdê-lo, Jane,” responde Faith.

“Não vou.”

“Sim,” diz ela. “Irá.”

“Okay, mas vou perdê-lo à minha maneira.”

“Esse é o espírito,” responde Faith.

Eu fecho os olhos. “Quero que vocês desapareçam agora.”

Faith diz, “Já fomos embora,” e quando abro os olhos, elas não estão mais lá. O banheiro subitamente fica vazio e silencioso. Estou sozinha.

Na cafeteria, Robert encontra-se sentado do lado de fora, olhando o cardápio. Ele se levanta e beija meu rosto como se já tivéssemos rompido e iniciado uma amizade, o que me derruba. “Como vai?” pergunto.

“Bem,” ele diz. “Você?” Eu aceno. Ambos pedimos vinho tinto.

“Onde esteve?” pergunto. Ele não responde de imediato.

“Fui para Nova Jersey. A casa de meus pais,” diz, soando como se desejasse poder dizer qualquer outro lugar.

“Como foi?”

“O de sempre,” ele responde. “Molhei o gramado, discuti com meu pai, voltei e envelheci.”

Eu sorrio e ele parece não notar. Nosso vinho chega e ele toma um gole, depois outro. “Sua boca está roxa,” eu falo.

“Ouça,” ele diz. “Isso não vai dar certo.”

“Não?” Ele olha para Jezebel, que ergue a cabeça para ser coçada, e estende a mão. “Não agrade meu cachorro,” respondo. “Se estamos rompendo, você não pode tocar em nenhuma de nós.”

“Não podemos romper,” ele diz. “Você está saindo com outras pessoas.”

“Outra pessoa,” digo. “Do Japão,” acrescento, como se isso provasse algo.

“Que seja,” ele responde.

“Eu não quero sair com mais ninguém,” falo, e sinto alívio por dizer aquelas palavras, até que vejo que elas não têm qualquer efeito sobre ele.

“Não é isso,” diz Robert.

“O que é?”

Ele respira fundo. “Eu me apaixonei por outra pessoa.”

“Oh,” digo. “Bem.” Certa vez, ouvi alguém descrever o ciúme como sendo água gelada correndo em suas veias, mas no meu caso é mais como vômito.

“Não é que você não seja maravilhosa – você é maravilhosa,” diz ele. “Apenas, achei que fosse diferente.”

“O que quer dizer?”

Ele fala, “No casamento, você parecia diferente de...” Ele hesita. “... de quem se tornou.” Levei um segundo para perceber – ele quer dizer que se apaixonou por mim! Então percebo que também se desapaixanou.

Minha voz é tão baixa que nem mesmo eu consigo ouvir; tenho que repetir, “Em quem me transformei?”

Ele sacode a cabeça; noto que não quer me magoar, o que me magoa ainda mais. “Não,” eu falo, “de verdade, quero saber em quem me transformei.”

“Em alguém do colegial,” ele responde. Eu penso em Faith e Bonnie no ginásio. “Ou eu me senti como se estivesse no colegial e a perseguisse. Como se tivesse que merecê-la, conquistá-la ou algo assim.”

“É,” eu falo.

“Estávamos tendo encontros,” ele continua. “Eu nem mesmo sei como se faz isso.”

“Mas eu também não,” digo. Ele não reage. Não consegue mais me ouvir; ele decidiu quem sou eu e que não sou para ele.

“Sei que sou esquisito,” ele diz. “Mas para mim, nosso relacionamento começou quando a conheci no casamento.”

“Mesmo para mim,” respondo.

“Porém, você não é a mesma, Jane,” diz Robert, e sua voz é cuidadosa novamente. “Você me fez saber que eu teria que pedir com antecedência por encontros. Encontros marcados.”

“Encontros marcados,” eu repito, embora não haja maneira de ele saber que esta é uma expressão que eu mesma uso.

“Não é que você tenha feito qualquer coisa errada,” ele diz. “Quero dizer, você é a normal.”

“Eu não sou normal,” digo a mim mesma.

“Sinto muito,” diz ele, e sente mesmo.

“Quem você achou que eu fosse?” pergunto. “No casamento.” Ele balança a cabeça. “Diga-me,” acrescento.

Ele olha para mim como se eu fosse uma boa amiga, e deixa-se entregue a reminiscências sobre a pessoa por quem se apaixonou. “Você era realmente engraçada, esperta e aberta,” diz. “Estava lá.”

“Eu era assim ali,” respondo.

A voz dele é triste, “É.”

“Ouça,” eu digo. Ele está sendo compreensivo, mas sei que está se perguntando quanto tempo isso irá levar, e tenho que lutar comigo mesma para não dizer adeus e me levantar. “Eu fiquei com medo,” começo.

Ele parece me ouvir, mas não sei qual ‘EU’ – talvez somente a amiga que ele espera que eu me torne. “Não sou boa com homens,” digo. Ele ri pela primeira vez em muito tempo. “Você escuta todos esses conceitos a respeito de como uma mulher deve ser – você sabe, feminina.” Eu não quero continuar. “E eu passei minha vida inteira tentando não ouvi-los. Mas...” me forço a continuar, “eu quis tanto ficar com você que escutei.”

Ele acena, lentamente, e sinto que está começando a me ver – o “EU” que ele pensou que eu era e sou. Ainda assim, preciso de toda a minha coragem para dizer, “Mostre-me seus desenhos.”

No caminho para seu apartamento, eu lhe digo que pode segurar a correia de Jezebel se quiser, e ele o faz. Sigo-o pelas escadas do prédio, escalando meu fantasma da noite anterior, até seu apartamento no último andar.

Jezebel e eu esperamos do lado de fora enquanto ele fecha o gato em seu quarto. Então ele nos guia até seu estúdio, que possui enormes águas-furtadas, todas abertas, dando para os fundos. Ele pergunta se quero um copo de vinho e respondo que sim.

Uma parede está coberta de caricaturas em tinta preta e canetinha, presas com fita durex.

Eu descubro a galeria de aromas de meu museu para cães. Cavalos-marinhos arrastando-se. Vejo uma caricatura dele fazendo uma caricatura minha. Ele me entrega meu vinho. E eu digo que seus desenhos são belos e engraçados e tristes e verdadeiros. Ele sorri.

Eu lhe pergunto o que a crítica de seus sonhos diria a seu respeito. Ele gosta da pergunta. Pensa, e então diz, “Robert Wexler é um simplório em busca da verdade.”

Eu penso ‘Eu sou verdadeira em busca de um simplório’, e percebo que agora posso dizer o que quiser. E o faço. Ao invés de rir, ele me puxa para si. Beijamos, beijamos, beijamos, na frente de Jezebel e de todas as caricaturas.

Não há paradas agora. Ambos somos caçadores e presas, pescadores e peixes. Somos o x-salada especial com fritas e molho. Somos apenas dois vaga-lumes nos acasalando numa noite de verão.

Título Original: The Girls’ Guide To Hunting And Fishing
Copyright © Melissa Bank, 1999